

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM JORNALISMO**

VANESSA COSTA PETUCO

A errônea culpabilização do ETA pelo atentado de 11 de março em Madri
O discurso do El País e a submissão às fontes oficiais

**Porto Alegre
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM JORNALISMO**

A errônea culpabilização do ETA pelo atentado de 11 de março em Madri

O discurso do El País e a submissão às fontes oficiais

Vanessa Costa Petuco

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Benetti

Porto Alegre

2019

RESUMO

Esta monografia se propõe a compreender o discurso construído pelo El País na cobertura dos atentados de 11 de março de 2004, em Madri, buscando identificar o processo de culpabilização do ETA e os sentidos construídos pelo jornal sobre essa organização. A abordagem do jornalismo como discurso que acontece dentro de um contrato de comunicação, com base em Benetti (2008) e Charaudeau (2006), é o referencial teórico utilizado para compreender o papel do jornalismo na criação de sentidos. O trabalho apresenta o terrorismo e as organizações ETA, à qual os atos foram erroneamente atribuídos, e Al Qaeda, efetivamente autora dos atentados. Também desenvolve a relação do jornalismo com a democracia, seu compromisso com a verdade e sua submissão às fontes oficiais. O corpus é composto por 48 textos recolhidos das edições do dia 11 de março, dia do atentado, ao dia 14 de março, dia das Eleições Gerais da Espanha. Por meio da Análise de Discurso de linha francesa, foram identificadas 117 sequências discursivas que explicitam os sentidos de culpabilização imediata e relativização da culpa em relação à autoria do atentado e representam o ETA como uma organização 1) *cruel*, 2) *fria*, 3) *covarde*, 4) *que tem ódio a Madri*, 5) *mafiosa*, 6) *impotente ressentida*, 7) *criadora de desculpas* e 8) *ditadora fascista*.

Palavras-chave: jornalismo; terrorismo; discurso; El País; atentado de 11 de março

ABSTRACT

This monograph aims to understand the speech constructed by El País in the coverage of the attacks of March 11, 2004, in Madrid, seeking to identify the process of blaming ETA and the meanings constructed by the newspaper about this organization. The approach of journalism as a discourse that takes place within a communication contract, based on Benetti (2008) and Charaudeau (2006), is the theoretical framework used to understand the role of journalism in the creation of meanings. The paper presents the terrorism and the ETA organizations, to which the acts were wrongly attributed, and Al Qaeda, the author of the attacks. It also develops journalism's relationship with democracy, its commitment to the truth and its submission to official sources. The corpus is composed of 48 texts collected from the editions of March 11, the day of the attack, to March 14, the day of the General Elections in Spain. Through Discourse Analysis of French line, 117 discursive sequences were identified that explain the senses of immediate blame and relativization of guilt related to the authorship of the attack and represent ETA as a 1) *cruel*, 2) *cold*, 3) *coward*, 4) *hater of Madrid*, 5) *mobster*, 6) *powerless and resented*, 7) *excuses maker* and 8) *fascist dictator* organization.

Keywords: journalism; terrorism; speech; El País; March 11 bombing

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Regiões históricas bascas	19
Figura 2 - Capa de El País de 23 de fevereiro de 1981	40
Figura 3 - Linha do tempo da construção de sentidos sobre a culpabilização pelo El País	48
Figura 4 - Matanza de ETA en Madrid [T1, SD1].....	49
Figura 5 - Los atentados etarras con más víctimas y de mayor repercusión [T7, SD29]	53
Figura 6 - Las acciones más sangrentas de ETA en Madrid [T8, SD30]	54
Figura 7 - Víctimas do atentado sobre os trilhos do trem	69
Figura 8 - Bombeiros resgatam o cadáver de uma mulher que ficou presa entre o amassado de ferro do trem da estação de Atocha	70
Figura 9 - Dois jovens esperam ser atendidos pela assistência médica, em uma árvore perto da estação de Atocha.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 TERRORISMO	10
2.1 Al Qaeda	14
2.2 ETA - Euskadi Ta Askatasuna	18
2.3 O 11 de março	21
3 JORNALISMO E DISCURSO	27
3.1 Jornalismo e democracia	27
3.2 Compromisso com a verdade e submissão às fontes oficiais	29
3.3 Pseudoevento e meta-acontecimento	33
3.4 Contrato de comunicação	35
3.5 El País	39
4 OS SENTIDOS SOBRE O 11-M	42
4.1 Metodologia	42
4.2 A culpabilização do ETA	48
4.3 Os sentidos criados sobre o ETA	68
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	84

1 INTRODUÇÃO

Após três anos dos ataques do 11 de Setembro, nos Estados Unidos, que paralisaram os olhos do mundo à incompreensível imagem das Torres Gêmeas em chamas, sendo atingida por um avião pela segunda vez em poucos minutos, a Espanha também foi alvo das ações terroristas da Al Qaeda. Os ataques do dia 11 de março de 2004, mais conhecidos como ataques do 11-M, ocorridos nas estações de trem de Atocha, Santa Eugenia e Pozo del Tío Raimundo, em Madri, mataram 191 pessoas e feriram 1.858, sendo, assim, o maior atentado da história da Espanha até hoje e da Europa na época.

O terrorismo, entretanto, não era uma novidade no país. Desde 1958, o grupo separatista basco ETA (Euskadi Ta Askatasuna, em euskera, País Basco e Liberdade, em português) executava ações violentas contra policiais, militares e políticos com o objetivo de conquistar a independência do País Basco. Seu maior atentado ocorreu em 1987, no centro comercial Hipercor, na cidade de Barcelona, quando a explosão de um carro-bomba matou 21 pessoas e feriu 45. Até os atentados do 11 de março, o ETA já havia sido responsável por matar mais de 800 pessoas, além de ferir e sequestrar milhares e ameaçar dezenas.

Os atentados do 11 de março ocorreram em meio à campanha eleitoral, faltando somente três dias para as Eleições Gerais espanholas. Os espanhóis decidiriam quem sucederia o então presidente José Maria Aznar, do Partido Popular (PP), no dia 14 de março de 2004. O governo aznarista ia às eleições com a aceitação da opinião pública quanto ao seu trabalho de desarticulação do ETA, por meio de reformas nas leis de antiterrorismo, e com a rejeição devido à participação da Espanha na Guerra do Iraque. Portanto, a questão da autoria dos atentados era um fator provavelmente determinante para o resultado do pleito.

Tendo essa preocupação em mente ou não, poucas horas depois dos ataques o ministro do Interior, Ángel Acebes, declara a responsabilidade do ETA nos atentados. Juntamente a isso, o presidente do Governo, José María Aznar, entra em contato com o então diretor do jornal El País, Jesús Ceberio, para confirmar a autoria. Em sequência, o El País lança uma edição extra cobrindo os ataques, a qual leva em letras garrafais a manchete “Matanza de ETA” (Matança do ETA, em castelhano).

A imediata responsabilização do ETA pelos ataques chamou minha atenção, assim como o modo como o jornalismo incorporou uma declaração que, embora fosse oficial, era evidentemente apressada e, como se provou depois, leviana. A nossa escolha do El País para realizar a análise se dá, então, a partir desta manchete, que se destacou por seu caráter

assertivo entre as manchetes dos principais jornais pagos espanhóis. No jornal El Mundo, sua edição extra levava na capa a manchete “Más de 130 muertos en la mayor masacre terrorista de nuestra história” (Mais de 130 mortos na maior massacre terrorista da nossa história, em castelhano) e em La Vanguardia, “11-M en Madrid”. O jornal ABC é o que mais se aproxima ao mesmo caráter acusatório do El País, com a manchete “Masacre en Madrid: ETA asesina a más de 130 personas” (Massacre em Madri: ETA assassina mais de 130 pessoas). Frente a essa semelhança, optei por pesquisar o El País por este ser o jornal pago de maior circulação na Espanha, tendo 1.042 leitores por dia, segundo dados do Estudo Geral de Meios (EGM)¹ do terceiro semestre de 2019.

Assim, este trabalho se propõe a compreender o discurso construído pelo El País na cobertura dos atentados do 11 de março, buscando identificar o processo de culpabilização do ETA e os sentidos construídos pelo jornal sobre essa organização. A motivação pessoal para estudar este tema se deu no decorrer da experiência que tive ao fazer intercâmbio na Catalunha, comunidade autônoma da Espanha, no primeiro semestre de 2019. Nesse período que estudei na Universitat de Lleida, cursei a disciplina “Direito e Ética da Comunicação e Informação” com a professora Laura Bergés Saura, que deu exatamente este caso – a manchete da edição extra do El País na cobertura do 11-M – como um exemplo de como a falta de diligência jornalística deixa resíduos na opinião pública. Além de ter tido contato com a cultura nacionalista catalã, também fiz amigos e tive colegas da Catalunha, Galícia e do País Basco, os quais me contaram a história dessas regiões na luta pela independência, suas perspectivas nacionalistas e os principais conflitos envolvendo esses movimentos independentistas. É importante ter em conta o meu envolvimento pessoal com o tema e as pessoas envolvidas nele, pois há um pedaço de mim nesta pesquisa.

Discutir sobre como atuar frente a ataques terroristas é essencial para os futuros jornalistas, ou para aqueles que já exercem a profissão, visto que o ato terrorista é um acontecimento gerador de ambiguidade no jornalismo. Ao mesmo tempo em que existe um consenso no jornalismo sobre a sua noticiabilidade, ao romper com a normalidade dos fatos, é justamente da visibilidade dada pelos veículos de comunicação jornalística que o terrorismo se sustenta. Além disso, o tema escolhido para esta pesquisa permite debater a submissão do jornalismo às fontes oficiais. Logo que um atentado terrorista ocorre, as informações que se tem são pouco aprofundadas e incertas. Assim, compreendo que o jornalista deva se distanciar e realizar uma análise diligente e sistemática, lidando com os fatos com objetividade. Acredito

¹ Disponível em: <http://reporting.aimc.es/index.html#/main/diarios>

que é justamente analisar nossos erros o que nos permite redobrar nossa atenção e cuidado para não cometê-los novamente. Por isso, considero este tema relevante para os estudos de jornalismo, em especial na graduação, pois, a meu ver, é o espaço que define o refinamento no olhar que levaremos em nossa atuação profissional. Este trabalho conversa com e complementa as duas pesquisas realizadas no curso de Jornalismo da UFRGS que abordam o terrorismo: “*Terrorismo no telejornal: os sentidos apresentados pelo Jornal Nacional sobre o ato de terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris em novembro de 2015*”, de Carolina Carvalho Trindade (2016), e “*Jornalismo e a representação do outro: o muçulmano na cobertura dos atentados terroristas em Paris no jornal Folha de S.Paulo*”, de Débora Smith Sander (2017).

Tendo estas questões em conta, tenho como **objetivo geral** entender como o El País constrói a culpabilização do ETA e produz sentidos sobre a própria organização etarra na cobertura dos atentados do 11 de março. Como **objetivos específicos**, pretendo investigar as formas de construção do discurso presentes nas matérias, apontando quais sentidos dominantes são construídos durante o processo de culpabilização do ETA e quais sentidos são criados sobre a organização etarra.

Com esses objetivos, selecionei um *corpus* de 48 textos do El País de quatro edições, do dia em que os atentados ocorreram, 11 de março de 2004, ao dia das eleições gerais da Espanha, 14 de março de 2004. Estes textos são manchetes de capa, chamadas de capa, editoriais, reportagens, artigos de opinião e cartas de leitores. Com base em Benetti (2007, 2016), Orlandi (1999) e Pêcheux (1990), a Análise de Discurso de linha francesa foi a metodologia utilizada para realizar a análise.

De maneira geral, esta monografia está estruturada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No capítulo 2, exploro o desenvolvimento do terrorismo desde sua origem aos dias atuais, levanto algumas questões com referência em Dayan (2009) que definem o que é o terrorismo contemporâneo e apresento suas complexidades. Neste capítulo, também abordo a história da Al Qaeda e do ETA, bem como descrevo os ataques do 11 de março em Madri. Em seguida, no capítulo 3, desenvolvo a relação do jornalismo com a democracia, o compromisso deste com a verdade e sua submissão às fontes oficiais, abordo os conceitos de pseudoevento e meta-acontecimento e falo sobre a perspectiva do jornalismo como um discurso que acontece dentro de um contrato de comunicação. Neste terceiro capítulo, também apresento a história do jornal El País, suas especificidades e sua importância para a Espanha e o mundo. Por último, no capítulo 4, discorro sobre a Análise de Discurso de linha francesa como a metodologia utilizada, o *corpus*

selecionado e, posteriormente, apresento a análise das quatro edições do jornal El País que permite visualizar os sentidos criados no processo de culpabilização do ETA e na representação

2 TERRORISMO

Longe de ser um fenômeno contemporâneo, os atos de terrorismo existem desde o início da era cristã. As primeiras experiências de terrorismo organizado ocorreram ainda no século I, na Palestina, com os Zelotas, uma organização judaica que atuava tanto religiosa quanto politicamente. Também chamados de Sicarii (termo em latim que significa “homem do punhal”), os Zelotas utilizavam métodos terroristas para expulsar os romanos, conquistar a independência do país e forçar judeus moderados a lutar contra o invasor romano. Nesta época, uma tática comum dos grupos terroristas era o “tiranicídio”, ou seja, o assassinato de figuras políticas e religiosas (CHALIAND; BLIN, 2007). Mais à frente, no século XI, no Irã e na Síria o grupo conhecido como Assassinos usava o terror como instrumento para retirar do poder o Império Seljúcida. Sob comando de Gengis Khan e Tamerlão, no século XIII, os exércitos mongóis institucionalizaram o uso do terrorismo como estratégia de luta na unificação das tribos nômades e fundação do primeiro Império Mongol. Na Europa, o terrorismo teve sua primeira manifestação na Guerra dos Trinta Anos, no século XVII, quando o massacre de civis se tornou estratégia de ação (CHALIAND; BLIN, 2007).

No entanto, foi somente no século XIX que os termos “terrorismo” e “terrorista” foram cunhados, sendo agregados ao Dicionário da Academia Francesa como “sistema”, “regime do terror” (LAQUEUR, 2002, p. 6). No contexto pós-Revolução Francesa, o uso da guilhotina passou a ser um dos métodos do terrorismo de Estado contra os opositores. Esse período marcou o início do terrorismo moderno, quando tendências como o anarquismo, nihilismo, populismo, marxismo, fascismo e racismo passaram a ser as motivações centrais, enquanto a dimensão religiosa foi aparentemente deixada de lado (CHALIAND; BLIN, 2007).

O nacionalismo também passou a ser alavanca para o instrumento do terrorismo. Após a Primeira Guerra Mundial, em 1919, surge na Irlanda do Norte o IRA (sigla em inglês para Exército Republicano Irlandês), um grupo independentista que se utilizou de táticas de terror para conquistar a criação do Estado Livre Irlandês. De acordo com Hoffman (2006), o terrorismo irlandês estabeleceu um *modus operandi* que se tornou modelo para grupos terroristas nas décadas seguintes. Os grupos irlandeses foram os primeiros a reconhecer a importância de estabelecer uma base no exterior, a utilizar o sistema de bomba-relógio, a atacar transportes públicos e a tornar banal o desprezo à vida de inocentes (HOFFMAN, 2006, p. 11). De fato, o sucesso da aplicação do terrorismo pelo IRA inspirou as guerras anti-

coloniais dos movimentos independentistas e de libertação, como a Frente de Libertação Nacional, na Argélia, e a Organização para a Libertação da Palestina, e a luta separatista de grupos étnico-nacionalistas como o ETA, na Espanha. A resposta contra-terrorista espanhola, por meio do Batalhão Basco Espanhol (BVE) e dos Grupos Antiterroristas de Libertação (GAL), paradoxalmente utilizou o terrorismo como instrumento contra os etarras, seqüestrando e assassinando militantes ou não do ETA. O terrorismo de Estado também esteve presente nos regimes totalitários fascistas e nazistas, no stalinismo soviético, nos Esquadrões da Morte latino-americanos. O uso indiscriminado da violência física e psicológica, característico do terrorismo, se manifestou na política dos Estados Unidos, ao final da Segunda Guerra Mundial, ao lançar bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki com o objetivo de provocar a rendição do Japão.

A segunda metade do século XX representou o ponto de virada do terrorismo moderno ao contemporâneo. A evolução tecnológica desta época potencializou a letalidade dos atos terroristas, agregou a eles um caráter propagandístico e possibilitou sua aplicação em nível internacional. Na era da televisão, a audiência passou a ser um elemento relevante na lógica terrorista. De acordo com a ideia de “propaganda pela ação” (ou “pelo ato”), quanto maior a surpresa, maior a cobertura midiática (MERARI, 2007). Nesse contexto, o terrorismo passou a ter um caráter internacional: “os terroristas cruzam fronteiras para atacar, escolhem alvos por suas conexões com Estados onde são estrangeiros, atacam aeronaves em voos internacionais ou desviam aviões para outros países” (JENKINS² *apud* RABELLO, 2006, p. 25). Com a internacionalização do terrorismo, sua estrutura organizacional deixou de se limitar a um território regional e passou a englobar células distribuídas globalmente. Além disso, no terrorismo contemporâneo, a motivação religiosa das primeiras manifestações terroristas volta a se destacar. A lógica jihadista empregada por grupos como a Al Qaeda legitimou o uso do terror e glorificou o martírio. Assim, ataques suicidas passaram a fazer parte da estratégia terrorista do século XX.

Em 1995, a Resolução 49/60³ da Assembleia Geral da ONU definiu os atentados terroristas como “atos criminosos pretendidos ou calculados para provocar um estado de terror no público em geral, num grupo de pessoas ou em indivíduos para fins políticos”. Em contrapartida, Dayan (2009, p. 15) ressalta que é importante observar que não existe somente um tipo de terrorismo, porém vários, que se distinguem “pelos seus contextos históricos, pelos

² JENKINS. B. International terrorism: trends and potentialities. **Journal of International Affairs**, v. 32, n. 1, 1978.

³ Disponível em: https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/49/60

conteúdos, pelos métodos e pela sua relação com a ética”. Segundo Laqueur (2002), justamente pela grande variedade de terrorismo que existiu no decorrer da história, se torna impossível estabelecer uma definição. Esse entendimento converge com a ideia de Dayan (2009), que observa que o que os terrorismos têm em comum é somente o nome, sendo este nome atribuído aos oponentes com o intuito de desacreditá-los, além de ser usado como um pretexto para a suspensão de liberdade. Chaliand e Blin (2007) apontam que existe um paradoxo no terrorismo:

O que pode parecer abominação para uns, pode ser considerado ato de libertação para outros. Isso pode ser porque precisamente o uso do terror é instrumento político e não o fim em si mesmo. O terrorismo sempre procura a justificação, ao contrário do genocídio, que é o próprio objetivo. (CHALIAND; BLIN, 2007, p. 87)

Tendo em vista as múltiplas interpretações do terrorismo no decorrer da história, Dayan (2009) busca estabelecer alguns elementos que definem o terrorismo contemporâneo. O autor questiona o terror como definição do que o terrorismo é capaz de provocar. O termo terror começou a ser utilizado no século XVII, na Revolução Francesa, para se referir ao período histórico em que Maximilien de Robespierre liderou a perseguição aos “inimigos” da Revolução, condenando à morte pela guilhotina tanto opositores políticos quanto aliados moderados. Assim, a concepção de terrorismo se estabeleceu para se referir aos causadores de terror e medo por meio de ações violentas, independentemente de seus fins. Diferentemente do indicado no termo terrorismo e no compreendido no início de sua constituição, este só provoca o terror em suas vítimas diretas ou em reféns ameaçados de morte e, ainda assim, o sentimento de terror pode ser substituído por outros, como o desgosto, a raiva, a resistência (DAYAN, 2009). O que o terrorismo suscita pode ser diferente para cada sujeito, dependendo de sua posição na sociedade e de sua localização geográfica em relação ao terrorismo. Dayan explica a complexidade dos efeitos simbólicos causados pelo terrorismo:

Entre os atores políticos, pode provocar antecipações racionais, estratégias preventivas e (se a situação for bastante grave) projetos de resposta. Entre as suas vítimas potenciais, suscita frequentemente atitudes de negação: “Não corro nenhum risco”, pensamos nós, “porque estou noutra país, noutra cidade, noutra rua, no outro lado da rua ou noutra andar... e não onde as pessoas estão realmente expostas”. Entre os espectadores à distância, pode provocar o horror, a estupefação ou, pelo contrário, o júbilo e o entusiasmo. Pode provocar a compaixão pelas vítimas ou, pelo contrário, a admiração pelos assassinos. O terror é um resultado e esse resultado é aleatório. (DAYAN, 2009, p. 19).

O objetivo do terrorismo, ao suscitar essas reações, é buscar impor uma ideologia em oposição à já estabelecida. Isso quer dizer que terrorismo é um meio, uma técnica, um método e não um fim em si mesmo.

Outra questão levantada por Dayan (2009) diz respeito às diferenças entre terrorismo e a violência e a guerra. Para o autor, o terrorismo se difere da violência em si visto que no terrorismo a violência está relacionada com uma dimensão política ou ideológica. Já em relação à diferença entre terrorismo e guerra, o autor lembra que o terrorismo não carrega uma dimensão estatal. Nessa dimensão, estão incorporadas não somente as guerras, mas também as atividades policiais, muitas vezes caracterizadas por ser uma violência repressiva. Neste ponto, o terrorismo se distingue claramente da violência repressiva, visto que adota uma postura de insurreição ou rebelião (DAYAN, 2009). Enquanto no terrorismo a mensagem é amplamente conhecida e a violência é explícita, na violência repressiva de Estado a mensagem é conhecida exclusivamente por aqueles que se visa intimidar e a violência é abafada e delegada a grupos aparentemente sem relação com o Estado. É o caso dos Esquadrões da Morte, na América Latina, e dos Grupos Antiterroristas de Libertação (GAL), na Espanha. Ambos utilizavam-se da violência repressiva e estavam vinculados ao Estado — apesar de serem conhecidos como paramilitares e parapoliciais —, porém esta violência era realizada na clandestinidade, torturas eram executadas em porões e pessoas eram “desaparecidas”.

Dayan (2009) lembra que os atos terroristas são planejados para serem acontecimentos expressivos e significar: todo ato terrorista é uma mensagem e esta pode ter diversos significados, dependendo do valor que carrega. O autor aponta que uma mensagem pode ter quatro valores. O primeiro é um *valor expressivo*: manifesta-se o pensamento de um grupo ou uma comunidade que esse grupo tem a intenção de representar. Dayan aponta que essa representatividade dos grupos terroristas em relação a outro grupo ou população é performativa. O segundo é um *valor indicativo*: aponta-se a vulnerabilidade de um Estado-nação e tira-se proveito disso. O terceiro é um *valor de ameaça*: exerce-se a violência como amostra do que pode ser repetido. O quarto é um *valor pragmático*: força-se os inimigos a atuar de determinada maneira. Como veremos adiante, este último valor esteve na mensagem da Al Qaeda ao executar os atentados à bomba na Estação de Atocha, em 11 de março de 2004, exatamente três dias antes das eleições. A mensagem era clara: não reeleger o partido que enviou tropas espanholas à Guerra do Iraque. O significado dos ataques do 11-M foi tão bem compreendido, que de fato foi eleito o partido que prometia a retirada das tropas.

Portanto, a violência terrorista é uma estratégia — e não o fim em si mesma —, que permite chamar a atenção dos veículos de comunicação jornalística e, assim, beneficiar-se de uma publicidade mundial que permitirá difundir sua mensagem e significar. O ato terrorista acontece na esfera pública e é exatamente por isso que os veículos jornalísticos são

indispensáveis para o terrorismo. Tendo todas essas questões em conta, Dayan chega à conclusão de que o terrorismo contemporâneo pode se definir como:

(1) uma violência (2) doutrinária (3) não estatal, (4) de caráter circunscrito, (5) apresentada como uma insurreição e (6) oferecida como uma mensagem. Esta mensagem emana (7) de um grupo autoproclamado como representativo de uma população e dirige-se (8) à opinião pública de uma sociedade (9) sem passar pelos seus dirigentes nacionais. Por último, os *media* (10) são indispensáveis para a *performance* terrorista, tanto pelo seu alcance (a dimensão dos públicos atingidos) como pela sua periodicidade, o que explica que a sua evolução afete (11) as formas que regem essa *performance*. (DAYAN, 2009, p. 27, grifos do autor)

Consideramos que o conceito proposto por Dayan preserva a complexidade do tema e incorpora a importância da visibilidade por meio do jornalismo, e por isso o adotamos neste trabalho. Passamos agora à apresentação dos grupos terroristas Al Qaeda e ETA, bem como à descrição do atentado de 11 de Março em Madri.

2.1 Al Qaeda

Com o objetivo de empreender uma guerra santa contra o Ocidente, sobretudo os Estados Unidos, o saudita Osama bin Laden e o palestino Abdullah Azzam fundaram em 1988 a Al Qaeda (“a base”, em árabe), uma organização terrorista fundamentalista islâmica. Sua origem remonta aos conflitos geopolíticos ocorridos no Oriente Médio e Sudoeste Asiático no contexto da Guerra Fria.

Em 1978, o Partido Democrático Comunista do Povo Afegão (PDPA), com apoio da então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), executou um golpe de Estado e fundou a República Democrática do Afeganistão. O estabelecimento de uma agenda marxista-leninista em solos afegãos representou à camada fundamentalista islâmica do país uma ameaça ao islamismo, o que acarretou uma reação anti-soviética. O movimento jihadista⁴ mujahedin⁵ convocou a comunidade internacional muçulmana a lutar em uma guerra santa contra os invasores soviéticos e, assim, irrompeu-se a Guerra do Afeganistão. A resistência afegã passou a receber apoio militar, logístico e financiamento dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Arábia Saudita, Paquistão e China (SOUZA, 2012).

Em 1984, na cidade de Peshawar no Paquistão, Bin Laden e Azzam fundaram a organização Maktab Khadamat al-Mujahidin al-Arab (MAK) (Gabinete de Serviços para Árabes Mujahideen, em árabe), onde passaram a atuar na doutrinação, levantamento de fundos, treinamento dos voluntários que se juntaram à guerrilha afegã e recrutamento de

⁴ Jihad, em árabe, significa exercer um esforço.

⁵ Mujahedin é o termo designado para se referir aos engajados na luta jihadista.

novos membros por meio de uma rede de escritórios (um total de 30 nos Estados Unidos e mais outros em 35 países) (GUNARATNA, 2002). Enquanto Bin Laden atuava na linha de frente, Azzam se dedicava à difusão do pensamento jihadista por meio da edição da revista Al-Jihad. Em sua publicação intitulada Junte-se à Caravana, de 1987, Azzam enfatiza que a jihad é uma obrigação pessoal e não somente coletiva e que não terminará com o fim da Guerra do Afeganistão, mas seguirá até que todas as terras muçulmanas sejam reconquistadas e o Islã seja reinstalado (MIGAUX, 2007).

Essa missão, idealizada por Azzam e bin Laden, pode ser desempenhada por meio do redirecionamento do movimento mujahidin à Al Qaeda. Um ano antes da derrota soviética na Guerra do Afeganistão, a organização aproveitou a infraestrutura política, sócio-econômica e militar do MAK para atuar em outros conflitos regionais. A dificuldade para progredir nessas ações fez com que a Al Qaeda visse os Estados Unidos e seus aliados como adversários.

Sem desafiar diretamente o poder militar ocidental, as forças econômicas e a influência cultural, os islâmicos percebem que não podem provocar mudanças em seus países de origem, porque um grupo de países ocidentais, liderado pelos EUA, apóia firmemente Israel e os regimes árabes não representativos do Oriente Médio. (GUNARATNA, 2002, p. 5, tradução nossa)

O uso do terrorismo pela organização surgiu com a proposta do Jihad Islâmica Egípcia, um grupo terrorista do Egito liderado por Ayman al-Zawahiri, que atuava junto ao MAK. Apesar de Azzam se posicionar contra o treinamento de mujahedins em táticas terroristas e inclusive afirmar que a utilização do método seria uma violação à lei islâmica, Zawahiri exercia uma forte influência em bin Laden e este já estava convencido da ideia de atacar os Estados Unidos e seus aliados para reconquistar o califado⁶. As dissidências entre Azzam e bin Laden em relação às estratégias que a Al Qaeda deveria utilizar terminou no dia 24 de novembro de 1989, quando uma bomba colocada no carro que Azzam conduzia junto a seus dois filhos explodiu.

A imagem dos Estados Unidos como o grande inimigo do povo muçulmano, construída pela Al Qaeda, se potencializou ainda mais em 1990, com a Guerra do Golfo⁷, quando a Arábia Saudita recusou a proposta de bin Laden de atuar com os combatentes mujahedins que lutaram no Afeganistão para combater as tropas iraquianas no Kuwait e, no lugar, autorizaram a participação dos estadunidenses no conflito. A permanência dos EUA na

⁶ Califado se refere tanto ao processo de eleição do califa (“sucessor”, em árabe) do profeta Maomé, ocorrido após sua morte em 632, quanto ao sistema de governo constituído desde então.

⁷ A Guerra do Golfo eclodiu após o Iraque, governado por Saddam Hussein, invadir o Kuwait com a justificativa de estar sendo prejudicado pois o Kuwait estava reduzindo o valor do petróleo ao extrair uma cota maior do que a estipulada pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

região ainda após a derrota de Saddam Hussein representou para bin Laden uma traição da família real saudita e “a evidência do desejo da América de saquear a riqueza do país sob pretexto de a proteger” (MIGAUX, 2007, p. 318, tradução nossa⁸).

Em 1991, a Al Qaeda desloca sua estrutura ao Sudão, após o convite do presidente do país e líder da Frente Islâmica Nacional (FIN), Hassan al-Turabi, e passa a treinar os combatentes da FIN para lutar contra o Exército de Libertação do Povo Sudanês (ELPS). Instalada no Sudão, Al Qaeda coloca em marcha sua estratégia terrorista. O primeiro ataque a bomba da organização ocorreu em 1992, em um hotel no Iêmen onde estavam hospedados soldados estadunidenses. No ano seguinte, a organização executou o que seria o ensaio do 11 de Setembro ao estacionar um carro-bomba no World Trade Center. O resultado frustrou as expectativas da Al Qaeda, ainda que tenha matado seis e ferido cerca de mil pessoas.

A estada da Al Qaeda no Sudão não durou muito, devido a pressões internacionais recebidas pelo país para expulsar a organização de Bin Laden. Em 1994, a Al Qaeda regressa ao Afeganistão, onde tinha dois terços de seu território sendo controlados pelo Talibã (estudantes, em árabe), um movimento fundamentalista islâmico oriundo do conflito afegão-soviético. Procurando estabelecer vínculos com o Talibã, Bin Laden desenvolveu a brigada 055, uma unidade de guerrilha da Al Qaeda que se integraria aos combatentes talibãs. Em resposta, o Talibã concedeu livre acesso a sua área de controle, campos de treinamento, armamentos e material militar (DE SOUZA, 2012).

Em fevereiro de 1998, a Al Qaeda emitiu sua segunda fatwa⁹. No pronunciamento, Bin Laden afirmou ser dever de cada muçulmano, em qualquer lugar do mundo, matar americanos, sejam estes militares ou civis, já que estes haviam declarado guerra a Allah e aos islâmicos ao invadir as terras do Islã. Assim, exatamente oito anos após o dia em que as tropas estadunidenses aterrissaram na Arábia Saudita, a Al Qaeda executou dois ataques a bomba nas embaixadas dos Estados Unidos em Nairóbi, no Quênia, e em Dar es Salaam, na Tanzânia. Com os atentados, a Al Qaeda matou 224 pessoas, entre elas sete estadunidenses, e feriu 5 mil. Em outubro de 2000, um bote-explosivo foi lançado em direção ao navio de guerra USS Cole, matando 17 marinheiros estadunidenses. Àquela altura, o então presidente Bill Clinton já havia autorizado a CIA a matar Osama bin Laden.

⁸ Citação original: “To him, the American presence represented a twofold act of aggression: the occupation of Saudi Arabia by infidel soldiers was also evidence of America’s desire to plunder the country’s wealth under the pretext of protecting it.”

⁹ Pronunciamento formal feito por um especialista legal do Islã. Segundo a lei islâmica, antes de realizar um ataque, deve-se emitir uma fatwa.

No dia 11 de setembro de 2001, Bin Laden executa, então, seu golpe-mestre. Quatro aviões estadunidenses foram sequestrados por 19 integrantes da Al Qaeda. O voo 11 da American Airlines, que se dirigia de Boston para Los Angeles, se chocou contra a torre Norte do World Trade Center, em Nova Iorque, às 8h45 da manhã. O voo 175 da United Airlines, que percorria a mesma rota, colidiu contra a torre Sul às 9h05. O voo 77 da American Airlines, de Los Angeles a Washington, atingiu o Pentágono às 9h39. Por último, o voo 93 da United Airlines, de Newark a São Francisco, ia em direção à Casa Branca, mas acabou sendo desviado e abatido por um caça estadunidense. Nos ataques do 11 de setembro de 2001, a Al Qaeda matou mais de 3 mil pessoas. Os alvos dos ataques foram escolhidos pela organização terrorista por serem os principais símbolos do poder econômico (World Trade Center), militar (Pentágono) e político (Casa Branca) estadunidense (DEMANT, 2013).

No dia 20 de setembro, na Sessão Conjunta do Congresso, o então presidente George W. Bush definiu os atentados terroristas promovidos pela Al Qaeda como um ato de guerra e declarou guerra ao terror. No dia 7 de outubro, Bush anunciou que as forças armadas dos Estados Unidos e do Reino Unido haviam iniciado ataques contra campos de treinamento da Al Qaeda e instalações militares do Talibã, no Afeganistão. Com a Operação Liberdade Duradoura¹⁰, membros da Al Qaeda e Talibã foram mortos em bombardeios, presos no Campo de Detenção da Baía de Guantánamo¹¹ ou se dispersaram em países da região. Osama Bin Laden e líderes do movimento escaparam para o Paquistão e Irã. No contexto da Guerra ao Terror, no dia 20 de março de 2003, os Estados Unidos, o Reino Unido e a Austrália invadiram o Iraque, com a justificativa de que o país desenvolvia armamento de destruição em massa. Quatro meses depois, a Espanha enviou suas tropas para atuar no conflito. A Al Qaeda respondeu à cooperação espanhola e inglesa na Guerra do Iraque com os atentados terroristas de 11 de março de 2004, em Madri, e de 7 de julho de 2005, em Londres. Estes, no entanto, foram seus últimos ataques no Ocidente. Com seu poder de atuação enfraquecido, a organização terrorista de Bin Laden passou a atuar “menos como organização e mais como inspiração para seus grupos associados e para todo e qualquer muçulmano” (SOUZA, 2012, p. 93). A busca dos Estados Unidos pelo líder da Al Qaeda terminou no dia 1º de maio de 2011, quando o exército estadunidense matou Osama bin Laden, na cidade de Abbottabad, no Paquistão.

¹⁰ Nome oficial utilizado pelo governo dos Estados Unidos para se referir à guerra do Afeganistão.

¹¹ O Campo de Detenção da Baía de Guantánamo, localizado em território cubano, foi ativado pelo governo Bush no contexto da Guerra ao Terror. Fora da área de Estado de direito, mais de 700 presos foram detidos arbitrariamente, torturados, abusados em nome do combate ao terror.

2.2 ETA - Euskadi Ta Askatasuna

Fundado em 1958 por um grupo de jovens abertzales¹², o grupo separatista basco ETA (Euskadi Ta Askatasuna, em euskera, País Basco e Liberdade, em português) surgiu para dar fim à passividade do PNV (Partido Nacionalista Basco) e retomar pela via armada a luta pela autonomia e independência do País Basco iniciada por Sabino Arana¹³, ao final do século XIX. Segundo a retórica aranista, na *Idade de Ouro*, a pureza racial e linguística, o cristianismo e a autonomia foral¹⁴ eram os três pilares da nação basca que, após ser conquistada pela invasora nação espanhola durante as Guerras Carlistas¹⁵ em 1876, acaba perdendo a sua liberdade. Nesta mesma época, o País Basco estava passando por um processo de industrialização, o que levou milhares de espanhóis a emigrarem para a região basca. Tal situação foi agravada, em 1937, durante a Guerra Civil Espanhola¹⁶, quando os soldados do Exército Basco (chamados de gudari) fracassaram ao tentar conter o avanço das tropas fascistas de Francisco Franco ao território basco. A ditadura franquista, com seu intuito de tornar a Espanha homogênea e unificada, se empenhou em pôr fim à diversidade política, identitária, cultural e linguística, o que significou (entre tantas questões) a subjugação do uso do euskera em favor do castelhano. O contexto do franquismo em conjunto com o conformismo do PNV sob o viés aranista fundamentaram, então, a criação do ETA.

A execução de ações violentas contra policiais, militares e políticos sempre foi o caminho seguido pela organização etarra para atingir seus objetivos. Tal postura, que era justificada pelo grupo como reflexo da dureza da ditadura fascista de Franco, não deixou de ser seguida após a redemocratização da Espanha, iniciada em novembro de 1975. De acordo com Juan Avilés (2010), pode-se distinguir a evolução estratégica do grupo em três etapas: guerra revolucionária, estratégia de desgaste e frente nacionalista.

Em 1962, o grupo separatista realizou sua I Assembleia, com o objetivo de definir seus princípios políticos. Na ocasião, ficou determinado o direito ao autogoverno das regiões históricas do País Basco, ou seja, as províncias de Álava (Araba, em euskera), Biscaia

¹² Termo em euskera que significa “patriota” ou “nacionalista”, criado por Sabino Arana em 1896 para se referir a grupos e pessoas relacionadas ao movimento independentista basco.

¹³ Pai do nacionalismo basco, defensor do fundamentalismo católico, afirmação da raça basca, anti-espanholismo e anti-liberalismo.

¹⁴ Os Foros Bascos eram um sistema político instituído na região por volta do século XI que garantia autonomia de governo, política e fiscal.

¹⁵ As Guerras Carlistas (1833-1876) tiveram como motivo inicial a disputa pelo trono entre o irmão do então rei, Carlos María Isidro de Borbón, e sua filha de três anos, Isabel. Os carlistas defendiam a monarquia absolutista, o catolicismo e o sistema de foros, tendo, então, ao seu lado País Basco e Navarra.

¹⁶ A Guerra Civil Espanhola (1936-1939) foi um conflito armado entre republicanos (defensores da Segunda República Espanhola) e nacionalistas (favoráveis à ditadura fascista do General Francisco Franco).

(Bizcaia) e Guipúscoa (Guipuzkoa) e a comunidade foral de Navarra (Nafarroa), no lado espanhol; e os Pirineus Atlânticos, originalmente Baixa Navarra (Nafarroa Beherea), Labort (Lapurdi) e Sola (Zuberoa), na parte francesa (Figura 1). ETA também se proclamou como um “Movimento Revolucionário Basco de Libertação Nacional”.

Figura 1 - Regiões históricas bascas



Fonte: sansebastian.site

Tal referência à libertação nacional não fazia parte da retórica de Sabino Arana, mas sim dos movimentos revolucionários do Terceiro Mundo (AVILÉS, 2010). Federico Krutwig, um ultranacionalista basco exilado, foi quem difundiu a associação entre os movimentos terceiro-mundista com o nacionalismo basco ao publicar seu livro “Vasconia”, em 1963, onde defendia que o caminho para a libertação nacional estava na guerra revolucionária. Assim, a revolução cultural de Mao Tse Tung, o movimento 26 de Julho de Fidel Castro, a participação de Frantz Fanon na Frente de Libertação Nacional da Argélia, as guerras de guerrilha de Ernesto Che Guevara e Carlos Marighella compuseram, junto com a doutrina de Arana, a identidade ideológica do ETA. A influência terceiro-mundista se refletiu na concepção pelos membros da organização etarra de que o País Basco era uma colônia dominada e explorada por Espanha e França (SOLDEVILLA FERNÁNDEZ, 2017).

A maneira de empregar a guerra revolucionária da África, América e Ásia nas montanhas bascas foi desenhada em 1965, na IV Assembleia do ETA, na estratégia de ação-reação. O plano apresentado no documento “Bases teóricas da guerra revolucionária” de José Luis Zalbide era o seguinte:

Suponhamos uma situação na qual uma minoria organizada executa golpes materiais e psicológicos à organização do Estado, fazendo com que este se veja obrigado a responder e reprimir violentamente a agressão. Suponhamos que a minoria organizada consegue evitar a repressão e fazer que esta caia sobre as massas populares. Finalmente, suponhamos que tal minoria consegue que, em vez de pânico, surja rebeldia por parte da população, de tal forma que esta acabe ajudando e amparando a minoria que está contra o Estado, assim o ciclo de ação-repressão está em condições de se repetir, cada vez com maior intensidade. (ZALBIDE, 1965, p. 3, tradução nossa¹⁷).

O regime ditatorial de Franco respondeu com a dureza necessária para fazer girar a roda de ação-repressão etarra. Somente em 1969, 1.953 pessoas foram presas, sendo a maioria alheia à organização etarra. Também houve casos de maus-tratos, torturas e inclusive mortes de pessoas inocentes cometidas pelas Forças e Corpos de Segurança do Estado espanhol (FCSE) (SOLDEVILLA FERNÁNDEZ, 2017). O trabalho das FCSE permitiu prender dezesseis membros do ETA, os quais acabaram sendo julgados no Processo de Burgos, em 1970. Frente a esse contexto, muitos integrantes da organização terrorista acabaram fugindo e se escondendo na França, país que acabou se tornando refúgio para os etarras. Ainda assim, entre 1970 e 1977, a organização etarra realizou 234 atentados terroristas, matando 43 pessoas, entre elas o então presidente do Governo, almirante Luis Carrero Blanco, em 1973.

Com a morte do ditador Francisco Franco, em 1975, iniciou-se o processo de redemocratização da Espanha. Diferente da dureza empreendida no regime franquista, a democracia fez o ETA ver sua estratégia de ação-reação se esgotando, visto que as FCSE, com a cooperação do governo francês, passaram a realizar um intenso trabalho de investigação e desarticulação do grupo terrorista. Assim, o ETA adotou a estratégia de guerra de desgaste, passando a matar “com a esperança de que em algum momento o Estado se esgote e decida que já não aguenta mais, cedendo às exigências terroristas” (SÁNCHEZ-CUENCA, 2001, p. 73, tradução nossa¹⁸). Em 1992, a direção do ETA é presa em Bidart, na França. A partir de então, a organização passa a decair cada vez mais. Em 1998, o juiz Baltasar Garzón, da Audiência Nacional espanhola, dá início ao Sumário 18/98, ato judicial que pretendia desarticular a rede de apoio econômico e ideológico ao ETA.

O conjunto dos êxitos policiais e judiciais, da resistência dos cidadãos bascos e a recusa do Governo espanhol em dialogar com a banda terrorista basca fizeram com que o

¹⁷ Citação original: “Supongamos una situación en la que una minoría organizada asesta golpes materiales y psicológicos a la organización del Estado, haciendo que éste se vea obligado a responder y reprimir violentamente la agresión. Supongamos que la minoría organizada consigue eludir la represión y hacer que ésta caiga sobre las masas populares. Finalmente, suponemos que dicha minoría consigue que en lugar de pánico surja la rebeldía en la población, de tal forma que ésta ayude y ampare a la minoría en contra del Estado, con lo que el ciclo acción-represión está en condiciones de repetirse, cada vez con mayor intensidad.”

¹⁸ Citação original: “En el período 1978-1998 ETA mata con la esperanza de que en algún momento el Estado se agote y decida que ya no aguenta más, cediendo a las exigencias terroristas”.

ETA reconhecesse que seria necessário abandonar a guerra de desgaste e repensar sua estratégia. A resposta estava em seguir por meio de uma frente nacionalista, que permitiria formar o Estado basco e conquistar a independência aos poucos pela via democrática. Herri Batasuna (HB) e o Partido Nacionalista Basco (PNV) serviram como braços políticos da organização etarra, sendo HB ilegalizada, em 2003, pelo Tribunal Supremo da Espanha. Em 2011, o ETA anunciou, por meio de um comunicado enviado aos jornais bascos Berria e Gara, que suspenderia definitivamente sua atividade armada.

No dia 16 de abril de 2018, o ETA declarou por meio de uma carta a dissolução de sua estrutura e o fim de sua atuação política. Em meio século de atividade, a organização terrorista matou mais de 800 pessoas¹⁹, feriu 16 mil, sequestrou 86 e ameaçou 42 mil. Atualmente, dos cerca de 3.800 militantes que se somaram ao ETA no decorrer de sua operação, 343 estão presos, de acordo com a associação de familiares dos detidos Etxerat (RIVAS, 2017, online).

2.3 O 11 de março

No dia 11 de março de 2004, a capital espanhola se tornou palco de um dos maiores ataques terroristas da Europa e o maior da Espanha, exatamente 911 dias após os atentados de 11 de setembro. Em plena hora de pico, às 7h37min, no horário de Madri (3h37min em Brasília), três bombas explodiram em diferentes vagões de um trem Cercanías²⁰ vindo de Guadalajara no momento em que este acabava de chegar na estação de Atocha, localizada no centro de Madri. Exatamente três minutos após a primeira explosão, quatro bombas explodiram em outro trem, proveniente de Alcalá de Henares, que se encontrava a 500m de Atocha. No mesmo instante, outras duas detonações ocorreram em um trem na estação Pozo del Tío Raimundo e uma em um comboio na estação de Santa Eugenia. Também outras três bombas foram controladas no interior das estações, duas em Atocha e uma em Pozo del Tío Raimundo. A detonação do total de dez mochilas carregadas com explosivos tipo Goma 2 ECO de 9 e 11 quilos matou 191 pessoas e feriu 1.858. Esse atentado, que gerou comoção ao redor do mundo, ficou conhecido como 11-M.

¹⁹ De acordo com o El País, não existe um número exato de vítimas mortais do ETA. El País informa que, segundo a Associação de Vítimas do Terrorismo (AVT), são 955; a Defensoria Pública basca (Ararteko), 867; a Audiência Nacional, 864; o Centro Memorial das Vítimas do Terrorismo, 858; o Ministério do Interior, 853; o Instituto de História Valentín de Foronda, 845; e o Governo basco, 837.

²⁰ Serviço ferroviário da Rede Nacional de Ferrovias Espanholas (RENFE) que conecta as capitais com suas áreas metropolitanas.

Ao passo que as notícias da tragédia circulavam por meio dos veículos de comunicação, a comoção e a cooperação começaram a se amplificar na capital madrilenha e em toda a Espanha. Menos de quatro horas após as explosões, as autoridades espanholas comunicaram que já havia doações de sangue suficientes. Em meio ao desconcerto, hospitais foram improvisados em ruas e galpões da região para prestar ajuda médica e psicológica aos feridos. A circulação de trens em direção a Madri foi suspensa pela RENFE (Rede Nacional de Ferrovias Espanholas), assim como de algumas linhas de metrô.

Os atentados ocorreram em meio à campanha eleitoral, faltando somente três dias para as Eleições Gerais espanholas. Os espanhóis decidiriam quem sucederia o então presidente José Maria Aznar, do Partido Popular (PP), no dia 14 de março de 2004. Os principais candidatos ao posto eram Mariano Rajoy, novo líder do PP, e José Luis Zapatero, candidato do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). Oito dias antes dos atentados em Madri, a pesquisa realizada pelo Centro de Investigações Sociológicas (CIS)²¹ estimava que o PP receberia 42,2% dos votos, frente a 35,5% do PSOE. Havia dois âmbitos pelos quais o partido do governo tinha a aprovação da opinião popular, mas também havia outros dois âmbitos de rejeição da política de Aznar. Por um lado, havia uma aceitação geral quanto à política de segurança cidadã e ao trabalho de desarticulação do grupo terrorista independentista ETA, por meio das reformas nas leis antiterrorismo instauradas pelo governo Aznar. Por outro, o índice de 11,50% de desemprego, de acordo com um estudo do Instituto Nacional de Estatística da Espanha²², e a política externa espanhola alinhada aos Estados Unidos por meio da participação na Guerra no Iraque recebiam a reprovação da população espanhola. De acordo com um estudo realizado pelo CIS, em 2003, 91% dos eleitores espanhóis eram contrários a esta intervenção militar da Espanha²³. Nesse contexto, a autoria dos ataques terroristas em Madri passou a ser um fator determinante no resultado do pleito. Se fosse comprovada a responsabilidade do ETA nos atentados, a campanha do PP se tonificaria, devido aos esforços do governo de Aznar para desarticular o grupo terrorista independentista. No entanto, caso a autoria fosse confirmada como sendo da Al Qaeda, as bombas significariam uma resposta ao envio de 1.300 soldados espanhóis à Guerra do Iraque e, conseqüentemente, a candidatura de Rajoy perderia sua força.

²¹ Estudo nº 2555, Centro de Investigações Sociológicas. Disponível em: <https://e00-elmundo.uecdn.es/documentos/2004/03/04/cis.doc>

²² Pesquisa de População Ativa (EPA), série histórica. Disponível em: https://www.ine.es/prensa/epa_tabla.htm

²³ Estudo nº 2481, Centro de Investigações Sociológicas. Disponível em: http://www.cis.es/cis/export/sites/default/-Archivos/Marginales/2480_2499/2481/Es2481.pdf

Ainda no dia 11, Mariano Rajoy (PP), representando o partido do governo, anunciou a suspensão da campanha eleitoral, decisão que também foi tomada por José Luis Zapatero (PSOE) e outras lideranças políticas. Por volta das 10h da manhã, a polícia recebeu a informação de um morador de Alcalá de Henares que havia visto, às 7h, três homens que levavam mochilas nas costas irem em direção à estação de trem após deixarem uma van estacionada pelas imediações. No interior do veículo foram encontrados sete detonadores, um cartucho de dinamite plástica e uma fita com letras árabes em sua capa. Mais tarde, no mesmo dia, se verificou que o que estava escrito eram versículos do Alcorão - o livro sagrado do islamismo. Em uma reunião da Secretaria de Estado de Segurança, policiais apontaram a possibilidade de autoria como sendo do ETA, visto que se havia sido descoberto e desarticulado, três meses antes dos ataques do 11-M, um atentado com explosivos planejado pelo grupo terrorista vasco com um *modus operandi* similar. O plano era depositar duas mochilas com bombas de 25 kg cada uma em trem que ia em direção à estação Chamartin, em Madri. Dois etarras sem antecedentes criminais foram presos na operação da polícia.

Em contrapartida, o histórico de atentados do ETA apontava uma preocupação com a opinião pública e, por isso, uma tendência em evitar um número significativo de mortes de civis, priorizando o direcionamento a políticos e militares e avisando previamente as autoridades a intenção do ataque. Às 13h, diretores dos principais jornais espanhóis foram informados pelo presidente Aznar que o grupo ETA era o responsável pelos atentados. Meia hora após, o então Ministro do Interior, Ángel Acebes, declarou em uma coletiva de imprensa televisionada: “Neste momento, as Forças e Corpos de Segurança e o Ministério do Interior *não têm nenhuma dúvida* de que o responsável deste atentado é a banda terrorista ETA” (GRANDA, 2004, online²⁴, grifo nosso). À noite, o jornal árabe editado em Londres Al-Quds Al Arabi recebeu uma carta com a informação de que o grupo de difusão de propaganda islâmica Brigadas de Abu Hafs Al Masri estava por trás dos atentados em Madri em nome do Al Qaeda. Ainda assim, Acebes assegurou que a principal linha de investigação era o ETA.

Em resposta às declarações do Governo, o ETA enviou um comunicado ao jornal Gara e à rede de televisão pública basca ETB afirmando que “a organização ETA não tem nenhuma responsabilidade sobre os atentados de ontem” (UNA LLAMADA..., 2004, online²⁵). Segundo a emissora, o comunicante da mensagem indicou que a sua voz coincidiria com a de um dos membros do grupo que havia anunciado em um vídeo a trégua na Catalunha, no dia 18 de fevereiro. De qualquer forma, o Ministério do Interior não aceitou como verdadeiro o

²⁴ Disponível em: https://elpais.com/diario/2004/07/28/espana/1090965608_850215.html

²⁵ Disponível em: https://elpais.com/elpais/2004/03/12/actualidad/1079083030_850215.html

comunicado. Juntamente, o canal de televisão madrilenho Telemadrid recebeu uma ligação anônima informando que havia uma caixa de papel, com uma fita de vídeo, deixada entre uma mesquita e uma funerária localizadas na autoestrada M-30 de Madri, em que se assumiria a autoria dos atentados. Na fita, segundo a comunicação do ministro do Interior em uma aparição pública, um suposto porta-voz do Al Qaeda na Europa assumia a responsabilidade pelas explosões. No entanto, Acebes afirmou que os serviços de informação europeus não tinham conhecimento da existência de tal porta-voz. Em uma entrevista ao canal de televisão madrilenho Antena 3, o secretário de Organização do PSOE, José Blanco, afirmou que “O Governo retém informação”. A declaração foi contestada por Aznar, que exigiu desculpas do secretário, mas Blanco insistiu: “Vão tentar não dar toda a informação até depois das eleições. Vamos ver quem terá que se desculpar” (RIVAS TROITIÑO, 2004, p. 179).

O dia 12 de março ficou marcado pela ampla presença da população em manifestações por toda a Espanha. De acordo com o Governo, em Madrid, cerca de 2,3 milhões de pessoas - o que representa 74% dos habitantes da cidade - saíram às ruas sob o lema: “Com as vítimas, com a Constituição e contra o terrorismo”. O mesmo número se repetiu em Andaluzia. Na Catalunha, se somaram 1,5 milhão; na Comunidade Valenciana, 1,35 milhão; na Galícia, 845 mil; e assim por todas as comunidades espanholas, somando um total de 11,7 milhões segundo o Governo (LABARI *et al.*, 2004, online²⁶).

À véspera das eleições, no dia 13 de março, milhares de espanhóis protestaram em frente às sedes do PP, demandando informações precisas sobre a autoria dos atentados antes que os eleitores fossem às urnas. Em Madri, se somaram 5 mil pessoas sob o lema: “Quem foi? Quem foi? Mentirosos! Mentirosos!”. Em Barcelona, 7 mil que clamavam: “As guerras são suas. Os mortos são nossos”, em referência à Guerra no Iraque. Com a mesma motivação, os atos se repetiram em Albacete, Alicante, Almería, Bilbao, Cáceres, Gijón, Logroño, Oviedo, Palma de Maiorca, San Sebastián, Santa Cruz de Tenerife, Santiago de Compostela, Sevilha, Valladolid, Valência e Saragoça. A reação dos candidatos à presidência não tardou. O candidato do PP, Mariano Rajoy, pediu que cessassem as “manifestações ilegais e atos antidemocráticos de pressão sobre as eleições”. Em contrapartida, o vice-coordenador do Comitê Eleitoral do PSOE, Alfredo Pérez Rubalcaba, afirmou que os espanhóis merecem um governo que não minta a eles (VALERIO; BÉCARES; FERNÁNDEZ; 2004, online²⁷).

Mais de 34 milhões de espanhóis foram às urnas no dia 14 de março, o que representa uma participação de 75,7% da população eleitora espanhola, quase 3 milhões de eleitores a

²⁶ Disponível em: <https://www.elmundo.es/elmundo/2004/03/12/espana/1079113316.html>

²⁷ Disponível em: <https://www.elmundo.es/elmundo/2004/03/13/espana/1079200520.html>

mais que em 2000, segundo dados do Ministério do Interior²⁸. O número de votantes nas Eleições Gerais espanholas de 2004 surpreendeu, visto que o voto é facultativo no país. Diferentemente da estimativa de pesquisas pré-eleitorais, o Partido Socialista Operário Espanhol venceu as eleições com 42,59% dos votos, conquistando 164 assentos no Parlamento e elegendo José Luis Zapatero como o novo presidente da Espanha. O Partido Popular de Mariano Rajoy saiu em segundo lugar no pleito, com 37,71% dos votos e 148 parlamentares eleitos. Segundo Enric Ordeix (2005²⁹ *apud* NOGALES BOCIO, 2013), o resultado foi reflexo da rejeição dos cidadãos espanhóis à participação da Espanha na Guerra do Iraque e à gestão do Governo de Aznar quanto ao 11-M.

No dia seguinte às eleições, em 15 de março de 2004, as redes árabes de televisão Al Arabiya e Al Jazira transmitiram uma gravação de Osama Bin Laden justificando os ataques em Madri: “É o castigo à Espanha por suas ações no Iraque, Afeganistão e na Palestina” e “O que ocorreu em 11 de setembro e 11 de março é a maneira de devolver a vocês suas mercadorias. Vocês precisam saber que a segurança é necessária para todos”. Além disso, o líder do Al Qaeda oferece uma trégua à Europa se esta promettesse dar fim aos ataques aos muçulmanos.

Em abril, uma ação da polícia nacional espanhola localizou, no bairro madrilenho de Leganés, vários membros do comando terrorista responsável pelos atentados. Ao serem encurralados pelo Grupo Especial de Operações (GEO) e pela Unidade de Intervenção Policial (UIP) do Corpo Nacional de Polícia no edifício onde estavam escondidos, os componentes do grupo jihadista detonaram explosivos e se suicidaram aos gritos de “Alá é grande”. Francisco Javier Torronteras, um dos GEOs presentes na ação, morreu no incidente ao ser atingido por estilhaços da explosão, sendo a 192ª vítima do 11-M. Os quatro terroristas suicidas eram Asri Rifaat Anouar, Sarhane Ben Abdelmajid Fakhet (conhecido como Tunecino e suposto chefe do comando), Abdennabi Kounjaa e Jamal Ahmidan, chamado de Chino e um dos organizadores dos atentados em Madri.

No dia 31 de outubro de 2007, três anos após a consumação dos atentados na capital madrilenha, a Audiência Nacional da Espanha, sob a presidência de Javier Gómez Bermúdez, condenou 21 dos 28 acusados de envolvimento na tragédia. Na sentença, a responsabilidade pelos ataques do 11-M foi atribuída a um grupo jihadista vinculado ao Al Qaeda e se

²⁸ Disponível em:

http://www.interior.gob.es/documents/642317/1201381/Las_elecciones_generales_en_Espa%C3%B1a_1977-2016_126170281.pdf/6ef7a97b-a48a-4511-b988-6b0ff0796ae2

²⁹ ORDEIX I RIGO, Enric. “Aznar’s political failure or punishment for supporting the Iraq War? Hypotheses about the causes of the 2004 Spanish election results”. **American Behavioral Scientist**, vol. 49, n. 4, 2005.

descartou a participação do ETA. Entre os condenados se ressaltam Jamal Zougam e Othaman el Ganaoui, por autoria material, e Suárez Trashorras, por cooperação na facilitação de aparato explosivo.

3 JORNALISMO E DISCURSO

O século XX ficou marcado na história da humanidade, entre outros aspectos, pela evolução tecnológica. Tal evolução permitiu o desenvolvimento do jornalismo e sua adaptação a diferentes formatos. Já nos primeiros anos do século, a informação jornalística deixou de se limitar às páginas do jornal impresso e passou a ser difundida também por meio do rádio. O rádio inaugurou a aproximação do jornalismo com o ambiente domiciliar, visto que deixou de ser necessário sair de casa para adquirir um jornal impresso e obter, então, informações jornalísticas. Anos depois, com o surgimento da televisão, essa relação entre a sociedade e o jornalismo se fortaleceu ainda mais. Ao final do século XX, a Internet começou a se desenvolver e a se tornar mais um meio de atuação jornalística. Já o século XXI trouxe a novidade das plataformas e das redes sociais, o que modificou a relação do jornalismo com os leitores. Todas essas inovações tornaram o processo comunicacional cada vez mais instantâneo e simultâneo aos acontecimentos, mas também exigiram que o jornalismo tratasse com responsabilidade a rápida divulgação de informações não totalmente verificadas. Vamos tratar, neste capítulo, do jornalismo como um discurso que produz sentidos sobre os acontecimentos e sobre os sujeitos acionados nesses acontecimentos.

3.1 Jornalismo e democracia

Apenas acordamos e já temos à nossa disposição um telejornal matutino com notícias para iniciarmos o dia informados. Os programas de rádio preenchem o tempo de deslocamento até o trabalho, a universidade. Ao abrir nossas redes sociais, enquanto rolamos a tela encontramos publicações dos veículos de comunicação jornalística e a possibilidade tentadora de comentar o que pensamos sobre as notícias e compartilhar com nossos amigos. Esses são apenas alguns exemplos da presença do jornalismo na sociedade. Esta presença se sustenta devido ao valor de instituição social conferido ao jornalismo e por sua “legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2005, p. 167).

Porém, para que serve o jornalismo? Compreendendo o jornalismo como um campo central à sociedade, Reginato (2016) defende que o jornalismo possui 12 finalidades: a) informar de modo qualificado, fornecendo ao leitor uma informação atual, plural, verificada, relevante, correta, contextualizada e bem redigida; b) investigar os fatos detalhadamente e

buscar informação exclusiva; c) verificar a veracidade das informações, proporcionando ao leitor dados apurados e informações checadas; d) interpretar e analisar a realidade, contextualizando os fatos de forma aprofundada; e) fazer a mediação entre os fatos e o leitor, adaptando o discurso especializado a uma linguagem acessível para o público; f) selecionar o que é relevante, elegendo acontecimentos atuais, úteis e que impactem a vida pública e privada das pessoas; g) registrar a história e construir memória, documentando os acontecimentos que ajudarão a sociedade a compreender sua realidade hoje e no futuro; h) ajudar a entender o mundo contemporâneo, orientando as pessoas a compreenderem sua realidade e a viver de acordo com ela e nela; i) integrar e mobilizar as pessoas, fomentando a participação cívica na vida pública e em torno de causas cidadãs; j) defender o cidadão, informando aos leitores seus direitos e reiterando o cumprimento destes; k) fiscalizar o poder e fortalecer a democracia, vigiando os poderes e as instituições e apresentando ao leitor como a democracia se organiza; l) esclarecer o cidadão e apresentar a pluralidade da sociedade, expressando a complexidade, a diversidade e a pluralidade do funcionamento do mundo.

De acordo com Kovach e Rosenstiel (2001), a principal finalidade do jornalismo é proporcionar às pessoas informações que estas precisam para serem livres e se autogovernarem. Notícias sobre economia, política, segurança, meteorologia permitem aos cidadãos tomar conhecimento de sua realidade e, assim, administrar suas vidas. A atividade jornalística deve operar produzindo conteúdos que forneçam às pessoas modos específicos (FRANCISCATO, 2005) de atuar em seu contexto espaço-temporal. Reginato (2016) aponta que existe o entendimento pelo público de que o jornalismo tem um compromisso cívico, devendo priorizar os interesses coletivos e não individuais. Isso não significa que todas as informações veiculadas em um meio de comunicação jornalístico seja interessantes e favoreçam o autogoverno do público em sua integridade. De acordo com a Teoria do Público Interligado (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001), existem três níveis de afinidade do público em relação aos diferentes temas tratados em um veículo jornalístico, sendo que todos nós, dependendo do assunto, nos inserimos em alguma destas categorias:

Existe um *público envolvido*, com ligações pessoais ao assunto e um grande conhecimento do mesmo. Depois há um *público interessado*, sem qualquer participação direta no assunto, mas que se sente afectado e reage com base em alguma experiência directa. Por fim, existe um *público desinteressado*, que presta pouca atenção e só participa, se alguma vez o fizer, após os contornos do discurso terem sido estabelecidos por terceiros (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 28, grifos dos autores).

O jornalismo se modificou ao longo da história não somente em função das mudanças de ordem tecnológica, mas também de seu desenvolvimento comercial. Kovach e Rosenstiel

(2001) afirmam que a mercantilização do jornalismo o afastou de seu papel na construção da cidadania devido a três forças. A primeira é a desvinculação do jornalismo geograficamente acarretada pela Internet, o que faz com que o público deixe de ser a comunidade política e passe a ser a comunidade da web. A segunda é a globalização, com isso, os conteúdos veiculados deixam de ser voltados especificamente a um espaço regional. A terceira é a conglomeração, o que provoca a subordinação do jornalismo aos grandes grupos empresariais. Além de representar o distanciamento da relação do jornalismo com a criação da comunidade, a sua submissão a objetivos comerciais acarreta falta de liberdade e independência. Nesse contexto, o desafio contemporâneo (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001) do jornalismo é administrar seus interesses mercantis sem que estes o afastem de sua responsabilidade cívica. Reginato (2016) aponta que os próprios leitores reconhecem, como a finalidade mais importante do jornalismo, o fortalecimento da democracia juntamente com a fiscalização do poder. Segundo a pesquisadora,

A informação jornalística qualifica a vida pública e é necessária: a democracia depende da qualidade do jornalismo, pois o jornalismo seleciona o que é relevante de ser visto, o que merece sua atenção, controla o que e quem tem visibilidade, visibiliza ou oculta problemas sociais. E, como a democracia não existe por si, mas sim precisa ser conquistada cotidianamente, o jornalismo deve exercer um papel que contribua, especialmente, para mostrar como a democracia funciona (REGINATO, 2016, p. 215).

Ao vigiar os poderes, sejam estes pertencentes ao governo ou a instituições, noticiando se a conduta dos detentores de poder está sendo correta ou não, se estão agindo na legalidade ou estão prejudicando a sociedade, o jornalismo fornece aos cidadãos informação para que estes possam tomar decisões e estabelecer seus posicionamentos políticos (REGINATO, 2016). Uma sociedade democrática deve ter conhecimento da atuação de seus representantes e do funcionamento da democracia para que possa entender a realidade em que vive e atuar de acordo com esta.

3.2 Compromisso com a verdade e submissão às fontes oficiais

O jornalismo, para atingir seu objetivo de fortalecer e sustentar a democracia, tem o compromisso com o leitor de entregar uma informação verdadeira, verificada e apurada. Walter Lippmann (2010, p. 304) assinala que existe uma diferença entre notícia e verdade: “A função das notícias é sinalizar um evento, a função da verdade é trazer luz aos fatos escondidos, pô-los em relação um com o outro e fazer uma imagem da realidade com base na qual as pessoas possam atuar”.

A verdade jornalística não está inserida na lógica filosófica, mas tem um caráter funcional (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001), ou seja, é uma verdade obtida paulatinamente, por sucessivas investigações, e possui diversas camadas. A verdade deve ser encarada pelo jornalista como uma busca constante. Pensemos a reconstrução narrativa feita pelo jornalismo como um cálculo matemático, os fatos são imprescindíveis como os números, mas os sinais de adição, subtração, multiplicação, divisão são os elementos que influenciam no resultado e esse resultado é o sentido. Todos os elementos informativos em um texto jornalístico podem ser corretos, mas o enfoque narrativo dado pelo jornalista, bem como os fatos, citações, dados que este decide dar visibilidade ou ocultar podem dar um sentido falso à informação. Por exemplo, um presidente pode fazer uma declaração afirmando que destinou um número x de verbas à educação. Se o jornalismo atuar somente com exatidão, essa informação será notícia, visto que a declaração é “um fato”, pois realmente existiu. Porém, para cumprir com seu compromisso com a verdade, o jornalista deverá verificar se realmente aquele valor foi destinado à educação. Dessa maneira, “já não basta relatar o fato com verdade. Agora é necessário relatar a verdade do fato” (LEIGHT³⁰ *apud* KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 43). No caso de nosso objeto de pesquisa, era um fato que o governo espanhol havia atribuído o atentado em Madri ao ETA, mas a responsabilidade do ETA não era um fato. O jornalismo baseado apenas em declarações, mesmo que de fontes oficiais, sem adotar procedimentos de verificação, abre mão do papel de mediador entre os fatos e o leitor e se coloca a serviço dos interesses das fontes.

O compromisso com a verdade e com a verificação se tornou ainda mais importante com o aprimoramento das tecnologias de informação e comunicação. Com a internet, as informações a que temos acesso já não se limitam às páginas de um jornal ou ao tempo reservado a programas jornalísticos nos canais de televisão e nas emissoras de rádio. Os dispositivos móveis permitiram não somente um acesso às informações 24 horas por dia como também tornaram qualquer pessoa (com acesso à tecnologia e com letramento digital) um potencial produtor e difusor de informação em grande escala. Mas essa informação é muitas vezes fragmentada, descontextualizada ou simplesmente falsa, difundida com propósitos manipulativos. Nessa nova conjuntura, o jornalismo tem o dever de verificar a autenticidade das informações e ordenar essa enxurrada de dados. Kovach e Rosenstiel (2001) apontam que, frente à magnitude e dificuldade dessa tarefa, os jornalistas correm o risco de se tornarem repetidores de informações errôneas e que, para evitar isso, é necessário relembrar e

³⁰ LEIGH, Robert D. **A Free and Responsible Press**. Chicago: University of Chicago Press, 1947.

compreender o significado original de objetividade. Originalmente, o termo objetividade se referia à metodologia utilizada pelos jornalistas para provar a veracidade dos fatos. A ideia era que os jornalistas deveriam estabelecer um método para verificar a fiabilidade da informação, assim, seu trabalho não seria contaminado por eventuais preconceitos ou preferências pessoais e culturais (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001).

É exatamente o trabalho de verificação que diferencia o jornalismo dos outros discursos midiáticos. Diferentemente do cinema de ficção, por exemplo, que pode acrescentar informação, detalhes e falas com o objetivo de gerar emoções no público e que não tem compromisso com a veracidade, o jornalismo deve reproduzir apenas informações verificadas. Kovach e Rosenstiel (2001) propõem cinco atitudes que os jornalistas devem ter em conta ao narrar acontecimentos: nunca acrescentar elementos que não fizeram parte do acontecimento; nunca enganar o público, não reconstruindo a ordem dos eventos e não alterando citações sem fins de correção gramatical; ser transparente, expondo ao público o método utilizado para obter as informações que compõem a narrativa, de modo que se possa chegar ao mesmo relato ao repetir o método. A transparência deve ser uma conduta não somente com o público, mas também com as fontes, os jornalistas devem ser transparentes e honestos com suas fontes, salvo por dois motivos: se a informação for “suficientemente importante para o interesse do público”, “que não haja outra forma de obter a história” e ainda assim, “os jornalistas devem informar o público sempre que tiverem enganado as fontes para obter informação e explicar os motivos que os levaram a fazê-lo” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 87). Eles também indicam que o jornalista deve ser original, preocupando-se mais em ser diligente com seu trabalho e menos em publicar algo inédito, e deve ser humilde, ou seja, deve avaliar os limites de seus próprios conhecimentos e sua capacidade de obter o conhecimento que lhe falta. Ainda que os jornalistas tomem todas estas atitudes ao narrar o acontecimento, é fundamental que essa narrativa seja verificada. Kovach e Rosenstiel (2001) mencionam técnicas de verificação, como, por exemplo, a revisão baseada no ceticismo, em que o jornalista deve questionar a veracidade de cada declaração, fonte e dado que compõe a sua história.

Ainda que os principais veículos de comunicação jornalística tenham uma extensa equipe de trabalho e uma grande estrutura, a dificuldade de obter informação leva os jornalistas a recorrerem de modo rotineiro às fontes oficiais e estruturadas. Segundo Gomis (2004), a grande maioria dos fatos que formam uma notícia é fornecida por fontes que têm interesse que o público tome conhecimento dessas informações. Os jornalistas não pagam para obter informações e tampouco os fornecedores de fatos pagam para que estes sejam publicados. Nesse sentido, existe um acordo, uma troca de interesses, entre os jornais e as

fontes. Entre essas fontes interessadas estão os poderes públicos e demais grandes fontes habituais de notícias, que são organizações de produção de fatos (GOMIS, 2004) e que ainda contam com porta-vozes e assessores de imprensa para estabelecer as relações com os jornalistas de veículos. As fontes oficiais produzem discursos, anúncios, declarações, entrevistas, notas e coletivas de imprensa, além de fornecer furos e informações privilegiadas que obviamente são do interesse de jornalistas. Em suma, “as ações políticas são cada vez mais pensadas como artifícios para a geração de notícias” (MIGUEL, 1999, p. 201). Nesse contexto, o jornalismo acaba se tornando subordinado às fontes oficiais. Além disso, os interesses que as fontes têm em que um fato se torne notícia não ficam visíveis ou explícitos na narrativa e muitas vezes nem mesmo pela identificação da fonte.

A impassibilidade profissional com que os meios difundem os fatos que previamente selecionaram não significa que a origem da notícia não seja geralmente interessada, e inclusive que esse interesse explique por que aquele fato se difunde naquele momento. Mas, pelo contrário, contribui para velar ou dissimular esse interesse da fonte informante. (GOMIS, 2004, p. 105).

A confiança é uma qualidade relevante para os jornalistas ao selecionar as fontes que irão recorrer. Esta qualidade se estabelece ao as fontes terem uma relação estável com o jornalista, ao serem acessíveis e articuladas e ao terem um histórico de veracidade nas informações que fornecem (SCHMTIZ, 2011). No tocante das fontes oficiais, existe uma relação entre seu grau de confiabilidade e a altura da posição pública que ocupa. Assim, em princípio, quanto mais alto for o cargo público desta fonte, maior será o nível de confiabilidade conferida a ela pelos jornalistas. As fontes categorizadas como oficiais são pessoas instituídas de cargo público que se pronunciam em nome de órgãos estatais e estão relacionadas com um dos três poderes (executivo, legislativo ou judiciário) (SCHMTIZ, 2011). Em virtude de sua atuação estar vinculada à tomada de posições e prática de políticas que influenciam a vida dos cidadãos, as informações que fontes oficiais oferecem são substancialmente de interesse público. Por esta razão, Schmtiz (2011) afirma que as fontes autorizadas são as preferidas da mídia.

Assim, a relação do jornalismo com a fonte é vital no processo de produção de notícia. De acordo com Pinto (2000), os jornalistas, ao buscarem as fontes, têm pelo menos seis intenções: 1) obter informação inédita; 2) confirmar ou contestar informações fornecidas por fontes terceiras; 3) tirar dúvidas e desenvolver suas matérias; 4) produzir ideias e gerar debates; 5) obter análises e recomendações de peritos; e 6) conferir as informações já apuradas de credibilidade e legitimidade. Já as fontes, ao recorrerem aos jornalistas, buscam pelo menos seis objetivos: 1) receber visibilidade e atenção dos meios de comunicação; 2)

definir a agenda pública e os assuntos de atenção coletiva; 3) obter apoio a ideias ou a produtos e serviços; 4) precaver ou reparar danos; 5) neutralizar interesses de oponentes; e 6) provocar uma imagem pública positiva.

Isso não significa, entretanto, que a publicação de um fato será um êxito para a fonte interessada, visto que a difusão da notícia não garante o efeito desejado. Isso acontece porque uma pessoa, ao não ter vivenciado um acontecimento, elabora mentalmente uma imagem simplificada e simbólica que a ajuda a compreender este fato. “O único sentimento que alguém pode ter acerca de um evento que ele não vivenciou é o sentimento provocado por sua imagem mental daquele evento” (LIPPMANN, 2010, p. 29). Essa imagem mental se forma dentro daquilo que Lippmann chama de pseudoambiente. Quando a opinião pública sobre uma notícia acaba sendo diferente da esperada pela fonte interessada é porque o pseudoambiente em que esta fonte vive é diferente dos pseudoambientes de grande parte do público (GOMIS, 2004). Resumidamente, a audiência não é um receptor passivo, mas ressignifica as informações que recebe de acordo com sua realidade.

Assim, o jornalismo se confronta entre sua finalidade em fornecer informações que permitam que as pessoas sejam livres e se autogovernem e sua submissão às fontes oficiais, que produzem fatos, fornecem informações privilegiadas e fazem declarações sobre os acontecimentos - como, por exemplo, a atribuição de responsabilidade sobre atos terroristas.

3.3 Pseudoevento e meta-acontecimento

Para gerar interesse dos jornalistas e causar determinadas reações no público, surgem os pseudoeventos (BOORSTIN³¹ *apud* GOMIS, 2004, p. 109), que são acontecimentos provocados, mas que não deixam de ser fatos, e que são pensados visando obter um certo efeito. Um exemplo de pseudoevento é o terrorismo. A lógica dos pseudoeventos está exatamente alinhada à lógica da estratégia terrorista de propaganda pelo ato. Os atentados terroristas são eventos planejados para serem terríveis o suficiente — ou mais que o suficiente — para que sejam veiculados nos meios de comunicação jornalística e, conseqüentemente, para causar sentimentos de choque, surpresa, medo e desconcerto nas pessoas. As organizações terroristas operam segundo a lógica que faz um acontecimento ser notícia, elas compreendem que um “acontecimento jornalístico irrompe sem nexos aparentes nem causa conhecida e é por isso que é digno de ser registrado na memória” (RODRIGUES, 1993, p. 27). Assim, os grupos terroristas vivem exatamente da atenção que lhes é dada pelo

³¹ BOORSTIN, Daniel J. *L'Image*. Paris: L'Union Generale d'Editions, 1971.

jornalismo e que garante o efeito de terror na audiência. Entretanto, deveriam os meios deixar de noticiar os atentados terroristas e quebrar essa lógica? Pois,

conjetura-se que se os meios não dessem notícias de um atentado, este perderia a maior parte de seu alcance. E é verdade. Mas também se tem dito, em sentido contrário, que a sociedade deve conhecer o que se passa para reagir e controlar sua própria ação e que, se silenciasses os atos de terror, a sociedade ignoraria a realidade em que vive ou só a conheceria pela via ainda mais perigosa e incontrolável do rumor. E assim, a informação é o preço que uma sociedade paga a seus terroristas para seguir tendo domínio da situação, graças ao conhecimento público da realidade em que se vive e à confiança de que os fatos não estão sendo ocultados. (GOMIS, 2004, p. 110)

É evidente que a veiculação dos acontecimentos — sejam estes advindos de fontes oficiais ou de criadores de pseudoeventos — é regida por critérios de noticiabilidade e por princípios de notabilidade. Rodrigues (1993) cita três registros de notabilidade dos fatos. O primeiro é o do excesso, quando algo funciona com uma dimensão fora dos parâmetros da rotineira “normalidade”. Um exemplo foi o uso desproporcional da força estadunidense no lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, que foi um ato fora do padrão de ofensiva no funcionamento de guerra. O segundo princípio indicado pelo autor é o da falha, quando ocorrem defeitos inesperados no funcionamento das coisas. Um exemplo foi a falha no sistema de segurança dos Estados Unidos nos ataques terroristas do 11 de Setembro de 2001. O terceiro, e último, é o da inversão, quando há uma troca de papéis inusitada. Um exemplo clássico é o do homem que morde o cachorro. No caso dos atentados de Madri, o acontecimento é regido por pelo menos dois desses princípios: o excesso, pelo número de mortos e feridos, e a falha dos sistemas de segurança.

No entanto, estes registros de notabilidade dos fatos não esgotam a possibilidade de acontecimentos notáveis, visto que “é o próprio discurso do acontecimento que emerge como acontecimento notável a partir do momento em que se torna dispositivo de visibilidade universal” (RODRIGUES, 1993, p. 29). O autor traz uma segunda categoria de acontecimento, os meta-acontecimentos ou acontecimentos discursivos, originados da própria existência do discurso jornalístico.

Ao relatar um acontecimento, os veículos de comunicação jornalística produzem ao mesmo tempo o relato de um novo acontecimento. Essa enunciação ou este novo acontecimento produz atos ilocutórios — correspondentes aos objetivos do jornalista quando este faz um aviso, uma pergunta, uma crítica — e atos perlocutórios — correspondente aos efeitos produzidos por esta enunciação. Os atos terroristas são exemplos de meta-acontecimentos, visto que existem e operam desse modo porque o discurso jornalístico existe para dar-lhe notabilidade. Assim, ao jornalismo enunciar sobre o terrorismo, atos terroristas e

grupos terroristas, está criando um acontecimento discursivo. Nesse sentido, a maior parte do que sabemos sobre terrorismo é o discurso que lhe é construído pelo jornalismo. O meta-acontecimento muitas vezes é capaz de produzir ações concretas, indo além da significação. Um exemplo de seu efeito perlocutório são as imensas filas de doadores de sangue, formadas logo após os atentados de Madri.

É preciso lembrar ainda que o acontecimento é uma construção, isto é, “é sempre resultado de uma leitura, e é esta leitura que lhe confere sentido” (CHARAUDEAU, 2009, p. 72). A produção de sentidos sobre os fatos é realizada também pelo leitor, a partir dos sentidos propostos pelo texto jornalístico. A relação entre o jornalismo e o público é “um elemento de ordem da intersubjetividade que opera com percepções como credibilidade, confiabilidade e legitimidade” (FRANCISCATO, 2005, p. 172). Considerando essa relação, o leitor recorre ao jornalismo para interpretar os fatos e lhes conferir coerência, racionalidade, organização. Rodrigues (1993) lembra que o jornalismo passa a ser usado, no mundo moderno, para explicar e compreender o mundo, exercendo parte da função que o mito cumpria nas sociedades antigas. No caso de notícias sobre atos terroristas, o jornalismo ajuda a organizar a sensação de caos e desproteção.

3.4 Contrato de comunicação

As inovações tecnológicas, além de segmentar o jornalismo em diversos formatos, transformaram o processo produtivo e a circulação das notícias. A crescente utilização das tecnologias de informação e comunicação pela sociedade produziu novos fluxos de informação, modificou nossos hábitos de leitura e a maneira como interagimos socialmente (FRANCISCATO, 2005). Essa nova conjuntura contemporânea baseada na instantaneidade e simultaneidade acaba afetando o ritmo de produção e circulação do produto jornalístico. Hoje, não somente o tempo disponível para que o jornalista trabalhe em uma notícia se tornou mais curto, como também a quantidade de notícias produzidas aumentou. Nesse contexto, o jornalismo acaba se confrontando com a necessidade de seguir esse novo ritmo de produção e circulação e ainda cumprir com seu compromisso de entregar uma informação apurada ao leitor.

Franciscato (2005) aponta oito características que acompanham o jornalismo na maioria das formas sócio-históricas de sua constituição. A primeira característica é que a atividade jornalística tem como base determinados princípios que singularizam sua prática e seu produto, entre elas o compromisso com a verdade. Segundo Franciscato (2005, p. 166),

um dos princípios do jornalismo é “adotar como pressuposto a existência de uma idéia de verdade do real que pode ser apreendida nos seus aspectos principais por meio de técnicas jornalísticas e transformada em relato noticioso”. A segunda característica está relacionada à concepção do jornalismo como uma instituição social, construída ao longo da história e que desempenha papéis que outras instituições não podem desempenhar. A terceira característica diz respeito ao entendimento que há uma submissão da instituição jornalística ao ambiente em que atua, sendo este o modulador das possibilidades da produção jornalística. A quarta característica se refere à compreensão de que os formatos jornalísticos e suas narrativas “são resultantes de modelos históricos de desenvolvimento da cultura, da economia, da política e da tecnologia” (p. 167). A quinta característica corresponde ao entendimento de que o texto jornalístico é mais simplificado do que o texto científico, por exemplo, e é plural, contanto que as informações conflitantes sejam “adequadamente contextualizadas” (p. 168). A sexta característica está relacionada à concepção do produto jornalístico como um diálogo entre os diferentes sujeitos implicados em sua produção ou sua recepção, ainda que haja desigualdades entre estes interlocutores. A sétima característica diz respeito ao entendimento da oscilação do produto jornalístico entre um trabalho individual, mais autoral, e um trabalho coletivo, realizado em equipe e dentro da comunidade maior dos jornalistas. A oitava característica corresponde à compreensão do uso público do produto jornalístico, considerando que o texto jornalístico se torna um documento público sobre aqueles fatos.

A noção de criação de sentidos pelo jornalismo está relacionada à compreensão do jornalismo como um discurso. Para os estudos da Análise de Discurso (AD), todo discurso é dialógico, isto é, acontece entre os sujeitos da interlocução: “o jornalismo como discurso, portanto, só existe entre sujeitos” (BENETTI, 2008, p. 17). O sujeito, entretanto, é apenas um interlocutor do discurso e não a sua origem. Essa é uma compreensão de Pêcheux (1988³² *apud* BENETTI, 2008) chamada de ilusão discursiva. Segundo este conceito, ao enunciar o sujeito sofre dois tipos de esquecimentos. No primeiro tipo, o sujeito esquece que seu discurso é resultado dos processos históricos e de falas que foram assimiladas e internalizadas e, portanto, não é um discurso original ou autêntico. No segundo tipo, o sujeito esquece que selecionou uma estratégia de construção de sentidos e excluiu outras em uma gama de possibilidades de discursividade que lhe estão dispostas. Entretanto, tampouco há como enunciar sem recorrer à nossa bagagem referencial para poder interpretar o que queremos enunciar e também não há como eleger todas as estratégias de construção de sentidos.

³² PÊCHEUX, Michel (1988). **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp.

Sendo o discurso um processo que acontece entre sujeitos, Benetti (2008) observa que o processo discursivo é orientado pelo que um sujeito compreende sobre a posição do outro e sobre a sua própria posição. Tendo isto claro, a autora aponta que existem três sujeitos em um discurso: o enunciador — o jornalista concreto —, o leitor virtual — a quem o enunciador imagina estar se dirigindo —, e o leitor real — o leitor concreto.

Para que o discurso jornalístico seja possível, os interlocutores devem conhecer as possibilidades e os limites dos sistemas de formação do jornalismo e, portanto, dos elementos que definem o gênero (BENETTI, 2008). Essa troca entre os sujeitos do discurso será regida por aquilo que Charaudeau (2006) definiu como contrato de comunicação. De acordo com o autor, este contrato é definido por dados externos e internos. Os dados externos representam quatro questões: “quem diz e para quem”, “para quem se diz”, “o que se diz” e “em que condições se diz”. Já os dados internos correspondem a “como se diz”, às estratégias discursivas utilizadas. Benetti (2008) observa que o conceito de contrato de comunicação é válido, porém a distinção entre dados externos e internos ignora que os sujeitos sempre estão submetidos pela exterioridade, ou seja, pelos processos históricos, linguísticos e ideológicos que definem as posições de sujeito e edificam os sentidos. Sendo assim, o contrato de comunicação é regido pelas condições de finalidade (“para quem se diz”), de propósito (“o que se diz” ou “do que se trata”), de identidade (“quem diz e para quem”), de dispositivo (sob que condições um discurso se estrutura) e pelo que Benetti (2008) chama de condição textual (“como se diz”). A autora diz ainda que a finalidade é a condição hierarquicamente superior, e a ela se subordinam as demais.

Esse entendimento nos leva ao conceito de sistemas peritos, isto é, “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (GIDDENS³³ *apud* MIGUEL, 1999, p. 198). Se o jornalismo tem como finalidade relatar a realidade com o máximo possível de correspondência aos fatos, ele acaba se tornando um sistema perito ao qual as pessoas podem recorrer para conhecer o mundo. Os sistemas peritos têm duas características básicas: um elevado grau de autonomia em seu funcionamento e a crença em sua competência especializada por seus clientes ou consumidores (MIGUEL, 1999). A primeira característica se refere ao fato de que seus clientes ou consumidores estão submetidos aos sistemas peritos por não dispor dos conhecimentos especializados desses sistemas a ponto de poder influenciá-los. A segunda característica deriva da primeira e diz respeito ao fato de que, pelo sistema ser

³³ GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

especializado em um âmbito, seus clientes e consumidores acabam compelidos a acreditar em sua competência.

Nesse sentido, Miguel (1999) aponta que o jornalismo atua na sociedade como um sistema perito. Assim como ditam as características de um sistema perito, o jornalismo tem um alto grau de autonomia, visto que “o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições” (FRANCISCATO, 2005, p. 167), e também seus leitores, ouvintes, espectadores confiam no seu trabalho. Essa confiança é dividida em três momentos:

1) confiança quanto à veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza na seleção e hierarquização das notícias diante do estoque de “fatos” disponíveis. (MIGUEL, 1999, p. 199).

A crença nos sistemas peritos se sustenta pela experiência que mostra que o sistema funciona. Miguel (1999) diz que, no caso do jornalismo, a “prova de efetividade” raramente é possível de obter. A confirmação da veracidade — primeiro momento — poderá ser feita apenas em certos casos. A verificação da seleção correta dos elementos — segundo momento — exige o conhecimento íntimo da realidade. E a comprovação da seleção correta das notícias — terceiro momento — requer o acesso a fontes e a recursos restritos à atividade jornalística.

Assim, o jornalismo, ao ser um sistema perito conferido de um valor institucional (MIGUEL, 1999; FRANCISCATO, 2005), tem legitimidade e credibilidade suficientes para criar sentidos sobre atores e processos. Mas a manutenção da legitimidade e da credibilidade depende da atuação de jornalistas e veículos, pois a informação errada pode gerar uma quebra no processo de confiança. Um exemplo disso foi a cobertura dos atentados do 11 de março de 2004, em Madri, pelo jornal El País. Menos de seis horas depois dos atentados, o periódico publicou uma edição extra cobrindo o acontecimento, que levava em letras garrafais a manchete: “Matanza de ETA en Madrid”. Até aquele momento, a única informação que direcionava a essa conclusão era a declaração do ministro do Interior. Dias depois, o El País noticiou que as investigações policiais levavam a crer que a Al Qaeda era a verdadeira responsável pelos ataques. Entretanto, com a manchete da edição extra vinculando o ETA aos atentados terroristas do 11-M, o jornal criou sentidos poderosos sobre o grupo terrorista, rapidamente absorvidos pelo público. Ainda em março de 2007, em uma pesquisa realizada pelo GESOP (Gabinet d’Estudis Socials i Opinió Pública), 23%³⁴ dos entrevistados ainda acreditavam na relação do ETA com os atentados do 11 de março de 2004, em Madri.

³⁴ Disponível em:

https://www.elperiodicodearagon.com/noticias/espana/cae-numero-de-espanoles-relacionan-eta-11-m_367383.html

Para encerrar a reflexão sobre o discurso jornalístico, vale ressaltar que os sentidos não são produzidos somente por meio da palavra, mas também pelas imagens que compõem a informação jornalística. Charaudeau (2009) traz o conceito de imagem-sintoma, isto é, a imagem poderosa que nos faz lembrar de outras imagens. Essa associação acontece tanto por analogia formal — a imagem de pessoas feridas nos remete a outras imagens de pessoas feridas — quanto por discurso verbal interposto — uma imagem de um trem deformado após um ato terrorista nos remete a todos os relatos que já ouvimos de destruições causadas por atos terroristas.

É evidente que as pessoas não possuem o mesmo referencial de imagens e relatos, portanto, a evocação que uma imagem produz varia para cada sujeito. Para produzir um efeito sintomático, a imagem deve ser dotada de três fatores. O primeiro é que seja composta por uma forte carga semântica, isto é, aquilo “que sensibiliza os indivíduos: os dramas, as alegrias, as tristezas ou a simples nostalgia de um passado perdido” (CHARAUDEAU, 2009, p. 74). O segundo é que seja simples, “pois a complexidade confunde a memória e impede a percepção do seu efeito simbólico” (p. 74). O terceiro é que seja recorrente tanto na história quanto no presente, “para que possa fixar-se nas memórias e acabe por se tornar instantânea” (p. 74). A associação do texto verbal que narra, organiza e atribui responsabilidade com as fotografias que mostram os fatos produz, na cenografia de um ato terrorista, sentidos sobre o sistema político e jurídico, mas também sobre a humanidade, a vida e a morte.

3.5 El País

Seis meses após a morte do ditador espanhol Francisco Franco e em plena transição ao regime constitucional, no dia 4 de maio de 1976, vai às bancas o primeiro exemplar do jornal El País com o lema “diário independente da manhã”. Com sede em Madri, o diário é editado pelo Grupo Prisa e, desde 2018, a jornalista Soledad Gallego-Díaz é a primeira mulher a dirigir o veículo.

Após ser o primeiro jornal espanhol a se manifestar durante o golpe de Estado, conhecido como “23-F, El País se tornou referência nacional em comprometimento com a democracia. Em 23 de fevereiro de 1981, durante a votação pelo Congresso de Deputados da Espanha da candidatura à presidência de Leopoldo Calvo-Sotelo, a Guarda Civil espanhola, sob comando do então tenente-coronel Antonio Tejero, invade o Palácio das Cortes e interrompe o pleito. Enquanto isso, a cidade de Valência é ocupada militarmente sob ordens do então capitão geral da III Região Militar, Jaime Milan del Bosch, que declara estado de

exceção e assume os poderes até que receba instruções do rei Juan Carlos I. Três horas depois do início do golpe, antes mesmo da manifestação pública do rei contra a tentativa de sublevação, sai às ruas uma edição especial de El País levando, em letras corpo 72, a manchete “Golpe de Estado. El País, con la Constitución” (Figura 2). No editorial, o jornal denunciou a ilegalidade do ato e convocou a população a se manifestar nacional e internacionalmente em defesa da democracia.

Figura 2 - Capa de El País de 23 de fevereiro de 1981



Fonte: El País

Em 1986, o diário inaugura a Escola de Jornalismo El País. No contexto das primeiras experiências com tecnologias da informação, o instituto surgiu como um laboratório de jornalismo em castelhano. Hoje a Escola oferece um curso de mestrado com duração de dois anos, sendo um deles reservado para a realização de estágio nos meios de comunicação do Grupo Prisa. Além disso, são oferecidos cursos dirigidos a todos os públicos.

No dia de seu vigésimo aniversário, em 1996, o diário se integra oficialmente à internet e inaugura El País Digital, disponível através do link elpais.es. Com a pretensão de sair dos limites hispânicos e se globalizar, o endereço de acesso de sua versão on line passa a ser elpais.com e seu lema muda para “o periódico global em espanhol”. Hoje, El País também está presente no Instagram (@el_pais, @elpaisamerica, @elpaisbrasil), no Facebook (fb.com/elpais, fb.com/elpaisamerica e fb.com/elpaisbrasil), no Twitter (@el_pais,

@elpais_america, @elpais_brasil e @elpais_espana) e no YouTube (<https://www.youtube.com/user/elpaiscom/videos>).

É possível afirmar que sua presença na web e a crescente mudança mundial de acesso à informação tem afetado a busca por edições impressas. Entre janeiro de 2018 e de 2019, de acordo com dados da Oficina da Justificação da Difusão (traduzido do castelhano ao português), houve uma redução³⁵ de 31% do número de exemplares impressos e distribuídos diariamente pelo El País. Ainda assim, de acordo com o estudos de mercado feitos pela comScore, em 2017, o diário El País contava com 19,8 milhões de usuários mensais, sendo a principal referência dentro da Espanha³⁶ e o jornal em castelhano mais lido no mundo.

Seu grande reconhecimento mundial está relacionado à sua estratégia de distribuição globalizada posta em prática em 2013 ao lançar o El País América e El País Brasil e, posteriormente, o El País Catalunya e El País English Edition. A edição latino-americana dispõe de matérias originais do portal espanhol e conteúdos próprios, trabalhados pela redação estruturada na Cidade do México e por correspondentes de praticamente todas as capitais da América Latina. Já a versão brasileira oferece reportagens próprias, produzidas pela redação instalada em São Paulo e conteúdos traduzidos para o português. Além disso, a versão digital do jornal conta com uma seção em inglês, que integra as principais notícias do dia e outra em catalão com conteúdos próprios. El País integra, hoje, sua sede em Madri a redações em Barcelona, Cidade do México e São Paulo, e a correspondentes internacionais em 45 países do mundo³⁷.

Em sua edição vigente, El País conta com as seções Internacional, Opinião, Espanha, Sociedade, Economia, Ciência, Tecnologia, Cultura, Gente, Esportes, Televisão e Vídeos. Em sua versão latino-americana se inclui a editoria Américas; na brasileira, Brasil; e na catalã, Catalunha. A maior diferença se dá em sua edição em inglês, com a editoria “Spanish Way of Life”. Além disso, na Espanha, El País edita quinze revistas de segmentação: *Retina*, *Cinco Días (5D)*, *El País Semanal*, *Babelia*, *El Viajero*, *Negocios*, *Ideas*, *Verne*, *Planeta Futuro*, *El Comidista*, *S Moda*, *Buena Vida*, *Icon*, *Icon Design* e *Mamas & Papas*. El País também oferece serviço de assinatura e newsletters.

³⁵ OJD de janeiro de 2019: El País cae por debajo de los 80.000 ejemplares en ventas: https://www.lespanol.com/economia/medios/20190301/ojd-enero-pais-cae-debajo-ejemplares-ventas/379962727_0.html

³⁶ EL PAÍS revalida su liderazgo digital en España: https://elpais.com/elpais/2017/09/22/actualidad/1506083987_731912.html

³⁷ Disponível em: <https://escuela.elpais.com/historia-de-el-pais/>

4 OS SENTIDOS SOBRE O 11-M

Neste capítulo, pretende-se compreender o discurso do El País na cobertura dos atentados do 11 de março, buscando identificar o processo de culpabilização do ETA e os sentidos construídos pelo jornal sobre essa organização. Tendo este propósito, utilizar-se-á como metodologia a Análise de Discurso de linha francesa. Trataremos a seguir deste método de análise, abordando brevemente alguns de seus conceitos e listando o corpus selecionado para análise, e, por fim, apresentaremos os resultados obtidos na análise.

4.1 Metodologia

O jornalismo é um dos principais meios de obtenção de conhecimento do mundo, seja a respeito do nosso contexto espacial-temporal, seja do que nos é alheio. Esse conhecimento difundido pelo jornalismo tanto é uma produção particular sua sobre os acontecimentos do mundo quanto uma reprodução de conhecimentos feitos por outros agentes. Assim, o jornalismo tanto interfere na sociedade quanto a sociedade interfere nele. Nesse sentido, com base no inconsciente e consciente presente na sociedade, o jornalismo atua reforçando ou apagando significados, o que contribui para a constituição de supostos consensos sobre valores e atitudes (BENETTI, 2007). Ao entender sua relação com a sociedade, faz-se necessário compreender algumas características que o jornalismo como discurso apresenta.

A primeira, primordial aos estudos de Análise de Discurso (AD), diz respeito ao caráter **dialógico** do discurso. O dialogismo do discurso no jornalismo se dá pela relação entre discursos (*interdiscursividade*) e pela relação entre sujeitos (*intersubjetividade*) (BENETTI, 2016). A interdiscursividade consiste na ideia de que todo discurso dialoga com outros discursos: “o interdiscurso é um processo de reconfiguração da formação discursiva, em que ela é instada a incorporar elementos que lhe são exteriores” (BENETTI, 2016, p. 240). Já a intersubjetividade significa que um texto é um material que carrega *sentidos potenciais* e por isso depende da relação intersubjetiva para que seus sentidos sejam produzidos. É por isso que Pêcheux (1990) define o discurso como um *efeito de sentido entre interlocutores*, ou seja, o enunciador *propõe* sentidos, mas é no processo de interpretação - pelo sujeito que efetivamente “lê” o texto - que os sentidos são produzidos. É importante compreender que “o fato de o discurso ser construído de forma intersubjetiva exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais” (BENETTI, 2007, p. 108). Isso quer dizer que tanto o que é dito quanto o que é interpretado

estão submetidos à exterioridade do sujeito enunciador e do receptor, respectivamente. Em suma, a produção de sentidos é afetada pelo contexto social e cultural dos sujeitos presentes no discurso. Nesse sentido, um discurso não contém uma verdade intrínseca ou uma literalidade, visto que, pode ser interpretado de diversas formas.

As diversas possibilidades interpretativas constituídas no discurso permitem dizer que o discurso jornalístico é **opaco**, não transparente, sendo esta a sua segunda característica. A compreensão dessa opacidade permite entender que existe uma distinção entre o discurso jornalístico e a transmissão de mensagem entre emissor e receptor, baseada na ideia de uma codificação e decodificação. Essa diferença é explicada por Orlandi:

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que um primeiro fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Desse modo, dissemos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação de sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade (ORLANDI, 1999, p. 21).

A terceira característica se refere ao caráter idealmente **polifônico** do discurso jornalístico, isto é, existe (ou deveria existir) uma multiplicidade e diversidade de vozes em sua composição. Não basta que essas vozes sejam múltiplas para que o discurso jornalístico seja polifônico, elas devem enunciar sob diferentes perspectivas e ter interesses distintos umas das outras. O estudo das vozes é uma das abordagens possíveis da análise de discurso - no caso do jornalismo, seria a pesquisa sobre os sujeitos da enunciação (o jornalista, o colunista, o veículo) e as fontes mobilizadas no texto. Essa seria uma possibilidade interessante de estudo do nosso objeto, mas optamos por concentrar a análise na produção de sentidos.

A quarta característica, a qual nos interessa nesta pesquisa, refere-se ao caráter **difusor e produtor de sentidos** do discurso jornalístico. Entendemos que “o texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em *outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário” (BENETTI, 2007, p. 111, grifo da autora). Assim, a análise de discurso tem como questão central a busca pela significação, o que exige que o analista adote uma postura interpretativa com base na escolha dos conceitos que irá acionar.

A Análise de Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há

construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta através do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 1999, p. 26).

O primeiro passo para compreender os sentidos presentes no discurso é enxergar a presença de duas camadas no texto. A primeira é a camada discursiva, mais passível de ser vista; a segunda é a camada ideológica, evidenciada apenas com a aplicação do método. A partir daí, identifica-se no próprio texto as formações discursivas (FDs). Pêcheux (2014, p. 147, grifo do autor) define formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...], *determina o que pode e deve ser dito*”. Uma formação discursiva “é uma espécie de *região de sentidos*, circunscrita por um limite interpretativo que exclui aquilo que invalidaria aquele sentido - este segundo sentido, por sua vez, constituiria uma segunda FD” (BENETTI, 2007, p. 112, grifo da autora). Essa região de sentidos é balizada pela formação ideológica, ou seja, pelos sentidos que derivam de uma determinada perspectiva ou ideologia. A formação discursiva está, portanto, conectada à formação ideológica: “daquela formação ideológica em particular, não poderia ser construído outro sentido que não aquele” (BENETTI, 2007, p. 112). Como exemplo, pode-se pensar que, dentro da formação ideológica de nacionalistas bascos, o discurso “que pode e deve ser dito” defende a independência do País Basco e não a centralização governamental da Espanha.

É na análise das formações discursivas que entendemos os sentidos construídos no discurso. Nesta análise, existem dois movimentos que podem ser observados e que nos permitem entender os sentidos presentes no discurso: a paráfrase e a polissemia. O primeiro movimento se refere à repetição de um mesmo sentido. O segundo movimento diz respeito à abertura e à diversidade de sentidos. Na nossa pesquisa, interessa especialmente o movimento parafrástico, de reiteração, pois é por meio da **paráfrase** que podemos identificar e compreender os sentidos mais recorrentes no discurso do El País.

Os trechos onde se encontram a paráfrase ou a polissemia no texto são recortados arbitrariamente - a partir da questão de pesquisa do analista - para análise e são chamados pela AD de sequências discursivas (SD). As SDs compõem o *corpus* da pesquisa e geralmente são numeradas, contribuindo para a organização. No caso desta pesquisa, as SDs são trechos retirados de editoriais, artigos de opinião, reportagens, carta de leitor e da capa.

Em busca da resposta ao meu problema de pesquisa, “como o El País constrói sentidos sobre o ETA na cobertura dos atentados do 11-M?”, realizei a leitura das edições do jornal durante quatro dias, do dia em que os atentados ocorreram, 11 de março de 2004, ao dia das eleições gerais da Espanha, 14 de março de 2004. Nesse período, o El País realizou uma

cobertura extensiva dos atentados, estabelecendo inclusive uma seção exclusiva para o tema, denominada “Matanza en Madrid”. Essa cobertura iniciou no mesmo dia em que ocorreram as explosões: pouco menos de seis horas após os ataques, o El País lançou uma edição extra tratando exclusivamente do acontecimento. O El País fornece em seu site uma hemeroteca, porém com os conteúdos das edições em formato web. As edições antigas no formato impresso do jornal estão à venda no site Kiosko y Más³⁸. Todos os exemplares obtidos para esta pesquisa foram adquiridos na plataforma Kiosko y Más, com exceção da edição extra — que não é disponibilizada pelo site e foi encontrada no site Zyberchema³⁹.

Os textos foram escolhidos após a leitura completa das quatro edições do jornal. Selecionamos aqueles que citavam o ETA e traziam respostas à nossa questão de pesquisa. Ao todo foram selecionados 48 textos, sendo manchetes de capa, chamada de capa, editorial, reportagem, artigo de opinião e carta do leitor. Destes textos foram recortadas 117 sequências discursivas. Na continuidade, apresento a relação dos textos com o dia da edição, um número de referência que nos possibilitará uma melhor organização, seus próprios títulos e o tipo de texto a que corresponde.

Quadro 1 - Textos utilizados na análise

Dia	Nº do texto	Título	Tipo de texto
11/03	T1	Matanza de ETA en Madrid	Manchete de capa
11/03	T2	11-M	Chamada de capa/editorial
11/03	T3	11-M	Editorial
11/03	T4	Cuatro atentados simultáneos causan una matanza en trenes de Madrid	Reportagem
11/03	T5	“Sacaban los cuerpos con motosierras”	Reportagem
11/03	T6	La mayor matanza terrorista en España	Reportagem
11/03	T7	Los atentados etarras con más víctimas y de mayor repercusión	Reportagem
11/03	T8	Las acciones más sangrientas de ETA en Madrid	Reportagem
11/03	T9	Ibarretxe califica a los etarras de “simples alimañas” que buscan “dinamitar la democracia”	Reportagem

³⁸ Disponível em: <https://www.kioskoymas.com/>

³⁹ Disponível em: <http://www.zyberchema.net/>

11/03	T10	Llamazares pide unidad frente a la “barbarie nazi”	Reportagem
11/03	T11	La Generalitat ofrece su apoyo al Gobierno y se solidariza con el pueblo de Madrid	Reportagem
11/03	T12	Carod condena la “masacre” e insiste en el diálogo	Reportagem
11/03	T13	Al estilo Al Qaeda	Artigo de opinião
12/03	T14	Infierno terrorista en Madrid: 192 muertos y 1.400 heridos	Manchete de capa
12/03	T15	11-M	Chamada de capa
12/03	T16	11-M	Editorial
12/03	T17	Terrorismo en el Pozo	Artigo de opinião
12/03	T18	Matanza en Madrid	Carta de leitor
12/03	T19	Cuatro atentados simultáneos causan una matanza en trenes de Madrid	Reportagem
12/03	T20	Interior apunta a Al Qaeda y no descarta a ETA	Reportagem
12/03	T21	Las huellas españolas de Al Qaeda	Reportagem
12/03	T22	El grupo que reivindica el ataque mintió al atribuirse el apagón de EE UU	Reportagem
12/03	T23	Madrid, capital del dolor	Reportagem
12/03	T24	Una nueva campaña electoral ensangrentada	Reportagem
12/03	T25	"Deberían presenciar el dolor de los que sufren"	Reportagem
12/03	T26	ETA mata y se suicida	Artigo de opinião
12/03	T27	Rajoy: "España acabará con la lacra asesina del terrorismo"	Reportagem
12/03	T28	De buena mañana	Artigo de opinião
12/03	T29	Llmazares cree que la divisón de los demócratas sería "imperdonable" y rechaza el uso político de atentados	Reportagem
12/03	T30	Imaz dice que ETA es "una amenaza para la democracia"	Reportagem
12/03	T31	Todas las fuerzas políticas europeas condenan el ataque a la democracia española	Reportagem
12/03	T32	Con plomo en las entraña	Artigo de opinião

12/03	T33	Los obispos tachan de inmoral "el trato político" con ETA y piden serenidad	Reportagem
13/03	T34	Aznar y Acebes insisten en apuntar a ETA y la banda lo desmiente	Chamada de capa
13/03	T35	Después de la matanza	Editorial
13/03	T36	La furgoneta con una grabación en árabe fue utilizada para transportar las bombas	Reportagem
13/03	T37	Palacio instruye a todos los embajadores para que confirmen la responsabilidad de ETA	Reportagem
13/03	T38	Aznar no aclara si el autor de los atentados es ETA o el terrorismo islámico	Reportagem
13/03	T39	El Congreso evita mencionar a ETA en su comunicado institucional	Reportagem
13/03	T40	Los expertos escrutan la sombra de Bin Laden	Reportagem
13/03	T41	EE UU incrementa las medidas de seguridad por temor a una nueva oleada de atentados	Reportagem
13/03	T42	El juego de la sangre	Artigo de opinião
13/03	T43	Madrid no es el fin de la senda terrorista	Artigo de opinião
14/03	T44	La pista de Al Qaeda	Artigo de opinião
14/03	T45	El horror, de cerca	Carta de leitor
14/03	T46	Informar en medio de la confusión	Artigo de opinião (Ombudsman)
14/03	T47	Los detonadores utilizados por los terroristas en el atentado proceden de varias partidas	Reportagem
14/03	T48	"La policía piensa que no le digo todo lo que sé"	Reportagem

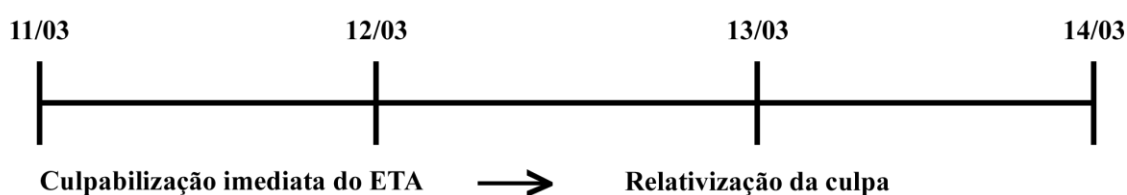
Fonte: a autora (2019)

Trazemos, a partir de agora, os resultados de nossa análise. As sequências discursivas (SDs) serão apresentadas com a grafia original em castelhano e com nossa tradução entre parênteses. O texto ao qual cada SD pertence será indicado pelo número (T1 a T48).

4.2 A culpabilização do ETA

Esta análise permitiu identificar no discurso do jornal El País alguns sentidos sobre os atentados do 11 de março em Madri. Entre os dias 11 a 12 de março, o jornal assumiu uma postura que criava o sentido de *culpabilização imediata do ETA*. Entre os dias 12 a 13, o discurso do El País, ao inserir a Al Qaeda no rol de suspeitos, porém resistindo em abandonar a tese inicial, passa a construir o sentido de *relativização da culpa*. Por fim, entre os dias 13 a 14, o El País passa a atuar de acordo com o princípio de objetividade jornalística, ao lidar com fatos concretos e indícios materiais.

Figura 3 - Linha do tempo da construção de sentidos sobre a culpabilização pelo El País



Fonte: a autora (2019)

4.2.1 Culpabilização imediata

Poucas horas após as explosões, o jornal El País lança uma edição extra, cobrindo os atentados do 11-M, com a manchete “Matanza de ETA em Madrid”. Instantes antes da publicação, o presidente do Governo, José María Aznar, entra em contato com o então diretor do El País, Jesús Ceberio, para confirmar a autoria como sendo do ETA. Em seguida, esta versão é assegurada em uma declaração dada pelo ministro do Interior, Ángel Acebes. Pode-se verificar que já na manchete que o jornal assume o declarado pelas fontes oficiais do governo como um fato. É possível observar, entretanto, que há um descompasso entre a posição do jornal na manchete em relação ao texto da edição. Enquanto a manchete toma como fato as informações dadas pelas fontes oficiais do Governo sem nomeá-las, o texto da edição indica que a atribuição de autoria está relacionada à declaração do ministro do Interior.

Figura 4 - Matanza de ETA en Madrid [T1, SD1]
(Matança do ETA em Madri)



Fonte: El País, ed. 9.779, 2004.

A capa também faz chamada ao editorial, onde é citado pela primeira vez o Ministério do Interior como a fonte que aponta o ETA como o autor mais provável, descrevendo como a hipótese mais verosímil. Essa verossimilhança é justificada, no discurso do editorial, com o argumento de que a organização etarra já havia demonstrado suficientemente determinação pra interferir na vida política espanhola. Assim, o jornal dá o sentido de *culpabilização do ETA* como o autor dos atentados por meio da paráfrase *da declaração da fonte oficial do Governo* e ainda pela explicação da lógica desta declaração.

Aunque no se ha confirmado la autoría y algunos datos no permiten descartar al terrorismo de signo islámico fundamentalista, **Interior maneja como hipótesis más verosímil la de ETA, que ya ha demostrado suficientemente su determinación de interferir la vida política española en un momento decisivo como son los días previos a una disputada jornada electoral.** [T3, SD2]

(Ainda que não se tenha confirmado a autoria e alguns dados não permitem descartar o terrorismo de origem islâmico fundamentalista, **Interior lida como a hipótese mais verosímil a do ETA, que já demonstrou suficientemente sua determinação em interferir na vida política espanhola em um momento decisivo como são os dias anteriores de uma eleição disputada.**)

El ministerio del Interior asegura que **“todo apunta” a ETA como la autora de un asesinato colectivo** que se ha producido sin ningún aviso previo sobre la existencia de los explosivos. [T4, SD3]

(O **ministério do Interior** assegura que **“tudo aponta” à ETA como a autora de um assassinato coletivo** que se produziu sem nenhum aviso prévio sobre a existência dos explosivos)

“Todo apunta a ETA”, aseguraba hoy por la mañana un responsable del Ministerio del Interior. [T5, SD4]

(**“Tudo aponta à ETA”, assegurava hoje pela manhã um responsável do Ministério do Interior.**)

O sentido de culpabilização do ETA como autor dos atentados terroristas, além de se dar pela declaração do ministro do Interior, é reforçada em um movimento parafrástico no discurso do El País por meio do *acréscimo de outras fontes oficiais* que corroboram essa atribuição imediata. As SDs a seguir trazem respectivamente as declarações feitas por fontes da polícia francesa, pelo então coordenador geral da Izquierda Unida (Esquerda Unida, em castelhano), pelo então presidente do Parlamento basco, por um candidato da Convergència i Unió (Convergência e União, em catalão), pelo então secretário geral e em nome da própria Esquerra Republicana de Catalunya (Esquerda Republicana da Catalunha, em catalão), pelo então presidente do Parlamento catalão, pelo Conselho de Segurança da ONU e pela então ministra do Exterior. Esta última, a SD21, se destaca pelo fato de a então ministra do Exterior, Ana Palacio, ter dado a instrução a todos os embaixadores da Espanha para afirmar a responsabilidade do ETA nos atentados, até que não restem dúvidas. A submissão do El País às fontes oficiais, neste momento, é clara, visto que as informações que fundamentam a autoria como sendo da organização etarra são exclusivamente declarações de fontes oficiais. É importante ressaltar a falta de continuidade na citação da SD14, pertencente a um texto da edição extra. Em alguns textos desta edição também se pode observar que foi utilizado o tempo “ontem” para acontecimentos ocorridos no mesmo dia da edição. Em minha análise, tal descuido na redação se deve ao pouco tempo – por volta de seis horas – que a equipe do El País teve para produzir esta edição.

Fuentes de la policía francesa aseguran: **“No tenemos ninguna duda de que ha sido ETA”.** [T4, SD5]

(**Fontes da polícia francesa** asseguram: **“Não temos nenhuma dúvida que foi ETA”**).

Gaspar Llamazares, coordinador general de IU [Izquierda Unida], preparaba su último día de campaña en Andalucía cuando recibió la noticia. El primer mensaje que quiso lanzar a la ciudadanía fue la condena sin paliativos **contra la “barbarie nazi” perpetrada ayer por ETA en Madrid**. [T4, SD8]

(**Gaspar Llamazares, coordenador geral da IU [Esquerda Unida]**, preparava seu último dia de campanha em Andaluzia quando recebeu a notícia. A primeira mensagem que quis lançar aos cidadãos foi a condenação sem paliativo **contra a “barbárie nazi” perpetrada ontem por ETA em Madri**).

El **presidente del Parlamento vasco, el peneuvista Juan María Atutxa**, ha leído poco después una declaración de la Junta de Portavoces suscrita por todos sus miembros, salvo la de la ilegalizada Batasuna, en el que condena los atentados como “el ejemplo más brutal de la cobardía, crueldad e inhumanidad de sus autores”. **“Este criminal ataque certifica la miseria moral de ETA** y de todos quienes apoyan esta siniestra actividad”, leyó Atutxa. [T9, SD12]

(**O presidente do Parlamento vasco, Juan María Atutxa, do partido PNV**, leu pouco depois uma declaração do Conselho de Porta-vozes suscrita por todos seus membros, com exceção à ilegalizada Batasuna, na qual condena os autores como “o exemplo mais brutal da covardia, crueldade e desumanidade de seus autores”. **“Este ataque criminoso certifica a miséria moral do ETA** e de todos os que apoiam essa atividade sinistra”, leu Atutxa.)

“La irrupción de ETA, que desgraciadamente esperábamos, pone punto y final a una triste campaña electoral y ojalá que también sea un punto y aparte en la manera de afrontar el tema del terrorismo por parte del conjunto de las dijo **el candidato de Convergència i Unió, Josep Antoni Duran Lleida**. [T11, SD14]

(**“A irrupção do ETA, que infelizmente esperávamos**, põe ponto final a uma triste campanha eleitoral e tomara que também seja um ponto de viragem na maneira de enfrentar o assunto do terrorismo por parte do conjunto das **disse o candidato de Convergència e União, Josep Antoni Duran Lleida**.)

El **secretario general de Esquerra Republicana de Catalunya, Josep Lluís Carod Rovira**, se unió al rechazo general. **“ETA nunca ha llegado tan lejos en su violencia y en su barbarie [...]**” [T11, SD15]

(**O secretario geral da Esquerda Republicana da Catalunha, Josep Lluís Carod Rovira**, se uniu à rejeição geral. **“ETA nunca chegou tão longe em sua violência e em sua barbárie [...]**”)

Y el **presidente del Parlamento, el republicano Ernest Benach**, abundó en que **“los criminales de ETA han matado a nuestros hermanos**”. [T11, SD17]

(**E o presidente do Parlamento, o republicano Ernest Benach**, acrescentou que **“os criminosos do ETA mataram nossos irmãos**”).

Esquerra Republicana (ERC) condenó **“enérgicamente la masacre” perpetrada por ETA**. [T12, SD19]

(**Esquerda Republicana** condenou **“energicamente o massacre” perpetrado por ETA**.)

El Consejo de Seguridad de la ONU, en una iniciativa poco habitual, **condenó ayer a ETA por considerarla responsable, como el Gobierno español, de los atentados de Madrid**. John Negroponte, embajador de Estados Unidos ante la ONU, señaló: "Estamos satisfechos de que el Consejo haya actuado tan rápidamente. El Gobierno español considera **que la acción tiene el sello de ETA**, porque habían tenido otras amenazas en las últimas semanas". [T19, SD20]

(O Conselho de Segurança da ONU, em uma iniciativa pouco habitual, **condenou ontem à ETA por lhe considerar responsável, assim como o Governo espanhol, dos atentados de Madri**. John Negroponte, embaixador dos Estados Unidos na ONU, destacou: "Estamos satisfeitos que o Conselho tenha atuado tão rapidamente. O Governo espanhol considera **que a ação tem o carimbo do ETA**, porque tinham outras ameaças nas últimas semanas".)

"Deberá VE [vuestra excelencia] aprovechar aquellas ocasiones que se le presenten para confirmar la autoría de ETA de estos brutales atentados, ayudando así a disipar cualquier tipo de duda que ciertas partes interesadas puedan querer surgir". Ésta es la instrucción lapidaria que **la ministra de Exteriores, Ana Palacio**, transmitió a las 17.28 horas del jueves a todos los embajadores de España, mediante un telegrama al que ha tenido acceso este diario. [T37, SD21]

("Deverá VE [vossa excelência] aproveitar aquelas ocasiões que lhe apresentem para confirmar a autoria do ETA destes brutais atentados, ajudando assim a dissipar qualquer tipo de dúvida que certas partes interessadas possam querer". Esta é a instrução lapidária que **a ministra de Exteriores, Ana Palacio**, transmitiu às 17.28 horas de quinta-feira a todos os embaixadores da Espanha, por meio de um telegrama ao qual teve acesso esse jornal.)

Além de trazer declarações de fontes oficiais que corroboram a esta posição, o sentido de *culpabilização imediata do ETA* se dá no discurso do El País a partir do *acionamento da memória*. No editorial do dia 11 de março é dito que a organização etarra já havia mostrado determinação para perturbar as eleições, com a intenção de interferir na política da Espanha.

Aunque no se ha confirmado la autoría y algunos datos no permiten descartar al terrorismo de signo islámico fundamentalista, Interior maneja **como hipótesis más verosímil la de ETA, que ya ha demostrado suficientemente su determinación de interferir la vida política española en un momento decisivo como son los días previos a una disputada jornada electoral**. [T2, SD2]

(Ainda que não se tenha confirmado a autoria e alguns dados não permitem descartar o terrorismo de signo islâmico fundamentalista, Interior lida **como a hipótese mais verossímil a do ETA, que já demonstrou suficientemente sua determinação em interferir na vida política espanhola em um momento decisivo como são os dias anteriores de uma eleição disputada**).

ETA ha intentado condicionar el resultado de todas las elecciones generales celebradas en España desde la reinstauración de la democracia. Y lo ha hecho con el único lenguaje que conoce: cometiendo atentados en periodo de precampaña o campaña electoral. [T24, SD34]

(ETA tentou condicionar o resultado de todas as eleições gerais celebradas na Espanha desde a reinstauração da democracia. E fez com a única linguagem que conhece: cometendo atentados no período pré-campanha ou campanha eleitoral.)

O El País também relembra outros atentados cometidos pelo ETA, como o da cafeteria Rolando, em 1974, e o do centro comercial Hipercor, em 1987. Também, são destacados por meio de duas reportagens os ataques da organização etarra de maior repercussão e com mais vítimas e mais sangrentos e executados em Madri. Além disso, o jornal traz o número total de pessoas que foram mortas pelo ETA desde o seu início até o momento do atentado do 11-M.

Figura 5 - Los atentados etarras con más víctimas y de mayor repercusión [T7, SD29]

(Os atentados etarras com mais vítimas e de maior repercussão)

Los atentados etarras con más víctimas y de mayor repercusión

ETA ha asesinado desde junio de 1968, cuando asesinaron a al guardia civil José Pardines en Guipúzcoa, a 817 personas. 339 han sido víctimas civiles, 198 guardias civiles, 145 policías nacionales, 97 miembros de las Fuerzas Armadas, 24 policías locales, 13 Ertzainzas y un mosso d'Esquadra. Esta es la trágica sucesión de atentados:

20-12-1973: El almirante Luis Carrero Blanco, presidente del Gobierno, muere al explotar una bomba bajo su coche. Muere también un inspector de policía y el conductor.

13-9-1974: Una bomba en la Cafetería Rolando de la calle Correo de Madrid mata a 14 civiles.

29-7-1979: Dos bombas en las consignas de las estaciones de Chamartín y Atocha y otra más en el

aeropuerto de Barajas matan a siete personas y causan cerca de un centenar de heridos.

14-7-1986: 12 guardias civiles mueren tras explotar un coche-bomba al paso de una caravana de tres vehículos de la Guardia Civil en la Plaza de la República Dominicana, en Madrid.

19-6-1987: 21 civiles mueren al estallar un coche-bomba en el aparcamiento de Hipercor, en Barcelona.

11-12-1987: 11 muertos, entre ellos cinco niñas, al estallar un coche-bomba en el Cuartel de la Guardia Civil en Zaragoza.

29-5-1991: Ocho personas mueren, entre ellos cuatro niñas, al explotar un coche-bomba en el Cuartel de la Guardia Civil en Vic, Barcelona.

6-2-1992: Un coche

bomba mata junto a la Capitanía General de Madrid a cuatro militares y a un civil.

19-2-1992: explosión de un coche bomba en Santander mata a tres civiles y causa 17 heridos.

21-6-1993: seis militares y un civil mueren en la calle López de Hoyos de Madrid

29-7-1994: coche bomba en la plaza de Ramales. Asesinados el teniente general Veguillas y otras dos personas. 20 heridos.

11-12-1995: seis trabajadores civiles de la Armada mueren en Vallecas

10-7-1997: secuestro de Miguel Ángel Blanco, asesinado más tarde.

29-1-1998: asesinados el concejal Alberto Jiménez Becerril y su esposa en Sevilla.

21-11-2000: asesinado el ex ministro socialista Ernest Lluch.

Fonte: El País, ed. 9.779, 2004.

Figura 6 - Las acciones más sangrientas de ETA en Madrid [T8, SD30]

(As ações mais sangrentas do ETA em Madri)

Las acciones más sangrientas de ETA en Madrid

20 de diciembre de 1973: ETA inicia en Madrid, con el asesinato del presidente del Gobierno, el almirante Luis Carrero Blanco, el inspector Juan Antonio Bueno Fernández y el conductor José Luis Pérez Mojena, una serie de atentados contra políticos, fuerzas de seguridad del Estado, militares, instituciones y empresas.

9 de septiembre de 1985: un coche bomba situado en la plaza de la República Argentina explota al paso de un autobús con 24 guardias civiles. Un ciudadano estadounidense muere y 16 heridos.

14 de julio de 1986: un coche bomba con 50 kilos de goma-2 que estalla al paso de un convoy de la Guardia Civil mata en la plaza de la República Dominicana a doce personas y causa cincuenta heridos.

22 de noviembre de 1988: explota una furgoneta en la Dirección General de la Guardia Civil. Mueren un niño de tres años y un técnico de RTVE. Medio centenar de heridos.

17 de octubre de 1991: ETA coloca tres bombas de ETA. La primera de ellas causó la muerte al teniente Francisco Carballar Muñoz. Las otras dos bombas provocaron heridas muy graves a María Jesús González y su hija Irene Villa, así como al coronel Rafael Villalobos.

6 de febrero de 1992: la organización terrorista ETA sembró de nuevo el terror en la capital al activar un coche bomba al paso de una furgoneta militar en la plaza de la Cruz Verde, cerca de Capitanía General. Fallecieron tres capitanes, un soldado y un radiotelegrafista.

21 de junio de 1993: siete muertos, seis militares y un civil, tras explotar un coche bomba en la calle López de Hoyos.

29 de julio de 1994: asesinado con un coche bomba el teniente general Francisco Vaguillas Elices, su conductor y otra persona más, 20 heridos al menos.

11 de diciembre de 1995: ETA mata a seis trabajadores civiles de la Armada con un coche bomba al paso de un furgón cerca del Puente de Vallecas. 17 heridos.

14 de febrero de 1996: Asesinado a bocajarro el ex presidente del Tribunal Constitucional Francisco Tomás y Valiente.

30 de octubre de 2000: Asesinado con un coche bomba José Francisco Querol, magistrado del Tribunal Supremo, su escolta y su chófer Armando Medina.

Fonte: El País, ed. 9.779, 2004.

ETA ha asesinado desde junio de 1968 a 817 personas, sin contar con el siniestro balance de hoy y a la espera de confirmar que la banda terrorista es la causante de la masacre. De las víctimas, **339 eran civiles, 198 guardias civiles, 145 policías nacionales, 97 miembros de las fuerzas armadas, 24 policías locales, 13 ertzainas y un policía autonómico de Cataluña.** [T4, SD27]

(ETA assassinou desde junho de 1968 a 817 pessoas, sem contar com o sinistro balanço de hoje e a espera de confirmar que o grupo terrorista é a causante do massacre. Das vítimas, **339 eram civis, 198 guardas civis, 145 policiais nacionais, 97 membros das forças armadas, 24 policiais locais, 13 ertzainas e um policial autônomo da Catalunha**)

Nunca los terroristas de ETA habían realizado un atentado indiscriminado contra civiles como el del 11 de marzo. Siempre se habían protegido con algún tipo de excusa que, ante su gente y ante sí mismos, les permitiera desviar la responsabilidad hacia otro sitio. Incluso en **el atentado de Hipercor en junio de 1987**, la existencia de un aviso previo les sirvió para no asumir la culpa de aquellas **21 muertes**. Lo del 11 de marzo ha sido distinto a todo lo anterior. Es cierto que en **el atentado de la Cafetería Rolando de la calle Correo de Madrid, en septiembre de 1974, hubo una matanza indiscriminada en la que murieron trece personas**. Aquella bomba iba destinada a la policía, cuyas dependencias estaban pegadas a esa cafetería. Pero de los trece muertos, sólo uno era miembro de las Fuerzas de Seguridad. El resto eran civiles. Y, en cualquier caso, dada la magnitud de aquella tragedia, ETA nunca se atrevió a asumir su responsabilidad en ese atentado. Hasta el día de hoy no ha reconocido que fue la autora de aquella tragedia. Esta es la primera vez en que se

produce un atentado indiscriminado, dirigido contra civiles, y sin aviso previo. Todo el discurso que ha venido manteniendo ETA durante más de 30 años, según el cual ETA no mata a inocentes, o si los mata es como consecuencia de accidentes o de errores, se ha venido abajo. ETA ha matado siempre con motivos, motivos que evidentemente sólo eran aceptables para los suyos, pero con motivos al fin y al cabo. [T26, SD35]

(Nunca os terroristas do ETA tinham realizado um atentado indiscriminado contra civis como o de 11 de março. Eles sempre se protegeram com algum tipo de desculpa que, diante de seu povo e de si mesmos, lhes permitia desviar a responsabilidade para outro lugar. Inclusive **no atentado de Hipercor em junho de 1987**, a existência de um aviso prévio lhes serviu para não assumir a culpa daquelas **21 mortes**. O 11 de março foi diferente das experiências anteriores. É verdade **que no atentado da Cafeteria Rolando da rua Correio de Madri, em setembro de 1974, houve uma matança indiscriminada na qual morreram treze pessoas**. Aquela bomba estava destinada à polícia, cujas dependências estavam ao lado da cafeteria. Porém, do treze mortos, somente um era membro das Forças de Segurança. O resto eram civis. E, de qualquer modo, dada a magnitude daquela tragédia, ETA nunca se atreveu a assumir sua responsabilidade nesse atentado. Até hoje não reconheceu que foi o autor daquela tragédia. Esta é a primeira vez em que se produz um atentado indiscriminado, dirigido contra civis, e sem aviso prévio. Todo o discurso que ETA vem mantendo durante mais de 30 anos, segundo o qual ETA não mata inocentes, ou se mata é como consequência de acidentes ou de erros, entrou em colapso. ETA matou sempre com motivos, motivos que evidentemente só eram aceitáveis aos seus, mas com motivos ao fim e ao cabo.)

O acionamento da memória também ocorre ao El País lembrar a tentativa do ETA de cometer um atentado similar na estação de Chamartín, em Madri, na noite de Natal de 2003. O jornal recorda que, inclusive, na ocasião, a organização etarra havia preparado uma gravação ordenando o desalojamento do lugar minutos antes das explosões acontecerem, mas que o aviso não havia sido dado porque as pilhas do walkman estariam gastas. A organização etarra era conhecida por realizar avisos prévios antes de executar seus ataques, porém no atentado do 11-M não ocorreu nenhum aviso. Assim, relembrar que, na tentativa de atentado na estação de Chamartín, o aviso falhou por motivos técnicos sugere que o mesmo ou motivo similar possa ter ocorrido nas explosões do 11-M.

El portavoz de la ilegalizada Batasuna, Otegi, dijo ayer que le parecía improbable la autoría de ETA, que suele avisar, y que consideraba más verosímil que se tratase de un atentado de la “resistencia árabe”. **Sin embargo, ETA ya intentó una matanza similar en la estación de Chamartín en Navidades. De ahí que siga siendo la hipótesis más probable.** [T2, SD24]

(O porta-voz da ilegalizada Batasuna, Otegi, disse ontem que lhe parecia improvável a autoria do ETA, que costuma avisar, e que considerava mais verossímil que se tratasse de um atentado da “resistência árabe”. **Entretanto, ETA já tentou uma matança similar na estação de Chamartín no natal. Por isso que continua a ser a hipótese mais provável.**)

Lo único claro que tenía esta mañana el ministerio del Interior es que, **al contrario que en otras ocasiones, no se produjo ningún aviso previo** y es esta circunstancia la que hacía dudar de que la organización terrorista causante de la matanza en Madrid fuera ETA. Los

expertos recordaron, sin embargo, que **ETA ya intentó un atentado similar en la pasada Nochebuena contra la estación de tren de Chamartín**. El plan era colocar dos mochilas con 25 kilos de dinamita en el Intercity que salía de Irún a las 8.15 de la mañana y llegaba a la estación de Chamartín a las 15.25. Las bombas, una de las cuales fue colocada en el tren, tenía temporizadores para estallar a las 15.55. **Este sistema de actuación sería similar al empleado por los terroristas en la mañana de hoy** sobre cuatro trenes de Cercanías que cubrían el recorrido entre Alcalá de Henares y Atocha. [T4, SD25]

(O único claro que tinha esta manhã o ministério do Interior é que, **ao contrário de outras ocasiões, não se produziu nenhum aviso prévio** e é esta circunstância que fazia duvidar de que a organização terrorista causante da matança em Madri fosse ETA. Os especialistas lembram, entretanto, que **ETA já tentou um atentado similar no Natal passado contra a estação de trem de Chamartín**. O plano era colocar duas mochilas com 25 quilos de dinamite no Intercity que saía de Irún às 8.15 da manhã e chegava à estação de Chamartín às 15.25. As bombas, uma das quais foi colocada no trem, tinham temporizadores para explodir às 15.55. **Este sistema de atuação seria similar ao empregado pelos terroristas na manhã de hoje** sobre quatro trens de Cercanías que cobriam a rota entre Alcalá de Henares e Atocha.)

Los expertos recordaron, sin embargo, que **ETA ya intentó un atentado similar en la pasada Nochebuena contra la estación de tren de Chamartín**. El plan era colocar dos mochilas con 25 kilos de titadyne en el Interciy que salía de Irún a las 8.15 de la mañana y llegaba a la estación de Chamartín a las 15.25. Las bombas, una de las cuales fue colocada en el tren, tenían temporizadores para estallar a las 15.55. **Los etarras prepararon una grabación para ordenar el desalojo del tren dos minutos antes de la explosión, pero el mensaje no habría podido escucharse, pues las pilas del walkman estaban gastadas**. [T5, SD28]

(Os especialistas lembraram, entretanto, que **ETA já tentou um atentado similar no natal passado contra a estação de trem de Chamartín**. O plano era colocar duas mochilas com 25 quilos de titadyne no Intercity que saía de Irún às 8.15 da manhã e chegava à estação de Chamartín às 15.25. As bombas, uma das quais foi colocada no trem, tinham temporizadores para explodir às 15.55. **Os etarras prepararam uma gravação para ordenar a evacuação do trem dois minutos antes da explosão, porém a mensagem não pode ser escutada, pois as pilhas do walkman estavam gastas**.)

Ainda assim, é afirmado que às vezes o ETA avisa e às vezes não. Ao trazer esta informação, o discurso do El País sugere o entendimento de que o argumento de que a organização costuma avisar previamente não tem força.

El portavoz de la ex Batasuna, Arnaldo Otegi, expresó ayer su rechazo a "la masacre", pero sólo tras afirmar que "la izquierda abertzale no contempla, ni como mera hipótesis, que ETA esté detrás de lo ocurrido". Su argumento fue que se trata de "acciones indiscriminadas contra la población civil, trabajadores", lo que no corresponde al modus operandi de ETA. No es verdad. Esa banda lleva muchos años atentando contra civiles desarmados, incluyendo niños, mujeres embarazadas, toda clase de trabajadores. **Y el método utilizado es idéntico, aunque con más explosivos al previsto en la estación madrileña de Chamartín** la pasada Nochebuena. **Tal vez aleguen que ETA avisa. A veces lo hace y a veces no**. [T16, SD31]

(O porta-voz da ex-Batasuna, Arnaldo Otegi, expressou ontem sua rejeição ao “massacre”, porém somente depois de afirmar que “a esquerda abertzale não contempla, nem como mera hipótese, que ETA esteja por trás do que aconteceu”. Seu argumento era que se trata

de “ações indiscriminadas contra a população civil, trabalhadores”, o que não corresponde ao modus operandi do ETA. Não é verdade. Esse grupo leva muitos anos atacando civis desarmados, inclusive crianças, mulheres grávidas, toda a classe de trabalhadores. **E o método utilizado é idêntico, embora com mais explosivos que o previsto na estação madrilenha de Chamartín no Natal passado. Talvez aleguem que ETA avisa. Às vez o faz e às vezes não.**)

O jornal traz o argumento da polícia espanhola para atribuir ao ETA a culpa pelo atentado do 11-M, que consiste nas tentativas anteriores da organização em realizar um grande atentado em Madri. Assim, é lembrado que no dia 29 de fevereiro, o que são onze dias antes dos ataques do 11-M, a Guarda Civil interceptou dois membros da organização etarra que se dirigiam a Madri com mais de 500 kg de explosivos em uma van roubada. Entende-se a partir daí que, tendo estes explosivos relação ou não com o 11-M, *o ETA já tinha intenções de realizar um ataque dessa magnitude.*

Entre los argumentos de la policía para atribuir el atentado a ETA figuraba el hecho de que **esta organización terrorista proyectaba desde hace meses un gran atentado en Madrid**. Primero lo intentó mediante la colocación de dos mochilas con 25 kilos de dinamita en el tren Intercity que salía de Irún el día de **Nochebuena de 2003** a las 8.15 para llegar a la **estación de Chamartín** a las 15.25 donde debía explotar el artefacto sólo 30 minutos después.

La Guardia Civil evitó más atentados en Madrid cuando interceptó el **29 de febrero pasado en Cañaveras (Cuenca) a otros dos etarras que trasladaban a la capital más de 500 kilos de explosivo en una furgoneta**. [T19, SD33]

(Entre os argumentos da polícia para atribuir o atentado ao ETA estava o fato de que **esta organização terrorista planejava há meses um grande atentado em Madri**. Primeiro tentou colocando duas mochilas com 25 quilos de dinamite no trem Intercity que saía de Irún no dia de **Natal de 2003** às 8.15 para chegar na **estação de Chamartín** às 15.25 onde explodiria a bomba apenas 30 minutos depois.

A Guarda Civil evitou mais atentados quando interceptou no dia **29 de fevereiro passado em Cañaveras (Cuenca) outros dois etarras que transportavam à capital mais de 500 quilos de explosivos em uma van**)

Ao acionar a memória, o discurso do El País traz a ideia que se o ETA foi capaz de realizar tudo o que já realizou ou tentou realizar, ele seria capaz de executar os ataques em Madri, no 11 de março. Assim, a utilização de declarações do ministro do Interior e outras fontes oficiais mais o acionamento da memória ao comporem o discurso do jornal parafrasticamente trazem o sentido de *culpabilização imediata* da organização etarra nos ataques do 11-M.

4.2.2 Relativização da culpa

A partir da edição do dia 12 de março, o El País passa a adotar um tom diferente: ao invés de culpar o ETA pelos atentados, o jornal insere a organização Al Qaeda no rol de suspeitos e começa a relativizar a culpa. Se antes o tom era afirmativo, a partir deste exemplar passa a ser de dúvida. Essa transformação no tom se dá a partir da mudança de posicionamento da fonte oficial do Governo. Ainda no dia 11, a polícia havia encontrado explosivos e uma fita com versos do Alcorão em uma van roubada em Alcalá de Henares, município próximo a Madri. Nesse contexto, o Ministério do Interior não descarta a possível relação da Al Qaeda com os atentados, mas deixa claro que *a principal linha de investigação segue sendo o ETA*. A mudança de tom do Governo, então, é acompanhada pelo El País que traz em seu discurso o sentido de relativização da culpa.

Interior investiga la pista de Al Qaeda **sin descartar a ETA** [T16, SD36]

(Interior investiga a pista da Al Qaeda **sem descartar ETA**)

El Ministerio del Interior informó de que **su principal línea de investigación es ETA, pero no descartó la pista de Al Qaeda** tras el hallazgo en Alcalá de una cinta con versos del Corán y detonadores en una furgoneta robada. [T14, SD37]

(O Ministério do Interior informou que **sua principal linha de investigação é ETA, mas não descartou a pista da Al Qaeda** depois do descobrimento em Alcalá de uma fita cassete com versos do Alcorão e explosivos em uma van roubada.)

El Ministerio del Interior apuntó desde el primer momento a ETA como posible autora del ataque perpetrado ayer contra cuatro trenes en Madrid, **pero anoche ya creía que los asesinos pueden ser de un grupo radical islámico**. Los terroristas colocaron 12 bombas, cada una con entre 8 a 12 kilos de dinamita (explosivo habitual de ETA), para hacerlas estallar casi simultáneamente. **La banda ETA se convirtió en la única hipótesis oficial, pese a que los investigadores decían desde la primera hora: "Éste no es su estilo"**. El hallazgo en Alcalá de Henares de una furgoneta con siete detonadores, restos de explosivos y una cinta con versículos del Corán hizo volver las pesquisas hacia Al Qaeda, que reivindicó la acción a través de un diario de Londres en lengua árabe. [T20, SD40]

(O Ministério do Interior apontou desde o primeiro momento a **ETA como possível autora do ataque** perpetrado ontem contra quatro trens em Madri, **porém ontem à noite já acreditava que os assassinos pudessem ser de um grupo radical islámico**. Os terroristas colocaram 12 bombas, cada uma com entre 8 a 12 quilos de dinamite (explosivo usual do ETA), para fazer explodir quase simultaneamente. **A banda ETA se converteu na única hipótese oficial, embora os investigadores tenham dito desde o primeiro momento: "Este não é o seu estilo"**. O descobrimento em Alcalá de Henares de uma van com sete detonadores, restos de explosivos e uma fita cassete com versículos do Alcorão trouxe as investigações de volta à Al Qaeda, que reivindicou a ação por meio de um diário de Londres em língua árabe.)

É importante observar que o jornal resiste a abandonar a tese inicial de responsabilização do ETA. A hipótese de que a autoria seja da Al Qaeda ingressa no discurso do El País por meio da ideia de *uma associação terrorista entre o ETA e a Al Qaeda*.

A esta hipótesis debe añadirse como mero automatismo lógico la de que la actuación criminal sea producto de una **coalición terrorista islamista y etarra**, de forma que **los asesinos hubieran terminado fusionando sus dos sangrientas banderas** y confirmando de forma siniestra la profecía de Bush y de Aznar que querían confundir todos los terrorismos y convertirlos. [T16, SD48]

(**A esta hipótese deve acrescentar como mero automatismo lógico** a de que a atuação criminal seja produto de uma **coalizão terrorista islamista e etarra**, de forma que **os assassinos acabassem fundindo suas duas bandeiras sangrentas** e confirmado de forma sinistra a profecia de Bush e Aznar de que queriam confundir todos os terrorismos e convertê-los.)

La hipótesis oficial siguen siendo que la autoría es de ETA, pero cada vez son más los agentes antiterroristas que se inclinan por el terrorismo islámico e, incluso, por una **colaboración entre organizaciones**. [T36, SD49]

(A hipótese oficial segue sendo que a autoria é do ETA, mas cada vez mais agentes antiterroristas estão inclinados ao terrorismo islâmico e, até mesmo, à **colaboração entre organizações**.)

Sin embargo, las fuentes de los servicios antiterroristas consultadas cuestionan la autoría de ETA, e incluso apuntan que se está investigando la **posible conexión entre varios grupos terroristas de distinto signo**, una especie de **internacional terrorista**. [T36, SD50]

(Entretanto, as fontes dos serviços antiterroristas consultadas questionam a autoria do ETA e inclusive apontam que se está investigando a **possível conexão entre vários grupos terroristas de diferentes caracteres**, uma espécie de **terrorista internacional**.)

Independiente de que el atentado terrorista del jueves fuera obra **de ETA o de otra organización terrorista, como Al Qaeda - o quizá incluso si se trata de una colaboración** - está claro que la matanza en los ferrocarriles de la capital española sigue el modelo de los actos de Al Qaeda, Hamás, la Yihad Islámica y similares: un atentado terrorista masivo contra civiles inocentes en nombre de una ideología o exigencia política. [T43, SD53]

(Independente de que o atentado terrorista de quinta seja obra **do ETA ou de outra organização terrorista, como Al Qaeda – ou talvez inclusive se se trata de uma colaboração** – está claro que a matança nas linhas de trem da capital espanhola segue o modelo das ações de Al Qaeda, Hamás, a Jihad Islâmica e similares: um atentado terrorista massivo contra civis inocentes em nome de uma ideologia ou exigência política.)

A probabilidade dessa colaboração é descrita com mais detalhes na SD52 a partir da fala de um membro do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Washington, que explica a possibilidade de jovens radicais integrantes da organização etarra, ao serem tão antiespanhóis como antiestadunidenses, terem estado no Iraque antes da guerra, conhecido militantes islamitas e se juntado à Al Qaeda.

Vicenzino añade un cuarto supuesto, la **colaboración entre jóvenes procedentes de ETA y grupos islamistas**: "Entra dentro de lo posible que hayan sido **algunos de estos jóvenes radicales, sin capacidad operativa y tan antiespañoles como antiestadounidenses, que quizá estuvieron en Irak antes de la guerra y que conocieron a militantes islamistas, y que crean que su única posibilidad de lanzar algo es incorporándose a algún grupo relacionado con Al Qaeda**". [T41, SD52]

(Vicenzino acrescenta uma quarta hipótese, a **colaboração entre jovens procedentes do ETA e grupos islamistas**: "Entra dentro do possível que tenham sido **alguns destes jovens radicais, sem capacidade operativa e tão antiespanhóis como antiestadunidenses, que talvez estiveram no Iraque antes da guerra e que conheceram a militares islamistas, e que acreditem que sua única possibilidade de lançar algo seja se juntando a algum grupo relacionado com Al Qaeda**.)

O motivo da colaboração entre dois grupos terroristas também é explicado na SD54. Assim, por ser uma operação que exigiu amplo planejamento, e por esse planejamento não ser uma característica das ações etarras anteriores, logo se suspeita que tenha sido formada por uma coalizão entre ETA e outra organização terrorista estrangeira.

El atentado del jueves fue una operación organizada que **precisó varios pasos, lo que recuerda a la táctica de Al Qaeda**. [...] Todo esto **denota experiencia y una amplia planificación operativa, atributos por los que ETA no se había destacado en el pasado**. Por eso surge la sospecha de que el responsable fuera otra organización o bien que **ETA cooperase con una organización terrorista extranjera**. [T43, SD54]

(O atentado de quinta foi uma operação organizada que **precisou vários passos, o que lembra a tática da Al Qaeda**. [...] Tudo isso **demonstra experiência e uma ampla planificação operativa, atributos os quais ETA não se destacou no passado**. Por isso surge a suspeita de que o responsável fosse outra organização ou **que ETA cooperasse com uma organização estrangeira**.)

O sentido de relativização da culpa também ocorre no discurso do El País a partir da sugestão que o atentado do 11-M seja semelhante a outros ataques da Al Qaeda pelo mundo. Assim, por mais que o estilo dos ataques executados em Madri seja do estilo dos já realizados pela Al Qaeda, para o El País isso não significa que existe uma forte possibilidade de a autoria ser da organização de Bin Laden, mas, sim, que *o ETA tenha adotado este estilo*.

Pero **el hecho de que ETA opte por una masacre al estilo Al Qaeda**, aún sabiendo que es el tipo de atentado que más rechazo social produce, **es algo a tener en cuenta**. [T13, SD56]

(Pelo **fato de que ETA opte por um massacre no estilo da Al Qaeda**, ainda sabendo que é o tipo de atentado que mais rejeição social produz, **é algo a ter em conta**.)

ETA ha terminado de superar la última barrera o restricción moral o política que pudiera tener en la selección de víctimas, **asimilándose definitivamente a las organizaciones más sangrientas que conocemos, como Hamás en Palestina o Al-Qaeda**. [T26, SD57]

(ETA terminou de superar a última barreira ou restrição moral ou política que poderia ter na seleção de vítimas, **assimilando-se definitivamente às organizações mais sangrentas que conhecemos, como Hamas na Palestina ou Al Qaeda**.)

Percebe-se que, ainda que traga a inserção da dúvida e da hipótese de outro autor, o jornal acaba reafirmando a possibilidade de o ETA ser o responsável. A SD58 explica que se antes os atentados executados pela organização etarra evitavam atingir a população civil, preferindo atacar pessoas em cargos públicos ou membros da segurança espanhola, agora é possível que *o ETA tenha mudado de estratégia*. O jornal traz a dúvida e em seguida apresenta uma explicação plausível que permitiria manter o ETA como autor. A mudança de estratégia se deve – como é explicado na SD59, com base no aviso dado pelo organismo policial europeu, Europol – ao fato de que a organização etarra teria interesse em realizar ações de grande escala em Madri.

Los españoles dicen que en el pasado el grupo terrorista vasco ETA había evitado lanzar atentados terroristas masivos contra civiles, prefiriendo atacar a cargos públicos y al personal de seguridad español. Pero es posible que **haya cambiado de estrategia** y ahora **haya decidido imitar a las organizaciones terroristas islámicas**. [T43, SD58]

(Os espanhóis dizem que no passado o grupo terrorista basco ETA tinha evitado lançar atentados terroristas massivos contra civis, preferindo atacar a cargos públicos e aos membros da segurança espanhola. Porém é possível que **tenham mudado de estratégia** e agora **tenham decidido imitar as organizações terroristas islâmicas**.)

El organismo policial europeo, Europol, había advertido en un informe aprobado el pasado 22 de diciembre de los **"cambios" observados "en el modus operandi de a organización terrorista" y del interés de ETA "en realizar operaciones a gran escala" en Madrid**. [T20, SD59]

(O organismo policial europeu, Europol, tinha avisado em um informe aprovado em 22 de dezembro das **“mudanças” observadas “no modus operandi da organização terrorista” e do interesse do ETA “em realizar operações em grande escala” em Madri**.)

Um dos primeiros indícios que a investigação policial encontrou foi uma fita cassete com versos do Alcorão junto a explosivos do mesmo modelo que os utilizados nas explosões, em uma van roubada em Alcalá de Henares, perto da estação de trem que conecta às três estações que ocorreram os ataques. O discurso do El País, de acordo com as SDs abaixo, sugere a possibilidade que *o ETA tenha criado falsos indícios*, colocando uma fita com versos do Alcorão para incriminar a Al Qaeda.

No cabe, por tanto, descartar del todo la pista etarra, aunque sólo sea por la eventualidad de un terrorismo de dos cabezas. Una cierta carga de la prueba corresponde a ETA, una organización que no siempre reconoce sus atentados y que como todo terrorismo vive de la confusión. **En el límite, podrían haber preparado la furgoneta con los versículos como falsa pista.** [T16, SD61]

(**Não é possível, portanto, descartar completamente a pista etarra**, ainda que somente seja pela eventualidade de um terrorismo de duas cabeças. Um certo percentual de prova corresponde à ETA, uma organização que nem sempre reconhece seus atentados e como todo terrorismo vive de confusão. **No limite, poderiam ter preparado a van com os versículos como uma pista falsa.**)

Resultaba perfectamente lógico que ETA lanzase el órdago de un gran atentado antes de que se cerrara la campaña electoral, y por ello intentara repetir el ensayo fallido al ser interceptadas las camionetas. Pero tampoco la hipótesis de Al Qaeda es absurda, al margen de la **cassette encontrada con citas del Corán junto a los detonadores**, lo que **puede ser una falsa pista destinada a ocultar a los verdaderos culpables.** [T42, SD71]

(**Era perfectamente lógico que ETA apostasse tudo em um grande atentado antes de que se terminasse a campanha eleitoral**, e assim tentasse repetir o ensaio falhado ao serem interceptadas as vans . Porém a hipótese da Al Qaeda tampouco é absurda, fora a **fita cassete encontrada com citações do Alcorão junto aos detonadores**, o que **pode ser uma pista falsa destinada a ocultar os verdadeiros culpados.**)

A hipótese da Al Qaeda como possível autora dos atentados é tratada no discurso do El País com uma cautela que o jornal não teve ao responsabilizar o ETA, o que dá o sentido de relativização da culpa. Diz-se que seria uma *eventualidade* a chance de o 11-M ser de autoria da Al Qaeda. Também se afirma que *a polícia espanhola sempre duvidou que a Al Qaeda atuasse na Espanha*, ainda que mais de 25 membros da organização já tivessem sido presos em território espanhol. E questiona, com base na fala de uma fonte descrita como especialista iraniano, o fato de os alvos dos atentados em Madri não estarem vinculados ao modo de vida ocidental ou ao judaísmo.

La eventualidad de que sea obra de Al Qaeda y de que tenga relación con el papel jugado por el Gobierno de Aznar en la guerra de Irak introduce una novedad que no puede dejar de sembrar una profunda inquietud. [T14, SD60]

(A **eventualidade de que seja obra da Al Qaeda** e de que tenha relação com o papel desempenhado pelo Governo de Aznar na guerra do Iraque introduz uma novidade que não pode deixar de semear uma profunda inquietude.)

Pero estas pistas de Al Qaeda no son las únicas que se han encontrado en suelo español. Varias semanas después del 11-S, el juez Baltasar Garzón desarticuló una presunta célula de Al Qaeda cuyos miembros sirios, argelinos, marroquíes y un español estaban siendo investigados por la policía desde 1995 cuando se observó que repartían propaganda radical en la madrileña mezquita de Abu Baker.

[...] **Nadie discute el apoyo logístico con el que cuenta Al Qaeda en España, se han detenido a más de 25 personas, pero la policía siempre dudó que actuara aquí.** [T21, SD63]

(Porém estas pistas da Al Qaeda não são as únicas que foram encontradas em solo espanhol. Várias semanas depois do 11-S, o juiz Baltasar Garzón desarticulou uma suposta célula da Al Qaeda cujos membros sírios, argelinos, marroquinos e um espanhol estavam sendo procurados pela polícia desde 1995 quando se observou que distribuíam propaganda radical na mesquita madrilenha de Abu Baker.

[...] **Ninguém discute o apoio logístico que a Al Qaeda conta na Espanha, foram presas mais de 25 pessoas, porém a polícia sempre duvidou que atuasse aqui.**)

A diferencia de los anglosajones, los servicios secretos alemanes no creían en la pista Al Qaeda. Tampoco el experto iraní residente en Londres Mustapha Alaní. Éste recordó que **Bin Laden y los suyos prefieren usar kamikazes** - por la mayor facilidad operativa y la sintonía con su mensaje escatológico - **y asimismo atentar contra objetivos** - desde las Torres Gemelas a la discoteca de Bali, pasando por embajadas y sinagogas - **claramente asociados al modo de vida occidental o al judaísmo.** [T40, SD70]

(Diferente dos anglo-saxões, os serviços secretos alemães não acreditavam na pista Al Qaeda. O especialista iraniano residente em Londres Mustapha Alaní também não. Este lembrou que **Bin Laden e os seus preferem usar kamikazes** – pela facilidade operativa maior e a sintonização com sua mensagem escatológica – **ainda assim atentar contra objetivos** – das Torres Gêmeas à discoteca de Bali, passando por embaixadas e sinagogas – **claramente associados ao modo de vida ocidental ou al judaísmo.**)

Ainda na noite do dia 11 de março, o jornal árabe editado em Londres Al-Quds Al Arabi recebeu uma carta com a informação de que o grupo de difusão de propaganda islâmica Brigadas de Abu Hafs Al Masri estava por trás dos atentados em Madri, em nome da Al Qaeda. A informação foi tratada pelo El País com um tom de dúvida, questionando a credibilidade da reivindicação de autoria e lembrando que o mesmo grupo já havia assumido falsa responsabilidade anteriormente.

La posibilidad del grupo de Bin Laden es más familiar en EE UU que la de ETA, pero también se apuntó que la reivindicación recibida en el diario Al Quds de Londres en la que se reclama los atentados a cargo de la Brigada Abu Hafs al Masri, **debe tomarse con cautela, porque se trata del mismo grupo que asumió, falsamente, la responsabilidad del apagón eléctrico que el pasado 14 de agosto** dejó a oscuras a Nueva York y a parte de la costa Este. [...] [T22, SD65]

(A possibilidade do grupo de Bin Laden é mais familiar nos EUA que a do ETA, porém também se apontou que a reivindicação recebida no diário Al Quds de Londres em que se reivindica os atentados em nome da Brigada Abu Hads al Masri, **deve ser tomada com cuidado, porque se trata do mesmo grupo que assumiu, falsamente, a responsabilidade do apagão elétrico que no passado 14 de agosto** deixou no escuro Nova York e parte da costa Leste.)

Al Qaeda no reivindica de modo directo e inmediato sus atentados. Pasan meses antes de que Bin Laden, Al Zawahiri u otro dirigente reconozca - de modo enrevesado y en un video o casete hecho llegar a algún medio árabe - su implicación en una matanza. **Así fue el 11-S.** [T40, SD67]

(**Al Qaeda não reivindica de modo direto e imediato seus atentados.** Passam meses antes de que Bin Laden, Al Zawahiri ou outro dirigente reconheça – de modo complicado e em um vídeo cassete feito para alcançar a algum meio árabe – sua implicação com uma matança. **Assim foi o 11-S.**)

La mayoría de los expertos negaba credibilidad al mensaje de reivindicación enviado el jueves a Al Quds Al Arabi por las Brigadas Abu Hafs Al Masri. [T40, SD68]

(**A maioria dos especialistas negava credibilidade à mensagem de reivindicação** enviada na quinta-feira ao Al Quds Al Arabi pelas Brigadas Abu Hafs Al Marsi.)

El mensaje reivindicatorio de las Brigadas Abu Hafs Al Masri es habitual ante cualquier gran atentado. El verano pasado llegó a atribuir al yihadismo os apagones de luz en EE UU. Más serio fue el comentario desde Londres del líder islamista Omar Bakri: el 11-M fue "un mensaje en nombre de Al Qaeda"; [T40, SD69]

(**A mensagem reivindicatória das Brigadas Abu Hafs Al Masri é comum depois de qualquer atentado.** No verão passado chegou a atribuir ao jihadismo os apagão nos EUA. Mais sério foi o comentário de Londres do líder islamista Omar Bakri: o 11-M foi “uma mensagem em nome da Al Qaeda”.)

É a partir do exemplar do dia 13, quando começam a surgir indícios materiais que o El País passa a atuar de acordo com o princípio da objetividade jornalística ao lidar com os fatos. A polícia havia identificado que os explosivos utilizados no atentado em Madri eram do tipo Goma-2, de fabricação espanhola, um modelo diferente do empregado por ETA, que geralmente utilizava Titadyne, de fabricação francesa. Além disso, se identificou que a placa da van roubada seguia a mesma, enquanto o costume do ETA ao roubar carros é trocar a placa. É possível observar no discurso do jornal que se passa a lidar com fatos concretos e indícios materiais, em lugar de declarações de fontes oficiais ou em comparações e suposições a partir de outros atentados do ETA.

Este indicio pone en entredicho el énfasis con que Acebes rechazó cualquier otra hipótesis, calificando de "miserables" a quienes pusieran en duda la autoría de ETA. Horas después de la aparición de la furgoneta - robada - en Alcalá tuvo que reconocer que no podía descartarse la hipótesis islamista. **Ayer añadió que los detonadores era iguales a los empleados en los atentados y que el explosivo utilizado era Goma-2 de fabricación española, material que ETA no emplea desde hace años.** Aún así, el ministro reiteró que la principal línea de investigación, aunque no la única, sigue señalando a ETA. [T35, SD76]

(Este indício põe em dúvida a veemência com que Acebes rejeitou qualquer outra hipótese, qualificando de “miseráveis” àqueles que colocaram em dúvida a autoria do ETA. Horas depois da aparição da van – roubada – em Alcalá teve que reconhecer que não se podia descartar a hipótese islamista. **Ontem acrescentou que os detonadores eram iguais aos empregados nos atentados e que o explosivo utilizado era Goma-2 de fabricação espanhola, material que ETA não emprega há anos.** Ainda assim, o ministro reiterou que a principal linha de investigação, embora não a única, continue apontando a ETA.)

Los detonadores y el explosivo, de fabricación española, no son como los empleados por ETA en los últimos años. [T36, SD77]

(Os detonadores e o explosivo, de fabricação espanhola, não são como os empregados por ETA nos últimos anos.)

Ni el explosivo ni los detonadores son de los utilizados en los últimos años por ETA, que dispone de dinamita Titadyne (francesa) y detonadores fabricados en México (en colaboración con una firma de EE UU), según fuentes de la investigación. [T36, SD78]

(Nem o explosivo nem os detonadores são dos utilizados nos últimos anos por ETA, que dispõe de dinamite Titadyne (francesa) e de detonadores fabricados no México (em colaboração com uma assinatura dos EUA), segundo fontes da investigação.)

La furgoneta a la que **no se habían cambiado las matrículas, como suele hacer ETA,** fue inspeccionada a fondo [...] [T36, SD80]

(A van, cujas **placas não haviam sido trocadas, como costuma fazer ETA,** foi inspeccionada a fundo [...])

Expertos de la lucha antiterrorista sostienen que **ETA nunca ha trabajado con materiales tan heterogéneos por lo que la hipotética autoría de esta organización aparece cada vez más lejana.** [T47, SD82]

(Especialistas da luta antiterrorista afirmam que **ETA nunca trabalhou com materiais tão heterogêneos, razão pela qual a hipotética autoria desta organização aparece cada vez mais distante.**)

Estos datos, según fuentes de la investigación, restan valor a la hipótesis de la autoría de ETA y posibilitan otras. Una de las que adquiere más peso apunta hacia grupos radicales islamistas vinculados a Al Qaeda, aunque sin descartar organizaciones de tipo mafioso. [T47, SD83]

(Estes dados, segundo fontes da investigação, diminuem a plausibilidade da autoria do ETA e possibilitam outras. Uma das que adquire mais peso aponta aos grupos radicais islamistas vinculados a Al Qaeda, ainda que sem descartar organizações do tipo mafioso.)

La furgoneta del atentado del 11-M localizada junto a la estación de Alcalá de Henares fue robada a 29 kilómetros de distancia, en pleno centro de Madrid, 13 días antes. Los terroristas no sólo recorrieron esa distancia con un coche robado al que, **en contra de la práctica de ETA, no doblaron la matrícula**, sino que lo mantuvieron en su poder casi dos semanas. [T47, SD84]

(A van do atentado do 11-M localizada perto da estação de Alcalá de Henares foi roubada a 29 quilómetros de distância, em pleno centro de Madri, 13 dias antes. Os terroristas não só viajaram essa distância com um carro roubado o qual, **contrário ao costume do ETA, não clonaram a placa**, mas como a manteve em sua posse por quase duas semanas.)

Inclusive, na SD abaixo, se reconhece que a crença na responsabilidade do ETA nos atentados do 11-M era apenas uma dedução racional, visto que não existiam indícios diretos que provassem esta versão. Além disso, se reconhece que os indícios ainda não são provas, mas que existe uma distinção clara entre as duas possibilidades de autoria. Enquanto a chance de a responsabilidade ser do ETA é apenas uma hipótese, a de que seja do Al Qaeda é mais do que uma hipótese.

Pero es una hipótesis, una deducción racional; no el resultado de indicios directos. En cambio, la aparición en Alcalá de Henares, punto de partida de los trenes que llevaban las bombas, de una furgoneta que contenía una grabación de versículos del Corán y varios detonadores, es un indicio, **todavía no una prueba, pero algo más que una hipótesis.** [T35, SD75]

(Porém é uma hipótese, uma dedução racional; não o resultado de indícios diretos. Em vez disso, a aparição em Alcalá de Henares, ponto de partida dos trens que levavam as bombas, de uma van que tinha uma gravação de versículos do Alcorão e vários detonadores, é um indício, **ainda não uma prova, porém algo mais do que uma hipótese.**)

No dia 14, quando todos os indícios materiais encontrados pela investigação policial apontavam que a responsabilidade da Al Qaeda era mais provável que a do ETA, o El País, por meio de um ombudsman, traz um *mea culpa* tímido. São abordadas no texto as ligações do presidente do Governo, José María Aznar, ao então diretor do El País, Jesús Ceberio, primeiro para confirmar que o autor dos atentados era a organização etarra e depois para ratificar sua convicção. O ombudsman também informa que, mesmo após a confirmação pelo presidente do Governo, o jornal reconhece que a autoria não estava tão clara, troca a sigla do ETA por uma informação mais genérica e retira partes dos textos em que afirmava

com veemência a participação do ETA nos ataques. Entretanto, a informação que o ombudsman traz contradiz a manchete publicada. O que, de fato, ocorreu foi o inverso⁴⁰. A primeira versão da edição extra feita na redação levava a manchete “Matanza terrorista em Madrid” (Matança terrorista em Madri, em castelhano), porém, após a ligação do presidente do Governo ao diretor do El País, foi modificada a manchete para “Matanza de ETA em Madrid” (Matança do ETA em Madri, em castelhano), que acabou sendo publicada. O jornal só reconhece explicitamente que confiou demais no Governo ao final do texto, na SD88; ainda assim defende que seria natural ter essa confiança.

El titular de portada a cinco columnas es contundente: Matanza de ETA en Madrid. ¿En qué se basaba EL PAÍS para afirmar tal cosa si todavía el ministro del Interior no lo había confirmado? Muy sencillo. Al margen de **distintas fuentes de Interior que así lo habían asegurado, el presidente del Gobierno, José María Aznar, había llamado al director del periódico, Jesús Ceberio, para confirmar esta autoría.** [T46, SD85]

(A manchete em cinco colunas é clara: Matança do ETA em Madri. No quê se embasava EL PAÍS para afirmar tal coisa se o ministro do Interior ainda não tinha confirmado? Muito simples. À margem de **diferentes fontes do Interior que o haviam confirmado, o presidente do Governo José María Aznar havia ligado ao diretor do jornal, Jesús Ceberio, para confirmar esta autoria.**)

Entonces ya se sabe que un grupo ligado a Al Qaeda ha reivindicado el atentado en el diario Al Quds al Arabi, que se edita en Londres. El ministro del Interior afirma poco después que no se descarta esa hipótesis de trabajo, ya que han encontrado una furgoneta con detonadores y una cinta con versículos del Corán. **El presidente del Gobierno vuelve a llamar al director del periódico para ratificarle su convicción de que el atentado es obra de ETA. Pero la autoría del atentado no está ya tan clara y es necesario volver a revisar todos los textos cuando la primera edición está prácticamente lista.** Se eliminan las siglas ETA y se sustituye la autoría por un más genérico "matanza terrorista en Madrid". Hay que revisar también las entradillas y las informaciones donde se daba como segura la participación de ETA. [T46, SD88]

(Então já se sabe que um grupo vinculado à Al Qaeda reivindicou o atentado no jornal Al Quds al Arabi, que se edita em Londres. O ministro do Interior afirma pouco depois que não se descarta essa hipótese de trabalho, já que encontraram uma van com detonadores e uma fita cassete com versículos do Alcorão. **O presidente do Governo volta a ligar para o diretor do jornal para ratificar sua convicção de que o atentado seja obra do ETA. Porém a autoria do atentado não está já tão clara e é necessário voltar a revisar todos os textos quando a primeira edição está praticamente pronta.** Eliminam-se as siglas ETA e substitui-se a autoria por uma mais genérica: “matança terrorista em Madri”. Há que revisar os leads e as informações onde se dava como garantida a participação do ETA.)

Un lector de Segovia, Juan Jesús Martín Alonso, critica que el editorial de EL PAÍS del viernes pusiera en duda la autoría de ETA. "Si el Gobierno nos está engañando ya se descubrirá y pagará muy caro su mentira, pero mientras debemos de confiar en nuestras instituciones". **Este periódico creyó al presidente del Gobierno en sus dos afirmaciones al director. Pero la confianza tiene un límite, la realidad.** [T46, SD91]

⁴⁰ Disponível em: https://elpais.com/diario/2004/03/27/espana/1080342028_850215.html

(Um leitor de Segóvia, Juan Jesús Martín Alonso, critica que o editorial do EL PAÍS da sexta-feira colocasse em dúvida a autoria do ETA. “Se o Governo está nos enganando já se descobrirá e se pagará muito caro por sua mentira, porém, enquanto isso, devemos confiar em nossas instituições”. **Este jornal acreditou no presidente do Governo em suas duas afirmações ao diretor. Porém a confiança tem um limite, a realidade.**)

É possível analisar, portanto, que o movimento parafrástico existente ao sugerir a hipótese de uma associação do ETA com a Al Qaeda; ao descrever a semelhança do atentado do 11-M com outros ataques realizados pela organização de Bin Laden; ao manter a organização etarra como possível autor, porém sugerindo que este tenha mudado seu *modus operandi*; ao tratar com cautela a hipótese de que seja a Al Qaeda a autora das explosões em Madri; cria o sentido de *relativização da culpa*.

4.3 Os sentidos criados sobre o ETA

Entre os dias 11 e 14 de março, foi possível identificar no discurso do El País pelo menos oito sentidos criados sobre o ETA. Em diversos momentos, existe a paráfrase que constrói o sentido sobre os membros da organização etarra como pessoas *cruéis*. Nessas construções, a crueldade dos integrantes do ETA se deve à sua *capacidade de matar e de fazer dano aos outros*, à sua *falta de moralidade*, à sua *brutalidade*.

Cuando una organización que dice defender propósitos políticos llega al extremo de no retroceder ante semejante exhibición criminal, significa que ya se ha producido su derrota política, **por mucho que siga teniendo capacidad de matar**, y ayer lo demostró con **terrible crueldad**. [T3, SD92]

(Quando uma organização que diz defender propósitos políticos chega ao extremo de não retroceder diante de semelhante exibição criminosa, significa que sua derrota política já ocorreu, **por muito que siga tendo capacidade de matar**, e ontem o demonstrou com **terrível crueldade**.)

Los terroristas no buscan convencer, ni siquiera vencer, sino demostrar que pueden hacer mucho daño; y cuanto más débiles estén, más tratarán de concentrar ese daño en **actos sin límites de crueldad** y maldad. [T3, SD93]

(Os terroristas não procuram convencer, nem sequer vencer, mas sim demonstrar que podem fazer muito dano; e quanto mais fracos estejam, mais tratarão de concentrar esse dano em **atos sem limites de crueldade e maldade**.)

El presidente del Parlamento vasco, el peneuvista Juan María Atutxa, ha leído poco después una declaración de la Junta de Portavoces suscrita por todos sus miembros, salvo la de la

ilegalizada Batasuna, en el que condena los atentados como “el ejemplo más brutal de la cobardía, **crueledad e inhumanidad** de sus autores”. “Este criminal ataque certifica la **miseria moral de ETA** y de todos quienes apoyan esta siniestra actividad”, leyó Atutxa. [T9, SD12]

(O presidente do Parlamento vasco, Juan María Atutxa, do partido PNV, leu pouco depois uma declaração do Conselho de Porta-vozes subscrita por todos seus membros, com exceção à ilegalizada Batasuna, na qual condena os autores como “o exemplo mais brutal da covardia, **crueledade e desumanidade** de seus autores”. “Este ataque criminoso certifica a **miséria moral do ETA** e de todos os que apoiam essa atividade sinistra”, leu Atutxa.)

Figura 7 - Vítimas do atentado sobre os trilhos do trem



Fonte: El País, ed. 9.779, 2004.

Figura 8 - Bombeiros resgatam o cadáver de uma mulher que ficou presa entre o amassado de ferro do trem da estação de Atocha



Los bomberos rescatan a el cadáver de una mujer que quedó atrapada entre los amasijos de hierro del tren de la estación de Atocha. / EFE

Fonte: El País, ed. 9.779, 2004.

Figura 9 - Dois jovens esperam ser atendidos pela assistência médica, em uma árvore perto da estação de Atocha



Dois jovens esperam ser atendidos por las assistencias sanitarias, junto a un árbol en las proximidades de la estación de Atocha. / 112

Fonte: El País, ed. 9.779, 2004.

O sentido da *crueldade* também é reafirmado pelas fotos que mostram a extensão dos danos, a dor e o desconcerto das vítimas, como vemos nas figuras 7, 8 e 9. A figura 7 traz a imagem das vítimas do atentado sobre os trilhos do trem. Algumas estão sentadas, mas a maioria delas está caída e deitada sobre as pedras, enquanto os ajudantes estão de pé ou agachados. Também é possível identificar uma parte de um corpo ensanguentado entre as pessoas nas pedras dos trilhos, que, ao ser incluída descabidamente no recorte da fotografia, endossa o sentido de crueldade em seu discurso. Na figura 8, ao trazer a imagem de uma mulher morta presa entre os ferros do trem, o jornal reforça, de forma escancarada e desmedida, o sentido de crueldade. O mesmo ocorre na figura 9, ao mostrar a imagem de um jovem com o rosto inchado e coberto de sangue. O que se sente, em minha análise, ao olhar estas fotografias é que apenas uma pessoa muito cruel seria capaz de causar este tipo de dano aos outros.

O ETA como uma organização formada por pessoas *frias* é outro sentido construído no discurso do El País sobre a organização etarra. Ser uma pessoa fria é ser insensível emocionalmente, ser incapaz de sentir a dor do outro. Essa construção se dá nas sequências

discursivas abaixo ao dizer que os membros do ETA são pessoas *frias*, que *celebram a morte de suas vítimas* e que *veem as vítimas como animais* e merecedoras de morrer destroçadas.

Y explica: "Yo colaboro con una asociación no gubernamental que trabaja en las cárceles. He estado con presas de ETA, casi niñas, que, por cierto, se vuelcan en cuidar a los niños gitanos, a los que miman cuanto pueden. Incluso", añade, "regañan a las madres gitanas cuando los zarandean". Prosigue: "**Es gente estupenda, pero cuando se produce un atentado y se les pregunta qué sienten por la muerte de personas, policías, políticos, a manos de terroristas, responden: 'No matan a personas, matan animales'**". Marta hace una petición: "De verdad, creo que sería necesario que estas crías y críos, que han sido educados en el odio, **vean los efectos de atentados como éste, para que puedan percibir exactamente el dolor** que causan a personas normales y corrientes". [T25, SD94]

(E explica: "Eu colabora com uma associação não governamental que trabalha em prisões. Estive com presas do ETA, quase crianças, que, aliás, se viram para cuidar das crianças ciganas, às quais mimam o quanto podem. Inclusive", acrescenta, "repreendem as mães ciganas quando elas os sacodem". Prossegue: "**É gente estupenda, mas quando se executa um atentado e lhes pergunta o quê sentem pela morte das pessoas, policiais, políticos, em mãos de terroristas, respondem: 'Não matam pessoas, matam animais'**". Marta faz um pedido: "De verdade, acredito que seria necessário que estas crianças, que foram educadas no ódio **vejam os efeitos de atentados como este, para que possam perceber exatamente a dor** que causam em pessoas normais e comuns.")

Hace años supimos, por confesión propia, que los miembros de un comando etarra que dispararon en la nuca a un concejal de Sevilla y a su mujer, que paseaba con él por la calle, pero que ni siquiera tenía ningún cargo, **celebraron aquella noche su hazaña con una gran cena, champagne incluido, e incluidas las risas. No hay por qué pensar que hoy no lo celebren igual**, los autores de esta matanza y quienes les dieron las órdenes. [T28, SD110]

(Há anos atrás ficamos sabendo, por confissão própria, que os membros de um comando etarra que dispararam na nuca de um vereador de Sevilha e em sua mulher, que passeava com ele na rua, mas que nem sequer tinha algum cargo, **celebraram aquela noite sua façanha com um grande jantar, champanhe incluído, e incluindo as risadas. Não há porque pensar que hoje não celebrem igual**, os autores desta matança e quem lhes deram as ordens.)

Cuántos años de adoctrinamiento, de veneno ideológico, de putrefacción moral, hacen falta para que unos cuantos individuos nacidos en un país democrático y con alto nivel de vida se vean a sí mismos como miembros heroicos de una patria oprimida, y puedan con toda **frialidad** planear y ejecutar el asesinato de cientos de personas a las que no han visto nunca, pero a **las que consideran de antemano culpables, ni siquiera humanas, merecedoras de morir destroçadas** en el tren en el que acudían una mañana cualquiera a su trabajo o a su lugar de estudio. [T32, SD111]

(Quantos anos de doutrinação, de veneno ideológico, de putrefação moral, são necessários para que uns tantos indivíduos nascidos em um país democrático e com alto nível de vida vejam a si mesmos como membros heroicos de uma pátria oprimida, e possam com toda a **frieza** planejar executar o assassinato de centenas de pessoas às quais nunca viram, mas **as que consideram de antemão culpadas, nem sequer humanas, merecedoras de morrer destroçadas** no trem que as levava uma manhã qualquer ao seu trabalho ou ao seu local de estudo.)

O sentido de *covardia* também é construído no discurso do El País por meio da paráfrase nas sequências discursivas abaixo. Nestas construções, é possível também ver que, segundo a fala de um entrevistado (SD98) e a declaração de Gaspar Llamazares (SD113) – coordenador geral do partido Esquerda Unida –, o ETA é uma organização covarde pelo *baixo risco* que tinha ao colocar mochilas com bombas em um trem e depois sair dele e também por *atacar trabalhadores e estudantes*.

Otro vecino, de unos 80 años, que se encontraba cerca añadió: “Son nuestros hijos los que iban en ese tren. ¿Qué quieren de nosotros?”. Un tercero señaló: “Eso es muy sencillo, **de cobardes: poner una mochila con una bomba en un tren y luego te largas, eso es muy fácil y de cobardes**”. [T5, SD97]

(Outro vizinho, de uns 80 anos, que estava por perto acrescentou: “São nossos filhos os que iam nesse trem. O que querem de nós?”. Um terceiro salientou: “Isso é muito simples, **de covardes: colocar uma mochila com uma bomba em um trem e depois te escapar, isso é muito fácil e de gente covarde.**”)

El presidente del Parlamento vasco, el peneuvista Juan María Atutxa, ha leído poco después una declaración de la Junta de Portavoces suscrita por todos sus miembros, salvo la de la ilegalizada Batasuna, en el que condena los atentados como “el **ejemplo más brutal de la cobardía**, crueldad e inhumanidad de sus autores”. “Este criminal ataque certifica la miseria moral de ETA y de todos quienes apoyan esta siniestra actividad”, leyó Atutxa. [T9, SD12]

(O presidente do Parlamento vasco, Juan María Atutxa, do partido PNV, leu pouco depois uma declaração do Conselho de Porta-vozes suscrita por todos seus membros, com exceção à ilegalizada Batasuna, na qual condena os autores como “o **exemplo mais brutal da covardia**, crueldade e desumanidade de seus autores”. “Este ataque criminoso certifica a miséria moral do ETA e de todos os que apoiam essa atividade sinistra”, leu Atutxa.)

Gaspar Llamazares preparaba su último día de campaña en Andalucía cuando recibió la noticia de “la masacre de corte fascista perpetrada con **una repugnante cobardía contra cientos de trabajadores y estudiantes**”. El primer mensaje que quiso lanzar a la ciudadanía fue la condena sin paliativos contra la “barbarie nazi” perpetrada hoy por ETA en Madrid. [T10, SD13]

(Gaspar Llamazares preparava seu último dia de campanha em Andaluzia quando recebeu a notícia do “massacre de estilo fascista perpetrado com **uma repugnante covardia contra centenas de trabalhadores e estudantes**”. A primeira mensagem que quis lançar aos cidadãos foi a condenação sem paliativos contra a “barbárie nazi” perpetrada hoje por ETA em Madri.)

Mi solidaridad para las víctimas y sus familiares. Y ante la **tremenda cobardía de una banda de asesinos**, un ruego a los políticos: unidad sin fisuras en la lucha contra el terrorismo. [T18, SD98]

(Minha solidariedade às vítimas e aos seus familiares. E diante da **tremenda covardia de uma banda de assassinos**, um pedido aos políticos: unidade sem fissuras na luta contra o terrorismo.)

Outro sentido construído sobre o ETA no discurso do El País é o *ódio a Madri*. Na SD101, retirada do editorial do dia 11, a capital madrilenha seria para os etarras o símbolo da política centralista empregada durante a ditadura de Franco, sendo assim, tudo aquilo que o ETA combate. Na SD104, recortada de um artigo de opinião do dia 12, o autor faz referência à filosofia de Sabino Arana em relação à defesa da pureza racial basca, ao dizer que o *ódio a Madri* é baseado em uma *noção de que os madrilenos são inferiores aos bascos*.

Los terroristas han elegido además la ciudad de Madrid para incidir de forma tan repugnante en la campaña electoral, en una jugada de lógica diabólica en su ajedrez sangriento. **La capital de España y sobre todo su nombre ha venido utilizándose como símbolo centralista y bandera del enfrentamiento entre el nacionalismo etarra y el Estado. En la mente enferma de los terroristas Madrid equivale posiblemente a las Torres Gemelas: Madrid es el símbolo de todo lo que combate ETA**, como las torres neoyorquinas eran el símbolo del capitalismo y del modo de vida americano para los islamistas radicales. [T3, SD100]

(Os terroristas elegeram além do mais a cidade de Madri para influenciar de forma tão repugnante na campanha eleitoral, em uma jogada de lógica diabólica em seu xadrez sangrento. **A capital da Espanha e sobretudo seu nome vem sendo utilizado como símbolo centralista e bandeira do enfrentamento entre o nacionalismo etarra e o Estado. Na mente doente dos terroristas Madri equivale possivelmente às Torres Gêmeas: Madri é o símbolo de tudo o que combate ETA**, como as torres nova-iorquinas eram o símbolo do capitalismo e do modo de vida americano para os islamistas radicais.)

Madrid ha sido uno de los objetivos preferentes de ETA a lo largo de su sanguinaria historia. Los jefes de la banda la han elegido por la mayor proyección pública, incluso a nivel internacional, que tiene cualquier acción terrorista en la capital del Estado. [...] **en Madrid han recurrido a métodos más indiscriminados y con menor riesgo para sus autores**, lo que ha provocado mayor número de bajas civiles. Hasta la cadena de atentados de ayer contra los trenes de cercanías, **la lista de muertos a manos de ETA en Madrid** se elevaba 121.

Entre los atentados más sangrientos cometidos en la capital figuran los de la **calle del Correo, en 1974**, con 14 muertos; el de la **Plaza de la República Dominicana, de 1986**, con 12; el de la **Calle López de Hoyos, en 1993**, con siete; o el de **Vallecas, con seis en 1995, todos ellos obra de la organización terrorista ETA**. Madrid también fue escenario del principal atentado cometido en España por grupos islámicos: el del Restaurante El Descanso, con 18 muertos y 82 heridos, en 1985. [T23, SD102]

(Madri tem sido um dos objetivos preferidos do ETA ao longo de sua sanguinária história. Os chefes do grupo escolheram pela maior projeção pública, incluindo a nível internacional, que tem qualquer ação terrorista na capital do Estado. [...] **em Madri recorreram a métodos mais indiscriminados e com menor risco para seus autores**, o que provocou um maior número de vítimas civis. Até a cadeia de atentados de ontem contra os trens de Cercanías, **a lista de mortos nas mãos do ETA em Madri** se elevava a 121.

Entre os atentados mais sangrentos cometidos na capital estão os da **rua do Correo, em 1974**, com 14 mortos; o **da Praça da República Dominicana, de 1986**, com 12; o da **rua López de Hoyos, em 1993**, com sete; o de **Vallecas, com seis em 1995, todas obras da organização terrorista ETA**. Madri também foi cenário do principal atentado cometido na Espanha por grupos islâmicos: o do Restaurante El Descanso, com 18 mortos e 82 feridos, em 1985.)

Cuántas veces se les ha enseñado en las escuelas, en los periódicos, en la televisión, a despreciar y **odiar ese lugar siniestro al que llaman "Madrid", pronunciando la palabra con la adecuada entonación de sarcasmo y desdén, porque en ese Madrid habitan los que no son como ellos, los que son inferiores, los que están al otro lado de la divisoria feroz entre el nosotros y lo nuestro y la niebla de todo lo que es ajeno y enemigo.** [T32, SD103]

(Quantas vezes lhes foi ensinado nas escolas, nos jornais, na televisão, a depreciar e **odiar esse lugar sinistro ao que chamam "Madri", pronunciado a palavra com a adequada entonação de sarcasmo e desdém, porque nessa Madri habitam os que não são como eles, os que são inferiores, os que estão do outro lado da divisória feroz entre o nós e o nosso e a neblina de tudo o que é alheio e inimigo.**)

O ETA como um grupo de *mafiosos* também é um sentido construído no discurso do El País, como se pode ver nas SDs abaixo. De acordo com a construção da SD106, o caráter mafioso da organização etarra se dá pela *imposição do medo* ao matar como forma de conquistar respeito entre seus povoados e cidades.

ETA, que habría llegado así a la cima de su proceso de **degeneración mafiosa.** [T2, SD104]

(ETA, que teria atingido assim o pico de seu processo de **degeneração mafiosa.**)

ETA es hoy sólo una **Mafia. Saben sus miembros y sus simpatizantes que si dejan de matar no será ya nadie, no serán ya gente "de respeto" - es decir, temible y aprovechada - en sus pueblos y ciudades.** [T28, SD105]

(ETA é hoje só uma **Máfia. Sabem seus membros e seus simpatizantes que se deixam de matar já não será ninguém, já não serão gente "de respeito" – isto é, temíveis e dedicados – em seus povos e cidades.**)

O El País também constrói o sentido de que os integrantes do ETA são o que denominei *impotentes ressentidos*. Após o início da democracia na Espanha, a Forças e Corpos de Segurança do Estado espanhol (FCSE) em cooperação com o governo da França iniciaram um intenso trabalho de investigação e desarticulação da organização etarra. O governo de José María Aznar também se empenhou neste trabalho por meio de reformas nas leis de antiterrorismo. Todo esse esforço resultou no enfraquecimento do ETA. Assim, as sequências discursivas abaixo remetem ao sentido de que os etarras são *impotentes ressentidos*, ao terem compensado seu enfraquecimento de forma desesperada com um grande atentado. Na construção presente na SD110, segundo o policial francês atuante na luta antiterrorista etarra Joel Cathala, esse seria um comportamento de uma *"besta ferida"*. Também, na SD109, de acordo com o então candidato à presidência Mariano Rajoy, realizar

um assassinato massivo como o atentado do 11-M era a maneira do ETA *transmitir a sensação de que são fortes, enquanto na realidade são o contrário.*

Los terroristas han pretendido **compensar con una gran matanza su impotencia, provocada por la eficacia de la acción policial, judicial e internacional contra ellos**; lo intentaron en Navidades y hace quince días al inicio de la campaña electoral, cuando fue detenida una furgoneta cargada de explosivos en una localidad de Cuenca. [T3, SD106]

(Os terroristas pretenderam **compensar com uma grande matança sua impotência, provocada pela eficácia da ação policial, judicial e internacional contra eles**; tentaram no Natal e há quinze dias do início da campanha eleitoral, quando foi detida uma van carregada de explosivos em uma área de Cuenca.)

Los expertos antiterroristas siempre han advertido que, **cuanto mayor fuera la debilidad de la banda, y nunca ha sido tan débil como ahora, más desesperados y crueles serían sus golpes.** [T5, SD10]

(Os especialistas antiterroristas sempre advertiram que, **quanto maior fossa a fraqueza do grupo, e nunca foi tão fraca como agora, mais desesperados e cruéis seriam seus golpes.**)

Rajoy sugirió dos motivos que podrían haber llevado a ETA al "asesinato masivo" de ayer. "Probablemente **quieran transmitir la sensación de que son muy fuertes**", **lo que a su juicio es exactamente lo contrario a la realidad.** "Y probablemente hayan querido decirle a la sociedad española que a lo mejor es bueno llegar a determinados entendimientos para evitar que se produzcan estas cosas". [T28, SD107]

(Rajoy sugeriu dois motivos que poderiam ter levado a ETA ao "assassinato massivo" de ontem. "Provavelmente **queriam transmitir a sensação de que são muito fortes**", **o que ao seu juízo é exatamente o contrário da realidade.** "E provavelmente tenham querido dizer à sociedade espanhola que talvez seja bom chegar a determinados entendimentos para evitar que se produzam estas coisas".)

Expertos franceses en materia antiterrorista daban ayer prácticamente como segura la responsabilidad de ETA y apuntaban a la **desesperación producida por los golpes constantes que recibe.** "Nada hay más peligroso que una **bestia herida**", recordó el comisario Joel Cathala, antiguo responsable de la lucha antiterrorista en el País Vasco-francés. [T31, SD109]

(Especialistas francesas em matéria antiterrorista davam ontem praticamente como certa a responsabilidade do ETA e apontavam ao **desespero produzido pelos golpes constantes que recebe.** "Nada mais perigoso que uma **besta ferida**", lembrou o comissário Joel Cathala, antigo responsável da luta antiterrorista no País Basco-francês.)

O sentido de *criadores de desculpas* também é construído no discurso do El País para descrever o ETA. Esta construção se dá nas sequências discursivas abaixo ao dizer que a organização etarra sempre cria uma desculpa, uma explicação, uma saída para *desviar sua*

responsabilidade na morte de seus atentados e *se proteger diante da opinião pública*. Na SD35, o autor relembra que esse comportamento ocorreu no atentado de Hipercor, em 1987, ao a organização etarra afirmar que havia dado um aviso prévio; e no atentado da cafeteria Rolando, em 1974, ao não assumir responsabilidade.

Nunca los terroristas de ETA habían realizado un atentado indiscriminado contra civiles como el del 11 de marzo. **Siempre se habían protegido con algún tipo de excusa que, ante su gente y ante sí mismos, les permitiera desviar la responsabilidad hacia otro sitio.** Incluso en el atentado de Hipercor en junio de 1987, **la existencia de un aviso previo les sirvió para no asumir la culpa de aquellas 21 muertes.** Lo del 11 de marzo ha sido distinto a todo lo anterior. Es cierto que en el atentado de la Cafetería Rolando de la calle Correo de Madrid, en septiembre de 1974, hubo una matanza indiscriminada en la que murieron trece personas. Aquella bomba iba destinada a la policía, cuyas dependencias estaban pegadas a esa cafetería. Pero de los trece muertos, sólo uno era miembro de las Fuerzas de Seguridad. El resto eran civiles. Y, en cualquier caso, dada la magnitud de aquella tragedia, **ETA nunca se atrevió a asumir su responsabilidad en ese atentado. Hasta el día de hoy no ha reconocido que fue la autora de aquella tragedia.** Esta es la primera vez en que se produce un atentado indiscriminado, dirigido contra civiles, y sin aviso previo. **Todo el discurso que ha venido manteniendo ETA durante más de 30 años, según el cual ETA no mata a inocentes, o si los mata es como consecuencia de accidentes o de errores, se ha venido abajo.** ETA ha matado siempre con motivos, motivos que evidentemente sólo eran aceptables para los suyos, pero con motivos al fin y al cabo. [T26, SD35]

(Nunca os terroristas do ETA tinham realizado um atentado indiscriminado contra civis como o de 11 de março. **Eles sempre se protegeram com algum tipo de desculpa que, diante de seu povo e de si mesmos, lhes permitia desviar a responsabilidade para outro lugar.** Inclusive no atentado de Hipercor em junho de 1987, **a existência de um aviso prévio lhes serviu para não assumir a culpa daquelas 21 mortes.** O 11 de março foi diferente das experiências anteriores. É verdade que no atentado da Cafeteria Rolando da rua Correo de Madri, em setembro de 1974, houve uma matança indiscriminada na qual morreram treze pessoas. Aquela bomba estava destinada à polícia, cujas dependências estavam ao lado da cafeteria. Porém do treze mortos, somente um era membro das Forças de Segurança. O resto eram civis. E, de qualquer modo, dada a magnitude daquela tragédia, **ETA nunca se atreveu a assumir sua responsabilidade nesse atentado. Até hoje não reconheceu que foi o autor daquela tragédia.** Esta é a primeira vez em que se produz um atentado indiscriminado, dirigido contra civis, e sem aviso prévio. **Todo o discurso que ETA vem mantendo durante mais de 30 anos, segundo o qual ETA não mata inocentes, ou se mata é como consequência de acidentes ou de erros, entrou em colapso.** ETA matou sempre com motivos, motivos que evidentemente só eram aceitáveis aos seus, mas com motivos ao fim e ao cabo.)

Como consecuencia de estos atentados intencionados, han muerto multitud de civiles que no entraban en los planes de ETA, pero, insisto, **los terroristas siempre tenían una "explicación" o una "salida" que les salvara la cara ante su público.** [T26, SD112]

(Como consequência destes atentados intencionais, morreram uma multidão de civis que não entravam nos planos do ETA, mas, insisto, **os terroristas sempre tinham uma “explicação” ou uma “saída” que lhes salvara a pele diante de seu público.**)

Por fim, o jornal também representa como uma organização de *ditadores fascistas*⁴¹. Esse sentido aparece nas sequências discursivas abaixo ao dizer que o ETA permanece como uma *prolongação da ditadura franquista*, que não suporta a existência de uma democracia e inclusive é uma ameaça para a democracia, que existe uma linha entre o totalitarismo e a liberdade que separa o ETA do resto do mundo e que tem em suas raízes um tipo de nacionalismo totalitário e idolátrico. Todas estas são características, em minha análise, de *ditadores fascistas*.

Aquella dictadura acabó. La de ETA permanece, casi como una prolongación de aquella. Se nota tanto que **esa organización añora el franquismo**, cuando ellos hasta podían parecer "resistentes". [T28, SD113]

(**Aquela ditadura acabou. A do ETA permanece, quase como uma prolongação daquela.** Nota-se tanto que **essa organização anseia o franquismo**, quando eles até podiam parecer “resistentes”.)

ETA no soporta que exista una democracia, todo lo imperfecta que se quiera. [T28, SD114]

(**ETA não suporta que exista uma democracia**, por mais imperfeita que seja)

Con esta masacre de corte **fascista**, perpetrada con una **repugnante cobardía** contra cientos de trabajadores y estudiantes, con este acto de **barbarie nazi**, **ETA pretende acabar con la democracia española [...]** [T29, SD115]

(Com esse massacre de estilo **fascista**, perpetrado com uma **repugnantes covardia** contra centenas de trabalhadores e estudantes, com este ato **de barbárie nazi**, **ETA pretende acabar com a democracia espanhola.**)

[...] el nuevo presidente del PNV, Josu Jon Imaz, trazó una línea divisoria entre ETA, "**una amenaza para la democracia y la convivencia**", y las personas y partidos comprometidos con el sistema democrático. **Una raya entre totalitarismo y libertad que separa a ETA del resto del mundo.** [T30, SD116]

([...] o novo presidente do PNV, Josu Jon Imaz, traçou uma linha divisória entre ETA, "**uma ameaça para a democracia e para a convivência**", e as pessoas e partidos comprometidos com o sistema democrático. **Uma linha entre totalitarismo e liberdade separa a ETA do resto do mundo.**)

⁴¹ O termo fascismo tem origem na expressão latina *fascio*, que, no contexto da Roma antiga, referia-se ao feixe de varas que era utilizado pelos lictores romanos para aplicar a justiça. A expressão passou a ser utilizada, no século XX, para designar o movimento político e filosófico estabelecido pelo ditador Benito Mussolini, na Itália, o qual representava um governo ditatorial, totalitário, autoritário e nacionalista.

"Es una organización intrínsecamente perversa, cuyas raíces se hallan en un tipo de nacionalismo totalitario e idolátrico. ETA considera un valor absoluta la independencia del País Vasco y para conseguirla no ha cesado de pisotear las bases mismas sobre las que se sustenta el bien común y la paz, es decir, el respeto a los derechos humanos, ante todo, el derecho a la vida", añade la Conferencia Episcopal antes de concluir. [T33, SD117]

(É uma organização intrinsecamente perversa, cujas raízes se encontram em um tipo de nacionalismo totalitário e idolátrico. A ETA considera a independência do País Basco como um valor absoluto e para conseguir não cessou em pisotear as mesmas bases em que se sustenta o bem comum e a paz, isto é, o respeito aos direitos humanos, em primeiro lugar, o direito à vida", acrescenta a Conferência Episcopal antes de concluir.)

Esta análise permitiu identificar no discurso do jornal El País alguns sentidos sobre os atentados do 11 de março em Madri. Logo nos primeiros dias de cobertura dos atentados, o jornal assumiu uma postura que criava o sentido de *culpabilização imediata do ETA*. A construção deste sentido se deu por meio de três eixos. Primeiro, a partir das fontes oficiais do Governo, com a declaração do então ministro do Interior Ángel Acebes, afirmando veementemente que o autor dos atentados era o ETA, juntamente com a confirmação desta autoria pelo então presidente José María Aznar ao então diretor do jornal Jesús Ceberio. Segundo, a partir do acréscimo de outras fontes oficiais, ao trazer as declarações da polícia francesa, dos então presidentes dos Parlamentos basco e catalão, do Conselho de Segurança da ONU, da então ministra do Exterior. É importante ressaltar o peso desta última fonte oficial na construção deste sentido. Na quinta-feira em que ocorreram os ataques em Madri, a então ministra de Exterior Ana Palacio deu a instrução a todos os embaixadores espanhóis para confirmar a autoria do ETA no atentado em todas as ocasiões que se apresentassem. A ação da ministra atuou como uma forma de construção do sentido de culpabilização do ETA no mundo inteiro e, principalmente, de forma oficial. Terceiro, pelo acionamento da memória, ao relembrar atentados passados cometidos pelo ETA; ao recordar a tentativa da organização etarra em realizar um ataque similar ao do 11-M na estação de Chamartín no dia de natal passado; ao dizer que às vezes o ETA realiza um aviso prévio e às vezes não; e ao lembrar que no dia 29 de fevereiro a Guarda Civil interceptou dois membros da organização etarra que se dirigiam a Madri com mais de 500 kg de explosivos em uma van roubada. A partir do dia 12 de março, o discurso do El País, ao inserir a organização Al Qaeda no rol de suspeitos, porém resistindo em abandonar a tese inicial de responsabilização do ETA, passa a construir o sentido de *relativização da culpa*. A construção deste sentido se dá pelas sugestões de uma associação entre o ETA e a Al Qaeda, de que a organização etarra tenha adotado o estilo de atentados da organização de Bin Laden ou que simplesmente tenha mudado seu modus

operandi, de que ETA tenha criado falsos indícios. A partir do dia 13 de março, o El País passa a atuar de acordo com o princípio de objetividade jornalística ao lidar com fatos concretos e indícios materiais.

Entre este período do dia do atentado, 11 de março, ao dia das eleições gerais espanholas, 14 de março, também foi possível identificar sentidos criados sobre o ETA no discurso do El País. Os sentidos encontrados representam ETA como uma organização 1) *cruel*, 2) *fria*, 3) *covarde*, 4) *que tem ódio a Madri*, 5) *mafiosa*, 6) *impotente ressentida*, 7) *criadora de desculpas* e 8) *ditadora fascista*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas horas após as explosões, o então ministro do Interior, Ángel Acebes, declara em coletiva de imprensa a responsabilidade do ETA nos atentados. Juntamente a esta declaração, o presidente do Governo, José María Aznar, contata os diretores dos principais jornais da Espanha, entre eles Jesús Ceberio, então diretor do El País, para confirmar a autoria. Na sequência, o El País publica uma edição extra, cobrindo os atentados, com a manchete “Matanza de ETA en Madrid”. Diante desta postura tomada pelas fontes oficiais do Governo, é possível retomar a noção das fontes interessadas, de Gomis (2004), segundo a qual a grande maioria dos fatos que formam uma notícia é fornecida por fontes que têm interesse que o público tome conhecimento dessas informações. Assim, pode-se dizer que a confirmação por telefonema feita pelo presidente e a declaração em coletiva de imprensa da autoria estiveram vinculadas aos interesses eleitorais do Partido Popular (PP), do Governo. A teoria de Gomis também traz a ideia de que os jornalistas também têm interesse nas informações e furos que essas fontes lhes podem dar, o que acaba acarretando na submissão do jornalismo às fontes oficiais.

Esta submissão se choca com o compromisso jornalístico com a verdade, ao entregar uma informação apurada e verificada. O jornalismo é dotado de valor como instituição social e conquistou “legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas” (FRANCISCATO, 2005, p. 167). Sendo assim, o jornalista tem o compromisso cívico com a verdade, devendo trabalhar com diligência, a fim de entregar ao público uma informação apurada e verificada. É ao que Leight⁴² (*apud* KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 43) se refere ao dizer que “já não basta relatar o fato com verdade. Agora é necessário relatar a verdade do fato”. O fato, neste contexto, era a declaração oficial da autoria pelo ministro do Interior e não a autoria em si, e a verdade do fato era que naquele momento ainda não havia indícios materiais suficientes que provassem essa tese.

Assim, ao jornal assumir na manchete a declaração de Acebes e a confirmação de Aznar sobre a autoria do atentado como um fato, em vez de incluir o nome das fontes, abriu mão de seu papel de mediador entre os fatos e o leitor e se colocou a serviço dos interesses das fontes. Essa submissão foi percebida por meio da análise da construção dos sentidos de

⁴² LEIGH, Robert D. **A Free and Responsible Press**. Chicago: University of Chicago Press, 1947.

culpabilização imediata do ETA e de *relativização da culpa*. O discurso do jornal acompanha a posição da fonte oficial do Governo e se desvincula aos poucos, a partir do dia 13 de março, até que, no dia 14, o jornal reconhece que confiou excessivamente nas fontes oficiais, ainda que em um tom que dá a entender que essa confiança incondicional seria natural e pudesse eximir o jornalismo de responsabilidade.

No *corpus* analisado, também pode-se constatar sentidos construídos no discurso do El País sobre a organização etarra. O ETA é representado pelo El País como uma organização 1) *cruel*, 2) *fria*, 3) *covarde*, 4) *que tem ódio a Madri*, 5) *mafiosa*, 6) *impotente ressentida*, 7) *criadora de desculpas* e 8) *ditadora fascista*. É importante ressaltar que esta monografia se propôs a analisar as construções discursivas do jornal El País sobre o ETA, não entrando no mérito, portanto, de realizar juízos de valor sobre esta organização.

A força dos sentidos encontrados na análise foi evidenciada pelas paráfrases presentes no discurso, sendo assim, pode-se dizer que o enunciador – El País – buscou construir estes sentidos que foram localizados Três anos mais tarde, em março de 2007, uma pesquisa realizada pelo GESOP (Gabinet d’Estudis Socials i Opinió Pública) mostrou que 23%⁴³ dos entrevistados ainda acreditavam na relação do ETA com os atentados do 11 de março de 2004, em Madri. Esse porcentual confirma que, mesmo após ter sido evidenciada a responsabilidade da Al Qaeda nos atentados, os sentidos construídos tiveram um peso tão grande no público que ainda em 2007 havia resíduos deles. É evidente que não podemos atribuir apenas ao jornalismo a responsabilidade sobre o que os espanhóis pensam dos atentados, já que são percepções e crenças alimentadas culturalmente.

Devido à limitação de tempo para a realização de uma monografia e à riqueza do objeto de pesquisa, é possível apontar questões que poderiam ser estudadas e aprofundadas. Seria interessante seguir a análise a partir de outros meios de comunicação, o que permitiria apresentar convergências ou divergências entre estes meios. Como exemplo, trago o jornal basco Gara, que tem uma linha editorial alinhada ao movimento independentista basco; e o jornal ABC, que ao trazer a manchete “Masacre en Madrid: ETA asesina a más de 130 personas” se aproxima do mesmo caráter acusatório do El País. O objeto de pesquisa também tem potencialidade para debater a complexidade da ética jornalística e o potencial dos sentidos residuais que o jornalismo é capaz de deixar em seu público. Além disso, o

⁴³ Disponível em:

https://www.elperiodicodearagon.com/noticias/espana/cae-numero-de-espanoles-relacionan-eta-11-m_367383.html

mapeamento das vozes presentes no discurso do El País também ajudaria a compreender como o jornalismo reforça determinados sentidos em detrimento de outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVILÉS, Juan. **El terrorismo en España: de ETA a Al Qaeda**. Madrid: Arco Libros, 2010.
- BENETTI, Marcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo; MOURA, Cláudia Peixoto de (orgs.). **Pesquisa em Comunicação: Metodologias e Práticas Acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, São Paulo, n. 14, 2008.
- CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. Introduction. In: CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (org.). **The history of terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. Berkeley: University of California Press, 2007.
- CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. The prehistory of terrorism. In: CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (org.). **The history of terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. Berkeley: University of California Press, 2007.
- CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. The invention of modern terror. In: CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (org.). **The history of terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. Berkeley: University of California Press, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. Informação, emoção e imaginários a propósito do 11 de setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DAYAN, Daniel. Introdução. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente**. Aracaju: UFS, 2005.
- GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2004.
- GRANDA, Elsa. **La verdad de Acebes, paso a paso**. El País, 29 jul 2004. URL: https://elpais.com/diario/2004/07/28/espana/1090965608_850215.html. Acesso em: 29 ago 2019.
- GUNARATNA, Rohan. **Inside Al-Qaeda: Global network of terror**. New York: Columbia University Press, 2002.
- HOFFMAN, Bruce. **Inside terrorism**. New York: Columbia University Press, 2006.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os profissionais devem saber e o público deve exigir**. Porto: Editora Porto, 2001.

LABARI, Nuria et al. **Millones de personas se manifiestan contra el terrorismo**. El Mundo, 13 mar 2004. URL: <https://www.elmundo.es/elmundo/2004/03/12/espana/1079113316.html>. Acesso em: 29 ago 2019.

LAQUEUR, Walter. **A history of terrorism**. 3.ed. New Brunswick: Transaction Publishers, 2002.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERARI, Ariel. Terrorism as a Strategy of Insurgency. In: CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (org.). **The history of terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. Berkeley: University of California Press, 2007.

MIGAUX, Philippe. Al Qaeda. In: CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (org.). **The history of terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. Berkeley: University of California Press, 2007.

MIGAUX, Philippe. The Roots of Islamic Radicalism. In: CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud (org.). **The history of terrorism: from Antiquity to Al Qaeda**. Berkeley: University of California Press, 2007.

MIGUEL, Luís Felipe. O jornalismo como sistema perito. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 11, n. 1, 1999.

NOGALES BOCIO, Antonia Isabel. **Metodología empírico-periodística del análisis de contenido y su aplicación**. Aproximación estructural a la cobertura de los atentados del 11-M a través de El País, El Mundo, Abc y La Razón. Tese (Doutorado em Comunicação). Sevilla: Universidad de Sevilla, 2013. URL: <https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/24401> Acesso em: 27 ago 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Cadernos do Noroeste**. Série Comunicação: Comunicação e Sociedade 2, Braga, v. 14, n. 1-2, 2000.

RABELLO, Aline Louro de Souza e Silva. **O conceito de terrorismo nos jornais americanos: uma análise do New York Times e do Washington Post logo após os atentados de 11 de setembro**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo: o que dizem veículos, jornalistas e leitores**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

RIVAS, Javier. **A violenta história do ETA, em números.** El País, 8 abr 2017. URL: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/07/internacional/1491532184_093477.html Acesso em: 20 set 2019.

RIVAS TROITIÑO, José Manuel. **11-M: Apuntes sobre el fracaso de la desinformación o de cómo prevalece la información sobre la convicción.** Estudios sobre el Mensaje Periodístico, n. 10, 2004.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”.** Lisboa: Vega, 1993.

SÁNCHEZ-CUENCA, Ignacio. **ETA contra el Estado: las estrategias del terrorismo.** Barcelona: Tusquets Editores, 2001.

SANDER, Débora Smith. **Jornalismo e a representação do outro: o muçulmano na cobertura dos atentados terroristas em Paris no jornal Folha de S. Paulo.** Trabalho de conclusão (Bacharelado em Jornalismo). Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo.** Florianópolis: Combook, 2011.

SOLDEVILLA FERNÁNDEZ, Gaizka. **La voluntad del gudari: génesis y metástasis de la violencia de ETA.** 2.ed. Madrid: Tecnos, 2017.

SOUZA, Bruno Mendelski de. **A construção do conceito de inimigo nos discursos de Osama Bin Laden no período de 1996 a 2004.** Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Porto Alegre: UFRGS, 2012.

TRINDADE, Carolina Carvalho. **Terrorismo no telejornal: os sentidos apresentados pelo Jornal Nacional sobre o ato de terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris em novembro de 2015.** Trabalho de conclusão (Bacharelado em Jornalismo). Porto Alegre: UFRGS, 2016.

UNA LLAMADA al diario 'Gara' y a ETB en nombre de ETA niega la autoría de los atentados. El País, 12 mar 2004. URL: https://elpais.com/elpais/2004/03/12/actualidad/1079083030_850215.html Acesso em: 31 ago 2019.

VALERIO, María; BÉCARES, Roberto; FERNÁNDEZ, Helena. **Miles de personas protestan en toda España contra el PP.** El Mundo, 15 mar 2004. URL: <https://www.elmundo.es/elmundo/2004/03/13/espana/1079200520.html> Acesso em: 01 set 2019.

ZABILDE, José Luis. **Bases teóricas de la guerra revolucionária.** Digitalizado por Fondo Documental, 1965.

ZELIZER, Barbie. Fotografia, jornalismo e trauma. In: DAYAN, Daniel (org.). **O terror espetáculo: terrorismo e televisão.** Lisboa: Edições 70, 2009.